

ALTEROSA

Guadalupe Silva

NOVEMBRO • 1958

Primeira Quinzena

CR\$ 10,00



Esta suavidade inconfundível chama-se Pond's

A limpeza profunda do Creme C Pond's faz uma *diferença adorável...*

...quando você está ao alcance de um beijo

Modernos testes sob raios ultravioleta provam que o Creme C Pond's realmente elimina impurezas que outros meios de limpeza não alcançam.



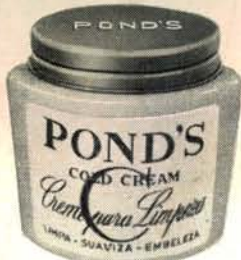
1. Aplicou-se *maquillage* juntamente com impurezas. Sob raios ultravioleta destacou-se forte mancha branca.

2. Em seguida, a pele foi lavada vigorosamente. Os raios ultravioleta mostraram que as impurezas ainda permaneciam!

3. Foi usado, então, o Creme C Pond's. Resultado: *limpeza profunda* na região submetida ao teste.

Prefira o tamanho grande dos cremes C e V — é mais econômico!

E' maravilhoso! Depois da primeira aplicação do Creme C Pond's, você verifica que sua pele jamais esteve tão *limpa*! Seu rosto está radiante, sua *cútil* mais fresca, mais *suave*! E isso, graças ao Creme C Pond's, que limpa mais profundamente remove o *maquillage* e as impurezas mais completamente... corrigindo as imperfeições da *cútil*. Ele lhe dará aquele aspecto encantador que você deve possuir quando está ao alcance de um beijo!



Nenhum outro meio de limpeza...

...limpa mais profundamente

...remove o *maquillage* mais completamente

Creme V Evanescendo Pond's — Finíssima e invisível base para pó, leve, aderente, pura como o orvalho. E, também, — que milagre de beleza para a sua *cútil*! Em apenas 1 minuto — uma boa camada do Creme V Evanescendo Pond's no rosto — as impurezas e as células mortas da pele dissolvem-se e são removidas: ressurge uma pele radiante, encantadora, imaculada! E tudo em 60 segundos!



Creme C Pond's

Galanteadores e Ladrões

GILBERTO DE ALENCAR

AS DAMAS de Lima, consoante rezam notícias vindas da capital peruana, iniciaram e estão levando a cabo com o máximo rigor que lhes permite a condição e o sexo uma barulhenta e vigorosa campanha contra os «piropos». Que são «piropos»? Vou logo a um dicionário espanhol e verifico que «piropos» são galanteadores mais ou menos grosseiros que se postam nas esquinas ou na beirada das calçadas para dizerem inconveniências de todo o calibre às senhoras que passam.

— Diabo! — exclamo comigo mesmo. — Parece que no Peru a coisa, a tal respeito, não difere muito da que se observa no Brasil...

Os galanteadores limenhos, no entretanto, não cruzaram os braços ou fecharam a boca diante da campanha. Escreveram aos jornais dizendo que a culpa de tudo cabe às damas, por usarem vestidos demasiadamente curtos e demasiadamente decotados, o que tudo lhes perturba a serenidade, a eles galanteadores.

— Diabo! — torno a exclamar. — Também por aqui o mesmo se dá... A ocasião, com efeito, desde os tempos mais remotos, é que faz o ladrão. E quem oferece oportunidade a todo o momento não deve nem pode indignar-se ao ver que são de pronto aproveitadas. Se os ladrões — e os galanteadores, grosseiros ou não, são ladrões a seu modo — não respeitam portas trancadas com todo o cuidado, quanto mais portas abertas!

Ao invés de fecharem a porta, como seria natural, as senhoras de Lima tratam de movimentar a opinião pública e chamam a polícia em seu socorro. Querem trajar-se, ou não se trajar, da maneira que melhor entendem e não admitem que lhes faltem com o devido respeito. Os «piropos» contra-atacam e afirmam claramente que não são de ferro, mas de carne e osso como toda a gente. A questão encontra-se nesse pé e não se sabe quem é que vai ganhar. Penso, de mim, que talvez ganhem os galanteadores de beira de calçada, pelo menos enquanto as ofendidas limenhas não mudarem de opinião ou de roupa.

As notícias não esclareceram se os «piropos» usam ou não usam o assobio para chamarem na rua as moças e certas velhas, exemplo de seus colegas brasileiros. E' possível que não usem e que o método seja exclusivamente nacional ou exclusivamente nosso, igual o petróleo. Quanto à salácia, deve ser a mesma, que os salazes, em qualquer latitude, são todos de uma só espécie, ainda que falem linguagem diferente.

Dêste ou daquele jeito, todavia, manda a justiça não se negue razão aos galanteadores do Peru e também aos nossos, porque o galanteio, no fim de contas, é sempre uma deferência ou uma homenagem, ainda quando grosseiro, dependendo o grau de grosseria do comportamento, ou das vestes, das homenageadas que passam. E tudo se resolveria se elas não vivessem passando. Por que é ou para que é que passam tanto ou a todas as horas? Quem vai à chuva, sobretudo sem capa, não tem de se queixar quando sai molhado, porque em casos que tais a molhadura é inevitável.

Não tomem isto que falo como defesa dos «piropos», que sempre fui sujeito muito mais de ataque que de defesa. Não necessitam eles, aliás, de quem lhes patrocine a causa, pois já se defenderam muito bem, demonstrando que é realmente a ocasião que faz o ladrão. A ocasião, no caso, é a falta de roupa ou de outra coisa. De outra coisa que não disseram nem digo eu.



ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL
ANO XX N° 293

Capa

Suzu Parker, jovem modelo que virou estrela de repente, num Kodachrome da 20th. Century Fox.

Contos e Novelas

O Boqueirão	22
Noite de Chuva	34
O Último Vão	38
O Violino do Diabo	52

Artigos e Reportagens

Últimas Palavras	20
Dia dos Mortos	26
Missionários de Amanhã ..	30
O Oriente Desconhecido ..	42
A Arte que a Pompadour	
Criou	46
Sua Obra Está Consagrada	50
A Cota de Alerta da Fadiga	58
Madona Voltou a Spoleto ..	82
Belo Horizonte Votou	98
O Homem Diante de Deus ..	112

Para a Mulher e o Lar

Modas — a partir da	66
Para Seu Lar:	70
Bazar Feminino	74
Arte Culinária	76

Seções Permanentes

Concurso de Contos	37
A Voz do Brasil	2
Cartas à Redação	4
Satélites e Teleguiados	7
Páginas Escolhidas	8
Panorama do Mundo	10
Saúde	16
Quitandinha	18
Nossas Crianças	41
Cantigas	49
Bom-Tom	55
Fuga	61
Páginas da História	62
Esparsos	64
Humor (Bosc)	73
O Crime Não Compensa ..	78
Humorismo (Dounê)	85
Palavras Cruzadas	81
Teste	89
Cinema — a partir da	90
Tapête Mágico	103
Livros e Letras	106
Caixa de Segredos	108
Fotos e Legendas	110

ALBERTO CAPELOTTI

famoso diretor do cinema europeu

vem ao Brasil...



Capelotti, mestre do cinema italiano, vem ao Brasil, com seu assistente, especialmente para contratar uma beldade que será a estrêla do filme "BRASIL... SAMBA E... MULHERES!"

Frequenta a vida noturna, bailes, festas, reuniões etc., e uma noite uma bela mulher desperta-lhe a atenção: - Veja que bela moça!... Tipo exótico! Bem brasileiro



Capelotti aproxima-se do par que dança, mas exclama, decepcionado: - Oh! mas que pele feia! Esta moça não trata da sua beleza! É pena! Seria o tipo ideal, mas com essa pele... nunca!

Capelotti passa a observar a mulher brasileira, na vida social diurna e certa manhã, na praia: - Senhor diretor, alhe ali, que linda garota! Maravilhosa! - Penso que desta vez acertamos!



Capelotti vai falar à moça, mas seu assistente o detém: - Não vale a pena, snr. diretor. Ela tem muitos espinhos no rosto e nos ombros... Não serve para o cinema!

Desanimado, Capelotti vai voltar à Europa, sem a sua estrêla, até que uma tarde, passeando pela cidade: - Ah! que linhas! Que elegância! Vamo-nos aproximar!



Sim! A garota que passava des preocupadamente, foi aprovada pelo "gênio". E declara: "Eu também tinha a pele feia, com manchas, cravos e espinhos. Mas, descobri em tempo que a beleza precisa ser cuidada. ANTISARDINA revelou a minha beleza!"

USE VOCÊ TAMBÉM ANTISARDINA para tratar da beleza do seu rosto, dos braços, das mãos, do colo e dos ombros. ESCOLHA A FÓRMULA QUE RESOLVERÁ FLENAMENTE O SEU CASO DE BELEZA!

N.º 1 (fraco) Protege a cutis dos rigores do sol forte e ventos frios, limpa os poros, tonifica as células, previne o aparecimento de imperfeições. Finíssimo creme, base para a pó de arroz.

N.º 2 (moderado) Elimina manchas, cravos, espinhos, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

N.º 3 (forte) Para ser usado no tratamento das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz para a eliminação de sardas, espinhos e manchas rebeldes.

SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA



Antisardina

o segredo da beleza feminina!

A VOZ DO BRASIL

• Nossa democracia foi posta em posição de sentido com a Constituição de 1946. Posta e deixada nesta posição, ativa mas cansativa. Não é uma democracia em marcha, porque está parada, sustentada apenas pelo seu pedestal constitucional, que vem sofrendo os contínuos e deletérios efeitos da erosão política. Todos — homens e partidos — querem-na ereta como uma estátua de bronze, esquecendo-se de que ela tem como sustentáculo uma coletividade humana, esmagadoramente atrasada, que, sem discernimento e com a duvidosa orientação que tem recebido, poderá deixá-la cair inapelavelmente.

João P. Ferreira
O FERREIRENSE — PÓRTO FERREIRA — SP

• Para a pacificação política há que transigir no acessório e não nas questões fundamentais, principalmente nos pontos de moralização dos costumes políticos. Quando falo em paz, não é para alcançar a unanimidade na política, mas para lutar pela solução dos grandes problemas. Acredito que os homens de responsabilidade possam trabalhar sem perda de suas características partidárias.

Dep. Magalhães Pinto
EM PRONUNCIAMENTO FEITO NA TELEVISÃO

• Narração da descoberta do Brasil, feita por um aluno de ginásio: "Cabral estava tarado p'ra descobrir o Brasil. Então, entrou numa caravela e meteu os peitos. No meio do caminho a caravela fêz fricote, e jogaram a culpa nas costas da África, mas era falta de vento mesmo. Afinal, ela continuou e Cabral deu de cara com isto aqui. A princípio não soube bem o que era, mas, depois, os índios apareceram e ele viu pelo jeito; só podia ser o Brasil. E foi assim que o Brasil foi descoberto".

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• Triste família a dos recalçados! A ela pertence uma coorte funérea. Soltemos êsse demônio interior que nos consome, a fim de sermos felizes. Quando um de nós se sente lesado na vida e entende que o vizinho é bem aquinhoado, começa nossa tragédia íntima, de acentos, verdadeiramente esquilianos. Ai, então, principia nossa ação negativa ou nossa absoluta omissão. A ação negativa caracteriza-se pela malevolência, pelo descrédito lançado ao semelhante, publicamente, e a omissão se traduz pelo quietismo, como forma hindu de reação.

MINAS EM FOCO — BELO HORIZONTE

• Indiscutivelmente, se deve ao Sr. Jânio Quadros, em boa parte, a revolução branca que se operou em São Paulo. Sua candidatura à Presidência da República está na lógica dos resultados do pleito em São Paulo, embora o exame do assunto, para nós udenistas, ainda seja um tanto prematuro.

Deputado Herbert Levi
O GLOBO — DF

• Ah, se em vez de o Brasil ser colônia dos Estados Unidos fôsse colônia da Inglaterra, dentro em breve estaríamos livres.

Emmanuel Vão Gôgo
O CRUZEIRO — DF

1 DE NOVEMBRO DE 1958

• **Pobre Brasil!** Como os próprios filhos falam mal de ti! Que mania desgraçada de julgar que tudo que é nossa terra é coisa errada... São esses sujeitos destruidores do bem, negadores do bem, caluniadores do bem, linguarudos inveterados, serpentes venenosas do mal; são esses péssimos brasileiros que desgraçam tudo e tudo envenenam; são esses inimigos da terra, sabotadores do progresso do País que se tornam a grande "quinta coluna" dos malfetores e inimigos da República. Urge acabar com essa mania e vício de sempre falar mal do que é nosso. Não vamos destruir. Vamos reconstruir ou construir.

Zé Canela de Ferro

GAZETA DE MINAS — OLIVEIRA — MG

• Se eu fosse Governo poria uma medalha no peito de cada um desses juizes e funcionários mineiros, que organizaram, em Belo Horizonte, as secções eleitorais. Tudo isso porque conseguiram ganhar o primeiro prêmio em desorganização. Nunca se viu tanta perfeição para desorganizar. A gente tem a impressão de que estudaram, durante muitos meses o meio mais perfeito de não se poder votar. Resultado? conseguiu a Justiça Eleitoral dar, ao Brasil e ao mundo, a prova de fogo do civismo belo-horizontino. Alguns mortos por asfixia. Centenas de descadeirados. Milhares de inutilizados pelo cansaço. Mas Belo Horizonte votou.

Alberto Deodato

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• Há uma falsa apreciação de que a maioria dos brasileiros é de católicos. Não chegam aos dez por cento os católicos. Todavia, quase todos são batizados, o que é coisa de brasileiro. Entram na Igreja pela porta do batismo e saem por uma outra, nunca mais voltando.

Gustavo Corção

O GLOBO — DF

• Por leal servidor se entende o que se aproxima do povo com respeito e compostura, para lhe falar a linguagem da verdade e não para tentar humilhá-lo com a corrupção ou enganá-lo com a demagogia; o que vê no amor ao povo o sentido evangélico do amor ao próximo, que não reclama recompensa porque se paga em si mesmo.

Milton Campos

DISCURSO AO ELEITORADO MINEIRO

• A tão baixa degradação chegou a nossa vida política e administrativa; tão longe foi a desfaçatez da escória política na satisfação dos seus mais baixos apetites; a tais extremos chegou o atrevimento da horda de marginais que tomou de assalto o poder, no ostensiva proclamação do seu desprezo pelos princípios da dignidade e da honra — que a Nação viu-se abalada nos seus mais profundos alicerces morais e mobilizou-se num movimento de revolta e desagravo.

O ESTADO DE SÃO PAULO

• Nossos homens públicos se preocupam muito pouco com os interesses da população, mormente aqueles que se orgulham de pertencer às chamadas famílias tradicionais, cuja geração de narcisistas vem desaparecendo felizmente. As novas gerações já não estão mais ligando para esse tradicionalismo. Os tempos são outros. O eito, o córrego aurífero, já são coisas do passado e a Casa Grande tornou-se tapera abandonada.

DIÁRIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

completam qualquer conjunto

blusas
e blusões

Valisère

- em várias cores, bem modernas
- corte rigorosamente pessoal



- exija esta marca — garantia da tradicional qualidade Valisère

contato que é uma carícia...
também em blusas!



Todos os nossos artigos de nylon, inclusive da Linha Harmonia de Lingerie, são confeccionados com o legítimo fio Rhodé...-1

CARTAS À REDAÇÃO

ALTEROSA em Los Angeles

PLEASE send us 10 copies of your magazine ALTEROSA each time published. (Favor enviar-nos dez exemplares de sua revista ALTEROSA, toda vez que for publicada).

WALTER SPILE — UNIVERSAL NEWS AGENCY — LOS ANGELES — E. U. A.

Com o Concurso de Contos

PRETENDENDO entregar a essa tão querida e popular revista um meu conto, escrevo-lhes para me certificar de algo que me é de suma importância: pelas bases do Concurso, deve-se datilografar a história, e eu não tenho máquina de escrever. Não seria possível candidatar-me com o conto escrito à mão?

SEBASTIÃO FREIRE DE MIRANDA — BELO HORIZONTE

• Residindo em Belo Horizonte, onde existem tão numerosas casas especializadas em fazer cópias datilográficas, não vemos por que o prezado leitor não possa entregar seu trabalho a alguma delas, para enviá-lo em condições de ser lido sem dificuldades pelos membros da Comissão Julgadora. Aliás, é sempre possível recorrer a algum amigo.

«P'ra Constar...»

LI em ALTEROSA de 1º de setembro («A Voz do Brasil»), umas linhas do Sr. Joaquim José e não pude conter o meu desejo de dar-lhe uma resposta. O que li é uma grande ingratidão a nós, mulheres; nós que vivemos anônimas dentro de casa, cuidando eternamente de afazeres bobos mas necessários. Quando chegamos aos cinquenta, e diminuem — nem sempre — os trabalhos, com

os filhos crescidos, outros já até casados, então é hora de deixarmos de aturar o marido exigente, que começa a achar que só existem «p'ra constar» e vai por aí procurando, etc., e que agora se esquece que a ela deve muito do que conquistou.

Para o seu governo: eu tenho só 27 anos e não 50, e meu marido não me dá (nem eu lhe dou) motivos de queixa.

NEUSA BOMBONATO — UBERLÂNDIA — MG

• E' com prazer que, por estas páginas, encaminhamos ao Sr. Joaquim José, admirável humorista da «Folha do Povo», de Guaxupé (MG), a (bem fundamentada) resposta da prezada missivista. Fora disso, temos a acrescentar apenas que o conceito transcrito em «A Voz do Brasil» não tem razão de ser. Mas que é engraçado, ah, isso ninguém pode negar.

«Festival da Desordem»

NÃO concordo, nem posso concordar, com o resultado final das eleições em nossa Capital. Escrevo quando esses resultados ainda não foram divulgados, mas tenho o direito de não concordar, porque o meu voto não esteve entre os votos apurados. E não esteve porque, com todo o esforço que fiz, com todas as tentativas que empreendi para votar, o certo é que tive de ir para casa com o título em branco: não me deixaram chegar perto da mesa

receptora de votos, como também não o deixaram a numerosas outras pessoas. Foi, que me perdoe o T. R. E., aquilo mesmo que um jornal da cidade andou dizendo, em manchete: um verdadeiro «Festival da Desordem».

Já sei que, amanhã, vou ter dor de cabeça, que vão querer multar-me por não ter votado. Mas, digam-me com sinceridade: a sanção legal que me aplicarem será justa, será humana?

A. B. DE MELO PARREIRAS — BELO HORIZONTE

• O leitor verá que ALTEROSA é da mesma opinião. Nesta mesma edição, à página 98, publicamos uma completa reportagem sobre o pleito eleitoral em Belo Horizonte, não para atacar A ou B, mas para mostrar à Justiça Eleitoral que, da próxima vez, será necessário abrir os olhos.

BICO?

Não! Muito mais do que isso

É a oportunidade de contar com nova e definitiva fonte de rendas. Com um talão de assinaturas, lápis e os minutos de folga, em suas viagens, você terá a sua receita aumentada, colocando assinaturas da Revista ALTEROSA. Como viajante, por certo você sabe que a nossa revista goza de alto conceito, e que há milhares de assinantes em potencial, esperando apenas que alguém lhes proponha as vantagens de assinar ALTEROSA. Seja um dos nossos agentes de assinaturas, ganhando as boas comissões que pagamos por esse trabalho.

Aproveite melhor as suas viagens, vendendo assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Escreva à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, mencionando o seu nome e endereço completos, idade, estado civil, profissão, grau de instrução e fontes idôneas — com que não tenha parentesco — para referências: comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade. Garantimos absoluto sigilo sobre o assunto.

Reclamam os Portadores de Apólices Mineiras

VINHA conferindo os meus títulos da dívida pública de Minas Gerais pela publicação dos resultados dos sorteios nas páginas de ALTEROSA. Noto, porém, que essas publicações, que vinham sendo feitas regularmente há muitos anos, não estão mais saindo nessa revista, o que me tem causado dificuldades, pois não existem à venda aqui outras revistas ou jornais de Belo Horizonte onde eu pudesse encontrar essas informações.

FRANCISCO SOARES DE PADUA —
SÃO PAULO — SP

• Outros leitores estão fazendo a mesma reclamação, mas devemos esclarecer que essas publicações não constituem matéria editorial, e sim divulgação publicitária de interesse do Governo do Estado, que deve facilitar aos portadores de seus títulos os meios de conferir os respectivos sorteios. Mas a publicidade feita numa revista deve ser paga, por motivos que são óbvios, e a nossa Secretaria das Finanças parece que não tem o mesmo modo de pensar. Eis tudo...

Melhora o Eleitorado Brasileiro?

ATE que enfim, parece que começamos a entrar no bom caminho, não é verdade? Veja-se, por exemplo, o que ocorreu em São Paulo, onde o povo vem de lançar o mais completo anátema aos exploradores de sua boa-fé — demagogos, especuladores, negociatas, pelégo — entregando o Governo a mãos experientes e honestas.

A eleição de Milton Campos constitui outra demonstração do que afirmo, valendo por um verdadeiro ato de penitência dos mineiros, pelo grande erro cometido na eleição de 1955, quando teria sido fácil levar esse ilustre estadista à vice-presidência.

E ainda em Minas, o eleitorado está provando a sua independência, contrariando as reiteradas recomendações dos mais conhecidos caciques da situação, como o demonstra a esmagadora maioria de votos atribuída a Milton Campos nos seus próprios redutos.

OSÓRIO V. MARQUES —
BELO HORIZONTE

1 DE NOVEMBRO DE 1958

Veja! Esta
camisa tem
Brancura
Rinso!

Que beleza!
Eu também
vou lavar
com Rinso!



RINSO LAVA MAIS BRANCO!



As camisas lavadas com Rinso ficam uma beleza e duram mais tempo, porque não é preciso ensaboar peça por peça. E mais: a espuma de Rinso penetra fundo nos tecidos e remove toda a sujeira, deixando as camisas com aquela brancura que é um orgulho para as mães... a inigualável BRANCURA RINSO!

No tanque, as donas-de-casa estão conseguindo BRANCURA RINSO ainda mais depressa pelo MÉTODO "LAVA-FÁCIL":

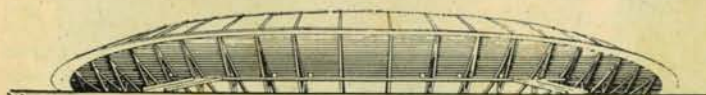
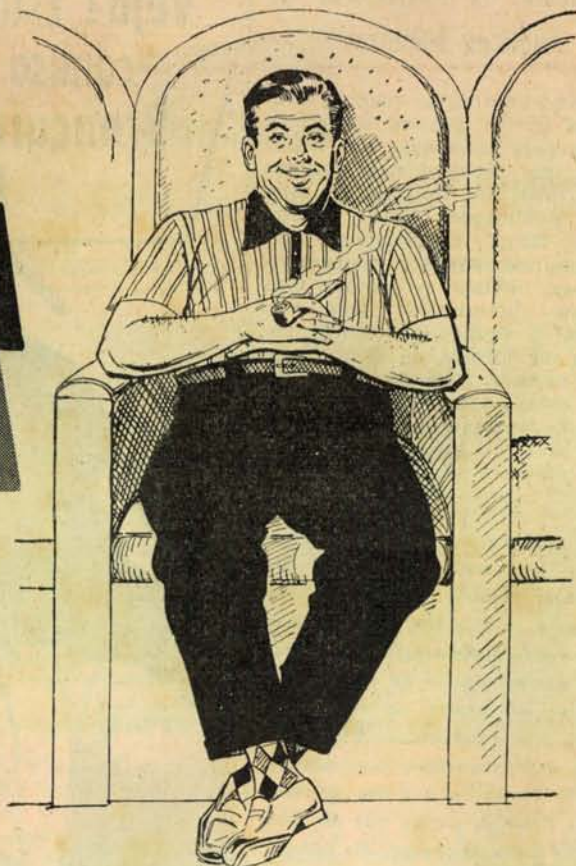
- PRIMEIRO, é só fazer uma boa espuma com RINSO.
- DEPOIS, pôr a roupa e, se quiser, deixar de molho.
- EM SEGUIDA, dar uma rápida esfregada.
- FINALMENTE, enxaguar e pôr no varal.
- PRONTO! BRANCURA RINSO!

Reserve agora sua

CADEIRA CATIVA

OU PERPÉTUA

NO FUTURO
GRANDE ESTÁDIO
BELO HORIZONTE



Você terá também sua cadeira reservada para assistir seus jogos favoritos no Estádio mais moderno do mundo. Os recursos da técnica foram mobilizados para que os mineiros tenham sua grande praça de esportes o mais breve possível.

- Uma cadeira cativa vale por 5 anos — você paga Cr.\$2.700,00 de entrada e o restante em prestações de Cr.\$500,00 e uma de Cr.\$800,00.
- As cadeiras perpétuas valem por toda a vida do Estádio — paga-se Cr.\$7.200,00 de entrada e o restante em prestações de Cr.\$1.000,00.
- Ao adquirir uma cadeira, você não estará apenas zelando pelo seu conforto — estará dando um passo certo para o progresso de nosso futebol.

O Estádio Belo Horizonte é iniciativa da Federação Mineira de Futebol e ficará localizado em ampla área do Km. 4 da BR-3. Terá acomodações para 80.000 pessoas.

VENDAS E INFORMAÇÕES

CÂMARA DE COMÉRCIO Latino-Americana

Matriz — Av. Rio Branco, 177 — 3.º andar — Fone 32-2633
Rio de Janeiro

Sucursal — Rua Tupis, 203 — S/loja de "O Globo" — Fone 4-8465
B. Horizonte

PUBLICIDADE DANILO VALLE •

GIBSON LESSA

A ESFINGE MODERNA — Disco Voador é feito bruxa, ninguém leva a sério, mas quem sabe se existem? Ou quem pode garantir que não?

Eis as cinco constantes principais (e misteriosas) que têm caracterizado a sucessiva aparição dos discos voadores nas mais diversas regiões do globo:

- 1) velocidade (já controlada pelo radar) superior a 30 mil quilômetros por hora;
- 2) voo estacionário;
- 3) manobras instantâneas, rapidíssimas, incompatíveis com as leis da inércia;
- 4) resistência aos fenômenos térmicos que o atrito com o ar deveria produzir;
- 5) silêncio absoluto do aparelho, mesmo em sua máxima velocidade.

Pode ser que os discos não existam; mas, se existem (há testemunhos idôneos) que dirão a isto os físicos da terra?

CATEDRA DE CIÊNCIAS OCULTAS — Hipnose, Telepatia, Clarividência, Astrologia, Grafologia, eis alguns dos fascinantes setores das chamadas «ciências ocultas» (cada vez menos ocultas) que deverão integrar a futura cadeira de Parapsicologia, a ser criada nas universidades do País. O projeto é de autoria do deputado Campos Vergal e foi distribuído às comissões da Câmara. A matéria (nada material) abrangerá o estudo de todos os conhecimentos e fenômenos que chegam ao homem por via extra-sensória e deverá ser ministrada, catedraticamente, nas 4ª e 5ª séries dos cursos de Medicina.

SETE PERGUNTAS, SETE RESPOSTAS... de Luiz Carlos Prestes aos «Diários Associados»:

- Acredita em Deus?
- Embora não creia que alguém aceite isso como verdade, devo dizer que acredito.
- Já foi à Igreja alguma vez?
- Sou batizado e fiz minha primeira comunhão na Igreja Católica.
- Ainda vai?
- Não.
- Juscelino tem sido um bom Presidente?
- O melhor que o Brasil já teve.
- Qual a sua opinião sobre a Operação Pan-Americana?

— Fêz com que o mundo nos conhecesse melhor. O Brasil é um gigante e ninguém mais o desconhece.

— Que acha da Petrobrás?

— É o que temos de melhor. Com ela, o Brasil conseguirá sua total independência.

— Haverá o terceiro conflito mundial?

— Tenho certeza que não. Ninguém haveria de querer a destruição total da humanidade.

TUDO CATÓLICO — Revelou-se em Roma, no Conselho Episcopal Latino-Americano, que «o Brasil é o país mais espírita do mundo». E daí? Aqui, tudo é católico, disse monsenhor Henrique de Magalhães. Há católicos-espíritas, católicos-protestantes, católicos-maçons, católicos-comunistas e até, não raro, católicos-ateus, graças a Deus.

DEFINIÇÃO — «Os cripto-comunistas? Gente muito curiosa: têm a língua branca e os dentes vermelhos». — Georges Bidault.

MAOZINHA... Silveira Sampaio, sobre a Petrobrás, no «Correio da Manhã»: «Que mania é essa agora de andarem dizendo que o Brasil precisa adotar a «solução Frondizi» para o petróleo? E gritam, patrióticos: nacionalismo é ver o petróleo fora da terra, isso sim! Bolas, e quem tirou o nosso petróleo? Por acaso foram as companhias estrangeiras? O óleo estava aí e todas elas diziam que ele era a girafa da anedota. Vieram Oscar Carneiro, Monteiro Lobato (chegou até a ser preso) e mostraram que a girafa existia. Então, as companhias estrangeiras disseram:

— Tá bem, existe, tá bem. Não se fala mais isso. Agora, o que vocês não têm é capacidade para explorar...

Surgiu o monopólio estatal e em pouquíssimos anos, partindo do zero, já estamos botando para fora 58 mil barris diários. Agora, dizem as companhias estrangeiras:

— Tá bem, tá bem. Já não está mais aqui quem falou... Vocês, realmente, têm capacidade. Agora, o que vocês não têm são recursos, para andar depressa... Olhem que a energia atômica vem por aí. Vocês, querendo, nós podemos dar uma mãozinha...»

E' DE DAR RAIVA... A Petrobrás (sem mãozinha) produziu nos nove primeiros meses do corrente ano todo o petróleo extraído entre 1939 e 1956, passando de 2.700 para 58 mil barris diários. O ritmo percentual brasileiro de exploração do petróleo tornou-se, assim, superior ao de qualquer outro país do mundo.

PORCO ADORMECIDO — O padre jesuíta Emmanuel Flipo assistiu no «Pallazzo del Cinema», em nome do Vaticano, ao filme «Les Amants» (a primeira noite de amor filmada pelo cinema), película coroada pelo júri do Festival de Veneza como a mais corajosa do ano. Ao acender das luzes, abordado pelos críticos, resmungou, piedoso: «Todo homem traz no coração um porco adormecido... Aquêles que o acordam não devem sentir-se orgulhosos».

O GRANDE EQUIVOCO: Chaplin rindo-se do Mundo e o mundo rindo-se de Chaplin.

JOVIALIDADE — «Para viver — confessa Maurice Chevalier ao completar 70 anos — tive de começar a trabalhar muito jovem; agora, é para continuar jovem que continuo a trabalhar».

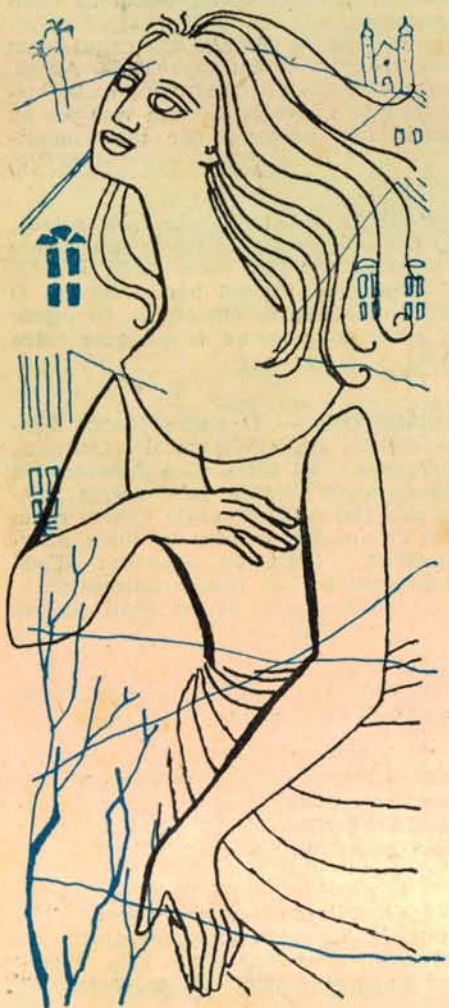
TEMPORAL — «A inflação — diz um economista alemão contemporâneo — um temporal dentro do qual cada qual deve correr duas vezes mais depressa para chegar ao mesmo lugar». Duas vezes só? No Brasil, mil...

O Preconceito de Morrer

PÁGINAS
ESCOLHIDAS

ELSIE LESSA

(Extraída de "O Globo")



ENTÃO, MORRI. Fácil, rápida, serenamente. Eu vogava no ar, com o jeito antigo com que pousava o corpo na água, nadando. Foi só dar uma braçada mais forte e desembaraçar-me das usadas vestes daquele corpo de que me libertava sem pena, sustos ou saudades. Leve, liberta, eufórica, cheia de novos poderes recém-adquiridos. A terra, lá embaixo, lindíssima. Eu, à altura de um helicóptero, nadando no ar, pausadamente, deslumbradamente, sentindo nos olhos (era nêles?) as belezas tôdas de um mundo que eu tanto amei, agora visto de uma outra dimensão, verde de árvores, azul de águas e céus, casario brilhando ao sol. Registre na mente (seria nela?), sem parar para pensar em coisas tristes, o desastre de avião de que eu saíra. Havia de ser por isso que eu insistia em continuar voando. Já que o avião não fizera direito o seu serviço, eu corrigia, por conta própria, as suas falhas, voando o resto do trajeto. As vezes, estive para me assustar de ter transposto, afinal, essa tão temida fronteira da morte. E era só isso? Um medo bôbo, como tantos outros. A tal história do covarde que morre mil mortes enquanto o herói apenas uma. E numa vida inteira eu nunca conseguira me aproximar, nem longinquamente, de nada que se parecesse com uma atitude heróica. Morri mil mortes, novecentas e noventa e nove à-toa.

Depois, fui visitar gente, ver novas paisagens, encantada com a nova situação. Conservei um senso de humor suficiente para achar divertido que não me respondesse. Eu estava farta de saber — passara a vida a ler literatura espírita — que os vivos não nos respondem. Mas achava engraçado fazer a experiência por conta própria. Creio que procurei o Presidente em palácio, ainda não sei bem por quê. Viva, nunca embicara os pés naquela direção, o que me ia fazer lá, recém-saída do invólucro terreno? O sonho não me explicou. Afinal de contas, eu era uma criança nessa outra vida, e infância é idade de travessura. Eu estava nela. O resto era confuso, nebuloso, mas agradável. A sensação mais forte era mesmo a de descoberta, de euforia, segrêdo desvendado, vontade de voltar e avisar aos outros que não tivessem medo, êsse negócio de morrer era uma coisa muitíssimo boa. De céu e inferno, desculpem mas não me lembrei. Não vi nada disso. Aliás, voltei depressa. Da outra vida, fiquei só nos primeiros vagidos. Acordei com a manhã de domingo, uma praia quase tão linda quanto a do céu. Era no céu que eu tinha estado? Não há inferno daquele jeito. Uma sobra de bom-humor, de alegria dentro do peito, uma vontade de telefonar aos conhecidos, a dar a boa notícia. Eu não lhes dizia? Eu tinha uma coisa dentro do peito que sempre me avisava de que morrer não podia ser ruim, nem inferno, nem castigo, nem aniquilamento. Uma outra vida — por que não melhor? — uma nova experiência. Por que não boa? A gente passa a vida repelindo a idéia da morte, que é a única certeza para qual todos inevitavelmente caminhamos. A rodear de sustos, temores e apreensões a sua visita. A falar baixo, fazer o sinal da cruz, horrorizados, à sua só idéia. Não é errado? Por que não ver nela um passo adiante, um degrau galgado, um prêmio, uma libertação, o erguer de uma fabulosa cortina de mistério, o doce reencontro com rostos bem-amados? Eu, por mim, morri. Morri e gostei.

ALTEROSA Vai Custar Mais

NA primeira quinzena de dezembro, os leitores de ALTEROSA irão encontrar a sua revista com o preço de venda avulsa aumentado para 15 cruzeiros. Infelizmente, apesar de todas as gestões em contrário vimos-nos obrigados a fazer o que, há muitos meses, já haviam feito as principais revistas brasileiras.

Conforme nós mesmos tivemos ocasião de anunciar, era nosso propósito evitar a majoração, enquanto fosse possível, isso porque sempre tivemos em mira fazer uma revista que estivesse permanentemente ao alcance até dos mais modestos. Num País onde a cultura torna-se cada vez mais cara, estávamos tentando vendê-la a baixo preço, sempre voltados para o ideal de favorecer a propagação de idéias e princípios que nos têm norteado desde o primeiro número. Enfim, a realidade dos fatos acabou pesando mais que a força do ideal.

E' verdade que poderíamos sacrificar a revista, reduzindo a sua qualidade gráfica e editorial, mas também é verdade que, com isso, estaríamos dando um passo no sentido de afastar milhares de leitores.

E os fatos, quais são? Para ter uma idéia, basta que o leitor faça as contas: já estamos pagando pelo papel o dobro do preço que custava em janeiro deste ano. Como, todavia, o governo está aumentando em parcelas semestrais o preço do dólar destinado à importação de papel, em agosto do ano vindouro estaremos pagando não o dobro, mas o quádruplo, em relação a janeiro passado. Em outras palavras, o papel está passando por um aumento para chegar, quando for somada a última parcela, a mais de quatro vezes o seu preço anterior. Como se isso não bastasse, os materiais de consumo — zinco e filmes para gravura, por exemplo — já subiram mais de 500% e os serviços de imprensa (reportagem, artigos, fotos, etc.), agora importados ao câmbio livre, já estão custando o dobro ou o triplo do que custavam há menos de um ano! Além disso, ninguém ignora que os impostos, aluguéis e salários vêm, ultimamente, crescendo em progressão geométrica.

O pior é que, conforme estudos sérios já realizados, o preço de 15 cruzeiros ainda é insuficiente para as revistas populares, e a sua manutenção somente poderá ser assegurada se melhorar substancialmente a publicidade comercial — cujas tabelas, foram, por sua vez, também majoradas. Esta não melhorando, pode contar-se como certo que, dentro de mais alguns meses, as revistas do gênero de ALTEROSA estarão custando nunca menos de 20 cruzeiros.

Acompanhando o aumento para a venda avulsa, as assinaturas de ALTEROSA passarão a custar, a partir de janeiro: Cr\$ 600,00 (dois anos), Cr\$ 320,00 (um ano) e Cr\$ 170,00 (6 meses).

Quem Precisa de Socorro Sou Eu!...



E O DENTISTA DISSE!

SUA IRMÃ ME DEU O CONTRA PELA TERCEIRA VEZ, ZEZINHO!...

E A CULPA É SUA... ELA DISSE QUE COM ESSE SEU HÁLITO DE PEIXE MORTO, NADA FEITO. VÁ AO DENTISTA VOANDO!

RECOMENDO COLGATE, QUE É UM CREME DENTAL DE BOA QUALIDADE. E QUE USADO APÓS AS REFEIÇÕES, LIMPA E EMBELEZA OS DENTES. PERFUMA O HÁLITO, E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!



EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS PROVAM QUE, EM 7 ENTRE 10 CASOS, COLGATE ELIMINA INSTANTANEAMENTE O MAU HÁLITO QUE SE ORIGINA NA BOCA!



FORMIDÁVEL!... COLGATE LIMPA, DEIXANDO OS DENTES ALVOS E BRILHANTES. O HÁLITO PURO E PERFUMADO! E QUE SABOR GOSTOSO TEM COLGATE!

DEPOIS



PUXA, ATÉ QUE ENFIM! ELE USOU COLGATE E ELA DISSE "SIM"!

Escovar os dentes logo após as refeições com

CREME DENTAL COLGATE

COMBATE O MAU HÁLITO E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o Creme Dental preferido por milhões de pessoas em todo o mundo!



COLGATE limpa e embeleza os dentes, combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

CREME DENTAL COLGATE

COLGATE É O CRIADOR DOS MAIS BELOS SORRISOS!



AUTOMÓVEL LILIPUTIANO

PANORAMA
DO MUNDO

UNS viajam como querem e outros como podem. Isto poderá ser a moral da história que vai contada pela foto.

O senhor Vito Pecory não possuía, como se pode facilmente compreender, o dinheiro necessário para comprar uma máquina de maior cilindrada. Mas, não quis, nem por isso, renunciar a uma viagem pelos quatro cantos do mundo. E sem pestanejar, desenhou e construiu este automô-

vel minúsculo, submetendo-o, a seguir, a 600 quilômetros de prova; ora, o senhor Pecory tenciona fazer a cobertura completa da Europa. E como se pode ver pela foto, o veículo é suficiente para uma pessoa, cuja bagagem poderá ser arranjada convenientemente, sem dar trabalho algum. O espaçoso automóvel, atinge, sem maior esforço, a média de sessenta quilômetros horários.

HA' cerca de dez anos que o reverendo Maurice McCrackin, pastor presbiteriano da igreja de São Barnabé, no Estado norte-americano de Cincinnati, se vem recusando sistematicamente a pagar o imposto de renda. Até mesmo, de 1955 para cá, ele não se deu ao luxo de preencher um só formulário, daqueles que o Govêrno envia aos cidadãos, para fazer um juízo das suas possibilidades. Defesa apresentada por McCrackin: Princípios cristãos. Como pacifista, declinava contribuir para a política armamentista do Govêrno, pagando imposto.

Mas nem todo dia é dia santo. E, certa manhã, um oficial de Justiça, juntamente com dois agentes do Impôsto de Renda, encontraram-no tranqüilamente sentado no seu carro, estacionado em frente ao edifício do centro recreativo para crianças pobres, que dirige. Quando deram ordens para que McCrackin os seguisse, ele desobedeceu. Sem outro remédio, arrancaram-no para fora do veículo, mas o pastor não quis caminhar. Então, cada um agarrando numa parte, os funcionários do Govêrno transportaram o homem alto e magro para o carro oficial e dirigiram-se para a repartição. Aí carregaram o homem para o elevador (onde ele se sentou no piso) e depois conduziram-no à força à presença do delegado e, em seguida, ao escritório do comissário de imposto. Daí a instantes, carregaram-no novamente para o escritório do delegado, onde ordenaram que assinasse um certificado que os autorizaria a libertá-lo temporariamente. Ainda assim, o pastor McCrackin não quis cooperar, e os braços exaustos dos oficiais de Justiça lançaram-no numa cela de detenção, onde ele se estendeu empacado num catre.

Poucas horas mais tarde, foi favorecido por uma ordem que lhe deu liberdade, condicionada a novo julgamento. E o homem renitente, batendo os pés, insistia: "Vocês carregaram-me até aqui, agora carreguem-me para fora". "Calma, velho, assim também não — disse seu advogado. — Seja razoável". E o pacifista McCrackin deu meia-volta com seus próprios pés e caminhou...

DAI A CÉSAR...



O pastor McCrackin carregado pelos agentes do fisco.

SOBERANO INABALÁVEL, NUM MUNDO VACILANTE



O falecido Papa Pio XII

COM sentidas manifestações do mais intenso pesar, os cristãos do mundo inteiro, assim como os crentes de outras religiões, que aprenderam a admirar o Papa Pio XII, em seus dezenove anos de pontificado, receberam a notícia do falecimento de Sua Santidade, ocorrido na Vila Papal de Castel Gandolfo, na madrugada do dia 9 de outubro, após alguns dias de tenaz resistência à doença que, nos últimos anos, o vinha acometendo periodicamente.

Aos 82 anos de idade, o extinto sucessor de São Pedro retirava-se para Deus, depois de uma vida inteira dedicada ao seu serviço entre os homens, não só como chefe supremo dos católicos, mas como figura das mais atuantes no agitado mundo contemporâneo. Ele retirava-se depois de cumprir um destino glorioso, que, de certo modo, estava previsto desde os primeiros anos de sua vida.

Nascido Eugênio Pacelli, a 2 de março de 1876, filho de Filippo e Virginia Pacelli, de nobre família italiana, veio ele alimentar esperanças que, como ainda hoje, eram acalentadas por todas as famílias católicas da Itália. Com efeito, não havia família católica que não almejasse ver um filho seu entrar para o serviço de Deus.

Os seus primeiros estudos logo puseram em evidência as suas excepcionais qualidades de alma e de intelecto, revelando a presença de um homem verdadeiramente incomum. Aos 23 anos, Eugênio Pacelli recebeu ordens sacras (2 de abril de 1899) e, pouco depois, em vista da sua inteligência notável, foi nomeado professor substituto de Direito Canônico no Seminário Romano. Em breve, havia passado pelos degraus da hierarquia da Igreja, e, no dia em que completava 63 anos (2 de março de 1939), subiu ao trono pontifical, depois de ter sido eleito pelo Colégio Cardinalício, em terceiro escrutínio, para suceder a Pio XI.

Por essa época, Sua Santidade já se tornara alvo de admiração, em vista do dinamismo que imprimia às suas funções no Vaticano. Católicos e não católicos já lhe dedicavam igual veneração, e essa veneração cresceu quando, à frente dos destinos da Igreja, soube conduzi-la sem desvios, numa das fases mais difíceis da história do mundo. Embora fundamentalmente dedicado a promover a sobrevivência da Igreja de Roma, Pio XII jamais perdeu de vista o nosso mundo do século XX, agitado por toda sorte de movimentos, amea-

çado por toda sorte de perigos. Conhecendo tais fatos foi que ele reformou, às vezes radicalmente, os métodos de trabalho da Igreja, conservando, não obstante, as suas linhas mestras, que ainda são as mesmas ditadas por Cristo. Ninguém, mais do que ele, combateu com as armas da fé o grande perigo do Comunismo Internacional, nem os próprios comunistas, em suas falsas pregações de paz, se lhe igualaram em trabalho em prol da paz no mundo.

Quando o agravamento dos sintomas precipitou o fim de sua existência e de seu reinado, cristãos de todas as correntes se uniram em orações. Chefes de Estados tradicionalmente protestantes não se furtaram de enviá-lhe telegramas, com votos de pronto restabelecimento, e a própria Rainha Elizabeth, que é por tradição a cabeça da Igreja Anglicana, enviou mensagem ao Vaticano, por ocasião da doença e após o passamento. «Ele desempenhou um papel esclarecido e estabilizador, em um mundo vacilante» — afirmou o «Daily Express», de Londres, acrescentando ainda, para os seus vários milhões de leitores: «Trata-se de um homem de quem dificilmente poderíamos prescindir nesta era atormentada».



Croiset vê através do tempo.

CONHECE A FUNDO OS DESCONHECIDOS

GILBERT Croiset, um holandês que esgaravata as mais profundas regiões da alma, está despertando, com suas experiências, as atenções gerais da Europa Ocidental.

Passando as mãos sobre a cabeça ou o peito das pessoas, o vidente diz sentir em si próprio tudo o que vai no íntimo delas: as sensações, os pensamentos e as preocupações que apresentam no momento. Mas, os seus dons não acabam aí e, além destas façanhas, consegue ainda "enxergar" através do tempo e do espaço.

Não faz muito tempo, em Utrech, três professores da grande Universidade assistiram a uma das suas experiências, definindo o espetáculo como extraordinário: na ocasião, Croiset, causando espanto a todos os presentes, narrou na presença de um aparelho gravador todo o movimentado passado de uma mulher, que ele deveria encontrar três semanas depois. O retrato resultou perfeito: vinte e um dias depois da "descrição à distância", Croiset encontrou em Haia a desconhecida. Ele havia previsto, também, que a tal mulher, ao entrar no salão de experiências da Universidade, se sentaria na cadeira número nove; foi dito e feito.

Apesar do grande interesse despertado por estes acontecimentos, Croiset recusa-se terminantemente a receber quaisquer recompensas financeiras que venham premiar os seus dotes excepcionais. A sua extraordinária capacidade de "ler o passado" permitiu-lhe que, no ano passado, salvasse um pai da angustiosa suspeita de haver assassinado o próprio filho. E em Stade, na Alemanha, pôde revelar o ponto exato onde um menino extraviado fôra morto por um acidente de automóvel. Croiset conta atualmente quarenta e três anos.

7 DE SETEMBRO EM MIAMI

PAORAMA DO MUNDO

COMEMORANDO condignamente o 7 de Setembro, o diplomata Ruy de Mello Teixeira, chefe da representação do Brasil em Miami, nos Estados Unidos, ofereceu uma recepção à sociedade, no decorrer da qual foi apresentada uma sugestiva mostra de produtos brasileiros. Na foto, aparece um grupo feito durante a festa, vendo-se: o Sr. Jorge Silva, os astros de televisão Mary Dunn, Vincente Livelli e Betty Moore, o cônsul Mello Teixeira, a cronista social do «Diário Las Americas» e o Sr. Jerry Medelson, da imprensa de Miami.



POR um broche de diamantes, confeccionado em forma de dália, a princesa Margaret da Inglaterra, terá, talvez, que pagar à alfândega de seu país a pagatela de 1.200.000 cruzeiros, aproximadamente. A história é verdadeiramente singular.

No ano passado, o senhor John Williamson, proprietário da fabulosa mina de diamantes de M'Wandui, ao sul da África, presenteou a irmã da rainha com o custoso objeto. Trata-se de uma jóia de valor incomensurável, constituída por uma dália, formada de duzentos e cinquenta e um diamantes puríssimos e muito grandes. Margaret ficou muito comovida com o presente, mas nunca teve coragem de usá-lo, dizendo a uma dama da corte: «E' muito espalhafatoso. Não se pode dar uma volta com uma autêntica mina de diamantes afixada ao peito».

Todavia, para não ser desagradável ao gentilíssimo Williamson, a princesa conservou a jóia tal qual era, contentando-se de mandar guardá-la numa caixa-forte.

Acontece, porém, que Williamson morreu no princípio deste ano. E um grande joalheiro de Londres se prontificou a dar nova forma ao riquíssimo aderço, tirando algum diamante que pudesse ser utilizado de outro modo. Mas, caso esta simples operação seja concretizada, Margaret estará na obrigação de despendar a cifra que mencionamos, ou seja, cerca de 1.200.000 cruzeiros, e ficará num curioso dilema. E esta soma não

PRINCESA X IMPÔSTO



O dilema de Margaret: pagar ou não pagar?

será paga ao joalheiro que vai fazer o serviço, e sim à alfândega. Senão vejamos: quando regressou de sua viagem à África, a irmã da rainha havia recusado pagar a taxa de importação sobre os duzentos e cinquenta e um diamantes da «dália», ofertada por Williamson, afirmando que se tratava de um presente oferecido por toda a população, que reverenciava deste modo a sua visita oficial.

Assim considerando, e observadas as próprias palavras da prin-

cesa, o presente tinha sido feito à irmã de Elizabeth, enquanto representante da coroa britânica. E a jóia deveria permanecer, como de fato permaneceu, tal qual era, pois constituía propriedade legítima da Coroa. Entretanto, se Margaret quiser, agora, mudar-lhe a forma e adaptá-la a seu gosto, nada em contrário a impede de fazê-lo. Mas, em compensação, ela deverá pagar, como qualquer outro cidadão britânico, os direitos devidos ao Estado.

FRANÇOISE SAGAN ÀS AVESSAS

NA França, como não podia deixar de ser, acaba de surgir uma nova escritora, cujo maior mérito reside em sua pouca idade. Chama-se Marie-Gisèle Landes, é filha de um médico e

conta apenas vinte e dois anos de idade. Tendo escrito um livro intitulado «Le Grand Homme Gris», história de uma moça, Ana, que vive em meio à juventude «livre» da última geração, Marie-Gisèle jura que não se trata de sua auto-biografia. As palavras são dela: «Quis, apenas, descrever o ambiente em que vivi dos dezessete aos vinte anos». Ambiente: Saint-Germain des Prés, no inverno e Saint-Tropez, no verão. A diferença entre Françoise Sagan e Marie-Gisèle Landes é que a autora de «Le Grand Homme Gris», ao contrário da primeira, condena as mulheres e exalta os homens. E ela se explica: «As mulheres me são antipáticas porque vivem na hipocrisia. E, depois de terem obtido a igualdade com os

homens, não contentes, buscam ainda uma superioridade, que na melhor das hipóteses é conseguida artificialmente. Também diante do amor, são falsas e hipócritas. Estou certa de que, para o futuro, quando as jovens de hoje estiverem mais idosas, elas serão muito mais infelizes do que nossas avós, que viveram verdadeiramente segundo a sua natureza feminina, sem fingimento e sem mentira. Hoje, as moças comportam-se como se não tivessem medo de nada e isso faz a infelicidade, tanto delas próprias, como dos homens».

Desnecessário dizer que Marie-Gisèle Landes é uma belíssima morena, alta, de olhos negros e dona de um sorriso encantador. Não obstante, suas amigas dizem que ela é a timidez em pessoa.

RECENTEMENTE, uma expedição, composta de membros das universidades de Harvard e Cornell, e chefiada pelo professor George Hanfmann, encaminhou-se para a região onde se presumia estarem sepultados os restos de Sardis, a famosa capital da Lídia. Por último, circulou a notícia de que o lugar exato da antiga cidade foi afinal descoberto.

Como se sabe, veio da Lídia, na Ásia Menor, um dos maiores fluxos culturais que influenciaram a Civilização ocidental. E Cresos, último rei daquele país, é lendário por sua fabulosa riqueza, sendo que Sardis, uma esplêndida e maravilhosa cidade, transformou-se, depois de sua morte, em Capital de todo o império persa.

Os arqueólogos sempre estiveram de acordo em que as ruínas de Sardis deviam ser extremamente interessantes, mas não providenciavam as escavações porque nenhum deles conhecia o sítio exato da célebre cidade. Agora, depois dos trabalhos daquela expedição, sabe-se que ela se situava na região da moderna Esmirna, na Turquia, e suas ruínas eram confundidas com as ruínas cristãs, gregas e romanas.

A descoberta foi feita graças a trabalhos preliminares de pesqui-

sas, seguidos de intensos serviços de escavações. Depois de gastarem bom tempo no exame das conspícuas ruínas de um templo de Artemis, os membros da expedição nada haviam conseguido. Apenas, em certos locais, tinham encontrado alguns remanescentes cristãos e romanos, sem maior valor histórico, e alguns fragmentos de louça lídia. Mas, quando atacaram as fundações de uma grande estrutura romano-bizantina, denominada «edifício B», depararam com um veio precioso: um grande bloco de mármore, que trazia uma inscrição, dizendo que o imperador romano Lúcio Vero (130-169 DC) havia passado por ali e concedido uma soma em dinheiro para o «gimnasium», que deveria ser uma modalidade de escola. Isto sugeriu que o «edifício B» deve ser o «gimnasium» mencionado. Se fôr, os escavadores estão quentes, como se diz no jôgo do «chicotinho queimado», pois, de acordo com os escritores antigos, o «gimnasium» de Sardis ficava à vista do palácio real de Cresos.

Depois de trabalharem durante algum tempo perto do «edifício B», os escavadores encontraram as ruínas de uma luxuosa casa romana, o que constituiu outra grande descoberta.

**PANORAMA
DO MUNDO**

ONDE CRESO REINO

A MORTE DE UM BARCO

No rosto dos sobreviventes, uma acusação à Marinha.

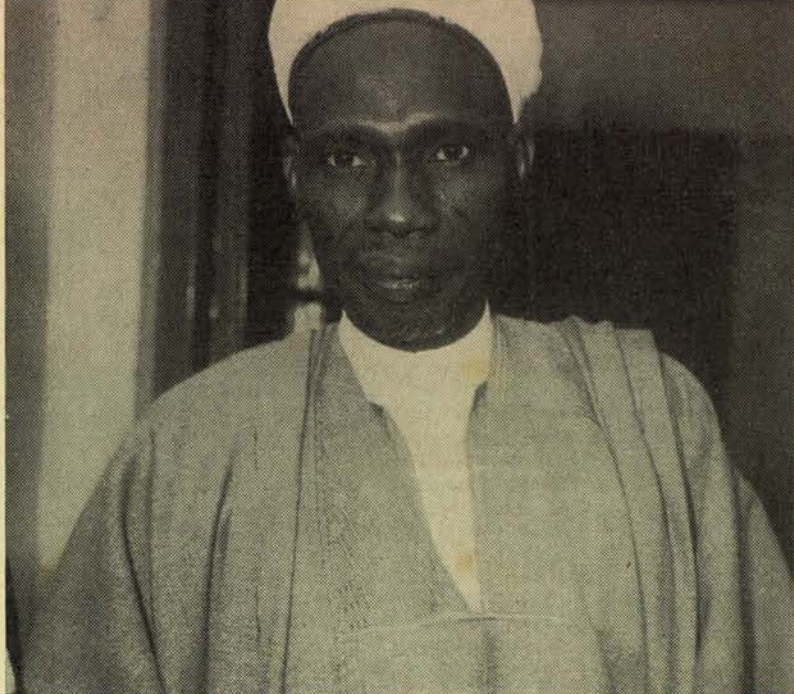


OPESADO cruzador norte-americano "Indianapolis" era um barco realmente majestoso. Antes da segunda guerra mundial, servira como "Casa Branca" flutuante de Franklin Roosevelt. Tinha ostentado a bandeira de quatro estrelas do almirante Raymond A. Spruance e sobressaíra-se em diversas batalhas no Pacífico. Em fins de julho de 1945, fez sua viagem mais notável, num percurso de 2.091 milhas, de Farallons a Diamond Head, batendo um recorde de velocidade. Razão para a pressa: ia a caminho das Ilhas Marianas, numa missão sem precedentes — conduzia os apetrechos para a bomba atômica de Hiroshima.

Depois disso a guerra perdeu sua importância e o "Indianapolis" foi requisitado para servir em exercícios de treinamento.

Na sombria manhã de 30 de julho, ele seguia só, de Guam para Leyte, quando duas tremendas explosões foram ouvidas a estibordo, sem que nenhum vigia houvesse dado qualquer sinal de ataque inimigo. Nunca se saberá precisamente quantos homens morreram com as explosões. O certo é que, no curto espaço de dez minutos o "Indianapolis" soçobrou, lançando n'água nada menos de 850 homens, entre oficiais e marinheiros. Eles tinham algumas jaquetas

O MINISTRO CHEGA



O FLAGRANTE foi feito no aeroporto de Londres e a personagem é o Primeiro-Ministro da Federação da Nigéria, Alhaji Abikabar Tafawa Balewa, que partiu de Lagos, na sua terra natal, para participar de uma

conferência constitucional na capital britânica. Como se sabe, está a Inglaterra, pouco a pouco, abrindo mão das suas colônias, elevando-as ao status de «Membro da Comunidade Britânica de Na-

ções». A Nigéria ainda não chegou a essa situação, mas, dentro em breve, alcançará a autonomia, assim como já a conquistaram a Costa do Ouro (hoje Ghana), a Federação Malaia e outras antigas colônias da Coroa.

salva-vidas e algumas balsas, mas não possuíam botes salva-vidas.

Centenas de náufragos acharam-se de repente sufocados num viscoso banho de óleo e graxa, que os cegava, fazia-os arrotar e vomitar, até não mais poderem. Homens amontoados em balsas eram sacudidos com tamanha violência que, cedo, tinham os corpos esfaqueados e banhados em sangue. Os das jaquetas salva-vidas tiveram sorte diversa: as jaquetas encharcavam-se de água e óleo, e faziam pêso para baixo, em vez de flutuarem. Alguns morreram de ferimentos e exaustão, outros beberam água do mar e morreram em agonia. Houve alucinações: disseram que bem próximo havia uma ilha com um hotel, e alguém estava telefonando, mas o hotel não tinha lugar disponível, estava lotado. Alguns até livraram-se de suas jaquetas salva-vidas e puseram-se a nadar com toda a força em direção da "ilha", em direção da morte.

A carnificina causada pelos torpedos japoneses foi, sem dúvida alguma, terrível, mas as estranhas circunstâncias que cercaram o desastre, transformando-o na maior catástrofe já registrada na Marinha dos Estados Unidos, é que deixaram muitas pessoas surpresas. O assunto já foi suficientemente discutido na época em que ocorreu o sinistro, mas daí para cá inúmeras incertezas e desconfianças ficaram pairando no ar à procura de resposta. Por exemplo, o fato de as autoridades navais não tomarem imediatas providências que abrandassem o sofrimento dos infelizes náufragos, intrigou a muita gente.

Aviões sobrevoaram os destroços humanos, mas nenhum deu confiança aos sobreviventes do "Indy", que permaneceram ignorados pelo espaço de 84 horas, até que foram localizados casualmente.

Agora, nos Estados Unidos, acaba de ser lançado um livro em que o autor Richard F. Newcomb apresenta a história em toda a sua veracidade. Para tanto, Newcomb, na época um correspondente de guerra no Pacífico, investigou detidamente todos os detalhes da ocorrência, conversando com sobreviventes e demais funcionários navais. Assim, ele afirma que, embora o "Indy" tivesse perdido toda a energia elétrica, seus homens ainda tentaram transmitir um SOS, que ninguém ouviu. O pior, e que o autor considera como a mais aberrante prova de negligência da Marinha no caso, aconteceu na tarde seguinte à tragédia, quando os quebra-códigos americanos decifraram um despacho de um submarino japonês, dizendo que tinham afundado uma belonave da classe do barco "Idaho", na posição exata em que o "Indianapolis" deveria estar. Embora o "Idaho" estivesse, também, operando naquelas paragens — conclui enfaticamente o autor — é quase inacreditável que ninguém parou para refletir na possibilidade dos tripulantes do submarino haverem confundido o "Indianapolis" com o Idaho, transmitindo a notícia invertida.

Depois de várias outras considerações, declara por fim, o autor: "Na tragédia do "Indianapolis", a Marinha foi a maior inimiga de si mesma".

AGENTE Nº 1 DE DEMOLIÇÃO DOS DENTES

A PARTE do corpo mais ameaçada por um agressor, cujas destruições não podem ser reparadas pela natureza, é a boca. E raras são as pessoas que escapam a esse elemento destruidor — a cárie dentária. Sem dúvida, ela constitui uma das doenças mais desenvolvidas entre a civilização e, apesar dos estudos e das pesquisas que se têm feito em torno dela, a cárie dentária ainda continua envolta em mistério.

Apresenta-se geralmente sob a forma de um pontinho ou de uma pequena mancha, sobre o esmalte do dente, alterando-o, mas sem que nenhuma dor assinala a presença da lesão. Daí, a cárie progride pouco a pouco, da superfície para o centro e, quando atinge o marfim, o dente adquire certa sensibilidade, particularmente ao calor, ao frio e a certos alimentos. Prosseguindo em sua marcha, ela alcança a polpa dentária, dando lugar ao aparecimento da dor, que é mais ou menos forte, de acordo com a extensão lesada.

Se não se cuida logo de impedir a sua ação, a cárie prossegue no seu incansável trabalho destrutivo, cada vez maior e mais profundo, dando origem a complicações tais como: osteíte do maxilar, abscessos, quistos, etc. Às vezes, quando o dente lesado é o segundo pre-molar, ou um dos molares superiores, a infecção alcança a região dos seios faciais e acaba por originar uma sinusite maxilar.

A infecção dentária pode acarretar infecções as mais diversas, com o perigo de elas atingirem os rins, o aparelho digestivo, os pulmões, os olhos e até mesmo o coração. Uma cárie não cuidada tem possibilidades bastante para abrir portas a toda sorte de perturbações, que são muito mais graves do que a alteração provocada no dente.

Existe um agente anti-cárie que tem estado na ordem do dia e cuja eficácia tem sido objeto de discussão há mais de vinte e cinco anos. Trata-se do fluor. Foi em 1908 que o americano Mac Kay verificou que algumas crianças que faziam parte de sua clientela possuíam dentes melhores do que outras, apesar de elas morarem próximas umas das outras, terem o mesmo padrão de vida e observarem a mesma alimentação. Concluiu então que tal diferença só poderia ser atribuída à água.

E em 1931, os químicos justificaram a sua conclusão: havia fluor dissolvido na água que aquelas crianças consumiam. Quatorze anos mais tarde, os americanos resolveram aplicar essa descoberta na profilaxia dentária e as experiências realizadas têm dado resultados satisfatórios. Contudo, existem controvérsias que teimam pôr em dúvida a ação preventiva do fluor, contra a cárie dentária.

CÁPSULAS

A VISITA periódica ao dentista e o hábito salutar de escovar os dentes depois de cada refeição são meios indiscutíveis de prevenção contra a cárie dentária. * AS PRECAUÇÕES para evitar a cárie não devem consistir apenas em cuidados externos; é mister que se faça uma higiene alimentar, observando um regime equilibrado, variado e abundante em cálcio, mas sem exagero. * ESTA' provado que as pessoas que possuem o hábito de comer chocolate antes de dormir apresentam muito mais cáries do que aquelas que se abstêm disso. * PARA EVITAR a cárie, muitos dentistas recomendam: não abusar do açúcar e nem de produtos açucarados, e não fazer uso de tais produtos entre as refeições.

«O Rei Dos Cowboys»

A O examinar Bob Crosby, que fôra retirado de um rodeio em Phoenix (Arizona), em virtude de uma queda espetacular, que lhe causou o deslocamento do joelho, foi esta a expressão do médico: — «Ele não poderá tomar parte em nenhum rodeio este ano».

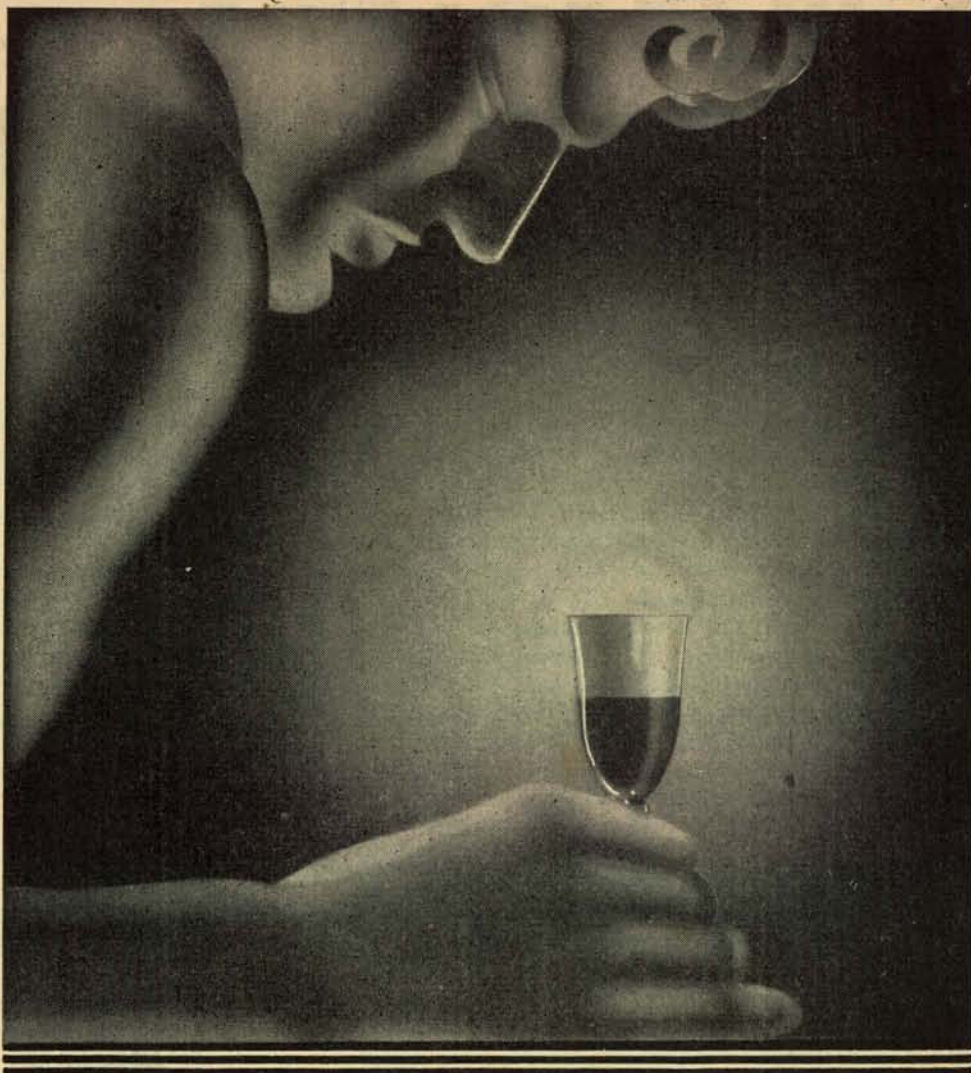
Mas o «rei dos Cowboys» limitou-se a sorrir, ante aquela afirmação. Com apenas 33 anos de idade, sentia ter ainda uma carreira brilhante pela frente e não lhe agradava, de modo algum, interrompê-la. De fato, um mês depois, ele voltava à atividade, mas foi novamente ferido, dessa vez, na coxa. Fora da área de combate, o grande peão ensoopou com querosene o ferimento, que sangrava abundantemente, e, no dia seguinte, apresentou-se para a luta, conseguindo obter o primeiro prêmio.

Algum tempo depois, Bob foi arremessado ao chão, por um novilho, e uma pata ferrada pisou-lhe o rosto, causando-lhe sérios ferimentos nos olhos, a ponto de deixá-lo cego, durante cerca de dois meses. Vencida mais essa dificuldade, o grande «Wild Horse Bob», como era conhecido, retomou as rédeas e, já estava quase terminando um novo espetáculo, quando foi violentamente derrubado. A queda valeu-lhe uma perna quebrada, que grangeneou em pouco tempo, devendo então ser amputada. Bob entretanto, preferiu retirar-se para o seu acampamento no Novo México, onde encontrou um médico que se dispôs a tratar de sua perna como ele desejava. Munido apenas com um canivete desinfetado com álcool e tendo como auxiliar unicamente o corajoso peão, o doutor fez uma raspagem no osso. Por todos os lados, corria a notícia de que Bob Crosby estava irremediavelmente claudicante, e que jamais participaria de um rodeio.

No último espetáculo daquele mesmo ano — 1930 — os espectadores viram um homem de muletas caminhar, pensosamente, em direção ao selim. Outro não era senão o grande «Wild Horse Bob».

A assistência, emocionada e surpresa, levantou-se para saudá-lo crendo ser aquela a última vez que o veria em ação. Mas não foi assim! O indomável peão haveria de surpreendê-la ainda por muitas outras vezes com a sua habilidade e sua coragem! Ele parecia indestrutível e realmente o era, ao toque do sino de um rodeio.

Mas, em 1947, a sorte o abandonou irônica e não numa área de rodeio — mas numa trombada de jeep, onde ele teve o seu encontro com a morte.



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol





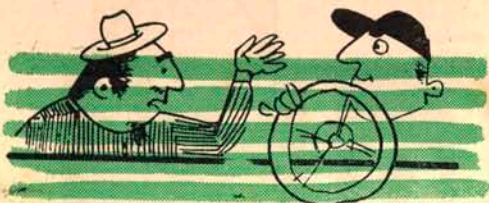
Maricota (10 anos) Explica o Bicho

O passarinho que eu vou escrever êle é a coruja. Vovó diz que a coruja não sabe ver de noite, mas de dia é tão cega quanto o galo do Tio Zezê, aquêlê que botucou os olhos lá na rinha. Vovó diz que eu não posso falar da coruja porque nunca vi ela de dia, e por isso escolhi outra fera para escrever: a vaca. A vaca é um mamífero. Meu irmão falou que ela é quadrúpede, mas eu acho que está errado, porque a vaca não tem pé quadrado. O que ela tem é uma escôva dêste tamanho pendurada na cauda. A vaca toca ela pr'a lá e pr'a cá, por causa de quê as môscas não caíam dentro do leite. A cabeça é o canteiro da vaca; nunca vi as sementes, mas é na cabeça que brotam e crescem os chifres. Se ela não tivesse cabeça, como a gente podia saber onde é a bôca da vaca? Debaixo da vaca a gente vê leite pendurado. Êle vem dentro duns canudinhos engraçados que a gente aperta quando quer leite. A vaca fabrica muito mas ainda não sei como a danada consegue fazer tanto. A vaca tem um cheiro fino — a gente pega êle até de longe. Eu acho que é por isso que o ar é tão fresco lá em nossa fazenda. Não sei porque o colega da vaca tem o nome de boi, eu acho que o masculino é com O, assim: vaco. O boi não é mamífero. A vaca não come muito, mas o que come, come duas vêzes, que é pr'a ter muita comida. Quando ela está com fome, dá um berro grande, mas quando não diz nada é porque lá dentro está tôda cheia de capim.

Prudência

Suando admiração por todos os poros, o capiau desembarcou na estação da Central, pegou a malinha tôda esfolada e entrou — pela primeira vez na vida — num táxi. Durante a viagem, tôda vez que tinha de fazer uma curva, o chofer punha o braço do lado de fora. Mas o recém-chegado, não sabendo o que era aquilo, acabou-se irritando e, quando não podia mais, saiu-se com esta:

— Escuta aqui, moço: presta atenção no seu serviço e deixa o resto por minha conta. Quando começar a chover eu aviso.



Correndo e Confundindo

Chamavam-no Seu Vicente, um homem extremado em suas convicções. Não tolerava blasfêmias, e, muito menos, palavras ofensivas à sua dignidade. Mas, certo dia, censurando um menino travesso e desbocado, obteve a seguinte reação:

— Ora, vá pr'o inferno.

Seu Vicente quis pegar o garôto, e aplicar-lhe algumas palmadas. O menino saiu correndo, e Seu Vicente atrás. Havia, porém, uma volta no caminho, e, quando deu por ela, Seu Vicente já trombara violentamente contra o seu amigo José, que vinha em direção contrária.

— Por que tanta pressa? — espantou-se o amigo.

— E' questão de princípios — espumou Seu Vicente. — Êle mandou-me pr'o inferno...

E o José, que não vira o menino, perguntou, com inocência:

— Mas é preciso esta pressa pr'a chegar até lá?



Contra-Mão

Ricaço de muitas posses e poucas luzes, regressou de uma viagem à Europa e, ainda no aeroporto, foi interrogado por um amigo:

— Então, trouxe de lá algum Picasso, algum Van Gogh?

E o milionário respondeu:

— Oh, não. Na Europa, todos têm o volante do lado direito e, além disso, eu já tenho dois Cadillacs.

Nos Abismos do Espírito

Maduro e de aparência distinta, o homem não mostrava nenhum sinal de precisar de auxílio de um psiquiatra. E, de fato, não precisava, como se verificou quando ele disse ao clínico :

— Vim aqui, doutor, por casa de meu avô. Imagine que ele passa horas e horas fechado no quarto, a brincar com uma boneca de borracha.

— Mas nisso, meu amigo, não há nada de grave — assegurou o médico. — Trata-se apenas de uma forma inócua de infantilismo senil.

Foi então que o cliente explicou :

— Até aí, muito bem, doutor. Mas acontece que a boneca é minha.

* * *

Agitado, o rapazinho entrou no bar, pediu um chope, bebeu a metade e jogou o resto no rosto do "barman". Antes que este manifestasse o seu protesto, o jovem desculpou-se, todo envergonhado :

— Perdão, perdão... a culpa não é minha. O negócio é com o meu sistema nervoso. É uma coisa que me obriga a fazer isso, mas depois, nem queira saber como me sinto angustiado...

Conhecedor dos homens e diletante da psicanálise, o "barman" respondeu, com muita calma :

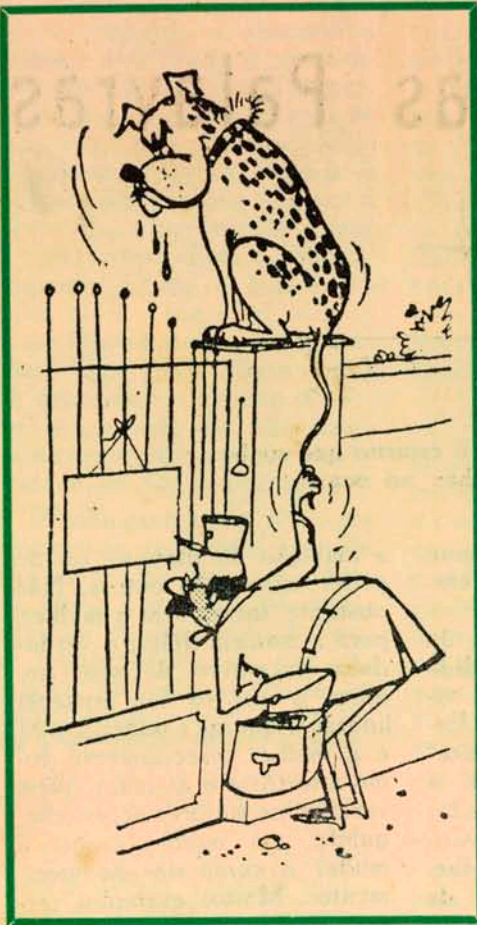
— Eu compreendo, isso não há de ser nada. Mas lhe dou um conselho : por que não procura um psicanalista ?

O moço agradeceu o conselho. Daí a alguns meses, apareceu de novo no bar, pediu um chope, bebeu a metade e tornou a jogar o resto na cara do "barman". Este, consternado, perguntou :

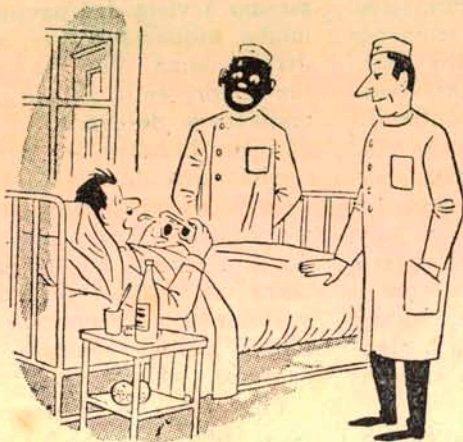
— Uai ! O senhor não procurou o psicanalista, como eu tinha falado ?

Ao que o jovem respondeu :

— Procurei, sim, e deu certinho. Agora, eu faço o que quero e não sinto nada depois.

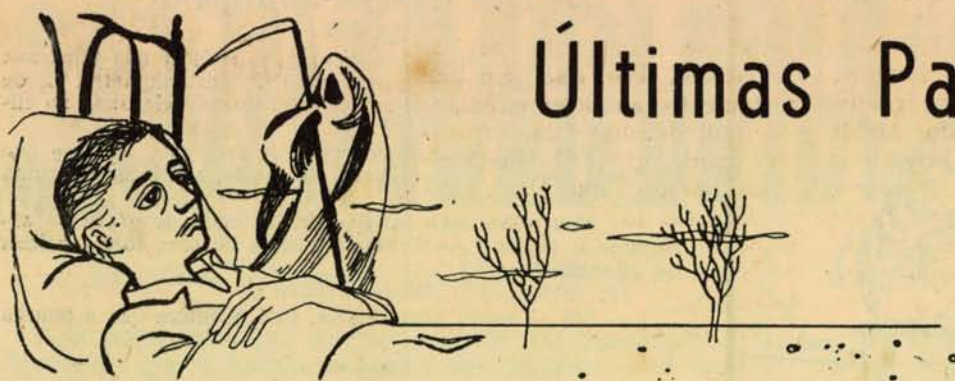


Assim escrevia aquela coisinha (13 anos) que desejava ser gente a todo custo: «Mamãe, agora já sou adulta. Tenho discutido com minhas primas tôdas as coisas sérias da vida — casamento, namorados, etc. P.S.: «Mande com urgência a minha boneca de matéria plástica».



— Pelo lado esquerdo ainda vejo tudo escuro, doutor.





Últimas Palavras

Quem soube viver, sabe também morrer, e o espírito que soube brilhar no zênite, sabe também brilhar no ocaso.

UN bel morire tutta una vita onora. Assim reza a operística convencional em que se vive, se sofre e se morre cantando. Mas outra coisa é a vida real. Nesta se diria que o **bel morire** não é privilégio do homem comum, mas só dos grandes espíritos, das fortes personalidades, daqueles homens, enfim, que havendo tido sempre um profundo sentido da existência conseguem dar, no transe supremo da morte, como o deram em vida, um exemplo, uma frase, um gesto que constitua, por si sômente, síntese admirável de grandeza.

As frases pronunciadas no último instante da vida não se podem atribuir ao desejo de **posar**, ainda que isto haja sido sempre, de parte de quem as diz, uma preocupação, porque os momentos que precedem a morte não são por certo os de cuidar da linha, sobretudo se se tem a consciência do fim. E' que, geralmente, quem soube viver, sabe também morrer e o espírito que soube brilhar no zênite, sabe também brilhar no ocaso. Por isso a História e a tradição recolheram a emoção desses instantes em que, antes de apagar-se para sempre, a vida dos grandes homens costuma brilhar com mais intensidade, como se qui-

sesse fixar-se definitivamente no último e intensíssimo clarão.

E' precisamente o símile da luz que aparece na difundida cena final da maravilhosa vida de Goethe octogenário. Espírito apolíneo, homem sincero e intenso, poeta cabal, já havia entrado na imortalidade antes de desaparecer. Como a muito poucos, coube-lhe, com efeito, a satisfação de ver-se reverenciado enquanto viveu, de saber-se interpretado, de sentir-se lisonjeado até muito mais além do que sua vaidade poderia exigir.

Não obstante, mesmo sendo o glorioso, o amado, o mais belo de seu tempo, Goethe, perto de morrer, sentia-se ainda insatisfeito. Por isso, talvez, já próximo o momento de cerrar seus olhos para sempre, ele, que tantas coisas belas e profundas soube dizer, reclamava ainda da vida seu tributo numa última frase que ficou entre as mais famosas da história: «Luz, mais luz!...», com o que queria expressar que morria com o desejo de superar-se, mesmo quando outra não fôra a preocupação de toda sua existência.

Que impulsos movem os guerreiros, os aventureiros, os patriotas, os heróis? O desejo de glória pessoal, dirão alguns;

a ambição do dinheiro ou do poder, afirmarão outros. Não obstante, talvez seja a mulher, para a maioria deles, o verdadeiro incentivo de seus sonhos, o que os faz apetecer honras, riquezas e poderio, pois é a mulher, precisamente como a história o assinala, quem suscitou as maiores ações, chegando, em muitos casos, a mudar o curso dos acontecimentos. Muitos exemplos serviram para ilustrar esta asserção, mas muitos poucos tão eloqüentes como o que nos apresenta Nelson, o enamorado almirante do **Victory**, que nem mesmo em Trafalgar, quando se estava decidindo o domínio do mar, nem mesmo ante o troar dos canhões, nem mesmo à vista dos navios inimigos esquecia talvez a sua divina dama. Por ela, dizia-lhe sempre em suas cartas que embarcara deixando o coração em Londres e por ela também quando, ao pôr de novo à prova sua coragem e cai mortalmente ferido, assegurando já o triunfo da Inglaterra, cerra os olhos, recordando sua amada, para murmurar no último delírio sômente estas palavras: «Um beijo...»

Outro homem glorioso, mas cujas conquistas não foram obtidas na guerra, mas na paz do laboratório, outro homem reverenciado pela humanida-

de — Pasteur — afrontou o transe definitivo escrevendo um patético testamento. Espírito sereno, metódico e ordeiro quis fixar nêle a maior ambição de seu coração, fazendo-o nestas palavras que aparecem revestidas dum acento firme e comovedor: «Esta é a minha vontade. Deixo à minha esposa tudo o que a lei permite a um homem deixar à sua mulher. Que meus filhos nunca se desviem do caminho do dever e cerquem sua mãe constantemente do amor que ela merece em tão alto grau».

Washington pôde viver serenamente os últimos anos de sua existência, vendo-se cheio de glória e rodeado da consideração de seus concidadãos. A independência de sua pátria foi um sonho realizado, ao qual conseguiu dominar em toda a amplitude de sua grandeza. Seu espírito religioso aceitava as decisões do destino, embora nem por isso deixasse de lutar pelo que acreditava justo e melhor. Quando sentiu chegar a última hora, afrontou-a sem medo e sem vacilações, como correspondia a quem tanto fez. Assim, os que o rodeavam, ouviram-no dizer, antes de expirar, estas palavras: «Está bem!», com o que parecia aceitar, como correspondia à sua grande alma, o passo inevitável.

Rabelais, o grande poeta da França do século XV, deixou à posteridade um documento digno de seu espírito jocundo. O criador de Gargantua e Pantagruel, a quem muitos imaginavam a ação de seus personagens, não foi um dissipado; pelo contrário, abrigou um profundo amor pela humanidade, pela justiça e pelo bem. Mas se comprazia em pintar cenas extravagantes em que figuravam excessos gastronômicos ou situações dignas de sua linguagem um pouco crua e agressiva. Mas era generoso e, como bom poeta, não igualou sua fortuna pessoal com

sua glória, o que não lhe impediu de fazer ironia até de si mesmo. Por isso, em seu testamento, ao fazer o balanço final de sua vida, expressou com graça inigualável: «Não possuo nada. Devo muito. O resto dou-o aos pobres». Rabelais cumpria, assim, embora sem eficácia, com o preceito cristão, dando mais uma prova de seu talento inesgotável.

Célebres e verdadeiramente significativas são as últimas palavras de Byron, que morreu dizendo: «E agora, deixai-me dormir»; de Tomás Morius que se dirigiu a seu verdugo, dizendo-lhe: «Rogo-vos que me ajudeis a subir ao cadafalso; para descer já não necessitarei mais de vós»; e de Nero que, autoritário e vaidoso até à morte, exclamou antes de expirar: «Que grande artista o mundo vai perder!»

Também podem ser interessantes as últimas palavras de alguns condenados, recolhidas pela crônica. Diz-se, por exemplo, que Lucise, malfeitor de Budapest, levado ao lugar da execução e interrogado se queria ainda dizer alguma coisa, só conseguiu murmurar: «Orai por minhas vítimas». Um estado de ânimo muito diferente revela o assassino vienense Schenk, que se despediu de seu carrasco, dizendo-lhe: «E agora, querido Lang, faça-o bem. Até à vista!»

Contudo, nenhuma destas emocionadas frases que constituem, em sua maioria, algo assim como a síntese gráfica de toda uma vida, tem o valor imenso de generosidade, de ternura, de amor, de agradecimento, que há na voz de Anatole France moribundo quando, sentindo já muito próximo o momento supremo, exclama, despregando suavemente os lábios para dizer uma única palavra, a mais comovedora de todas: «Mamãe!» — Medardo L. Arias.

É UM PRAZER

estar

SEMPRE AO SEU LADO



...se você usa

ODO-RO-NO

todo dia



É de fato a melhor maneira de se evitar a transpiração e os seus desagradáveis odores. O supereficaz ODO-RO-NO atua diretamente, oferecendo-lhe uma proteção permanente, de manhã, à tarde, à noite. Experimente ODO-RO-NO hoje mesmo, Crema ou Atomizador.

Faça de

ODO-RO-NO

o seu melhor hábito diário




Premiado no Concurso
«Cia. de Seguros
Minas-Brasil»

Antônio Araújo Ilust. de Pinho

O BOQUEIRÃO

... um berro muito feio do
bezerro. Berro grande, que se
esparramou pelos matos e fez
até codorna se levantar em
vôo de espantação.



NÃO tem dúvida, não senhor, uai. Conto outra vez. Qual é mesmo o nome do senhor? Roberto? Pois é, seu doutor. No dizer certo sem vislumbre de queixa, posso até contar êste caso assim de ôlho fechado, e sem trabalho de pensamento, como coisa trivial. Nem boto pensamento nos acontecidos e as palavras escorregam assim de mansinho como sucuri entrando n'água. Gente de cidade, assim como o senhor, que gosta de ficar nos passeios olhando gente garbosa passar na muita segurança do andar, até nem se alembra dos muitos casos acontecidos nos agrestes do sertão. A pois digo prazenteiro que eu também já gosto de ficar assim, vendo os outros passar nas ruas. A gente se acostuma com tudo. E um querendo pode até achar distração em qualquer coisa. Mas do meu sertão não posso esquecer dos acontecidos. Casos que acontecem, uns no muito mistério. Quando vou ficando com uma dorzinha de saudade me machucando cá dentro, então vou p'rá casa, largo a barulhada estúrdia da cidade, entro p'ro quarto e com o ôlho fechado, fico vivendo por lá, vendo tudo direitinho: até pescada já fiz! Ou senão conto os casos de lá, que eu sei que muita gente diz ser peta de verdade. Não dou escutamento.

Meu finado avô é quem dizia um dito que vinha da sabedoria dos muito mais velhos do que êle: «Tem muita coisa impossível neste mundo que a gente tem de acreditar, pois que acontecem».

Mas é isto: lá para os lados de Goiás, em fazenda de alqueires incontados, morava o fazendeiro Apolinário, conhecido na redondeza por Siô. Riqueza de muito gado e plantações, tudo

ajuntado no muito trabalho. Ora pois se o senhor já labutou no sertão, ou se ouviu dizer, lá é tudo mais diferente. Para fazer uma fazendinha, com vacas e outras criações, um tem que ficar mesmo mau alguma vez. Muita gente que gosta de ficar com as coisas dos outros, ou mesmo por simples vingança de maldade.

Siô era respeitado demais da conta. Em roda de enxadeiro, quando ele chegava, todo mundo se alevantava, no muito respeito.

A vida, se pode dizer, é dia p'rá uns e noites p'rá outros. Uma desavença de sorte que Deus espararama p'rá experimentar os viventes. Arrocho da vida miserando uns e afogando outros na abastança.

Siô era homem seguro de decisão. Pão, pão; ferro, ferro. Não perdoava escorregão, mas reconhecia a serventia. E num mundo de nada seguro de certo, fez injustiças. E' o caso que conto.

Já era homem maduro quando se casou com uma moça loirinha, fina de corpo, mas com cadência no andar. Moça de cidade.

Amor, é verdade, não escolhe idade e nem cara. Ora pois o Siô, homem duro no sério, virou cêra na mão de Dalila. Bem antes de se casar mandou arrumar a casa grande da fazenda todinha de novo. Ficou uma beleza. No meio do sertão aquilo era um pedaço de cidade. Tinha de tudo...

Dava gôsto a gente ver os dois juntos. Siô amansava os sérios do rosto, a voz ficava macia, se desmanchando em muita candura. Quando ia na cidade trazia cargueiros de presentes. Até pedras bonitas em anel de ouro, faiscando que até doía a vista da gente. Dalila muito se prezava dentro daquela riqueza.

Ela era rainha, sim senhor, ali naquela fazenda. E era moça boa. Fazia caridade como coisa trivial de obrigação. Beleza de coração bom. Vivia distribuindo capangada de de-comer. Pedinte não passava por lá sem sair com cara de alegre.

Um dia apareceu por lá um homem, a mulher e cinco meninos. Esfomeados. Baianos vindos de muito longe e fugindo das desgraças de outros lugares.

Siô, que era homem prevenido, não gostava de gente que vem rolando pelas estradas assim, não. Se botava desconfiado p'rá não ser prêso em enracada. E na fazenda dêle passava muita gente dêsse jeito. Então ele dava alguma coisa e mandava ir-se retirando p'rá outros lugares. Outros rumos.

Mas o tal de baiano não foi.

Dalila tinha pedido a Siô p'rá ele deixar o homem morar por ali. Siô não negava nada à mulher. Deixou.

Elesbão se chamava o homem. Fêz um rancho e começou a trabalhar. Mas tratar de cinco meni-



nos não é brincadeira, não. Esta-va sempre precisando das coisas. Dalila dava; Siô dava.

Elesbão tinha um vício: gostava de roubar coisinhas. Uma galinha, um cacho de banana. Siô sabia, mas não se importava. Era a mulher quem dizia:

— Faz nada não, Siô. Umas coisinhas de nada... E o coitado é tão pobre... Os meninos dêle, coitadinhos...

Ara! Era jogar terra no fogo. Ninguém falava mais nada.

Uma vez Siô chamou Elesbão:

— Elesbão, vou te pedir uma coisa.

— Inhor, sim!

— Quando quiser uma coisa qualquer venha cá em casa e eu dou. O que eu não gosto é que alguém tire as coisas sem falar.

Mas Elesbão não se indireitava. Tinha era muita vergonha de pedir.

Desgraça não escolhe cara para cair em cima. Veio de repente e deu uma cacetada no Siô. E' isto: Dalila morreu. Não se sabe no certo a doença que matou a coitada. Foi uma pena...

Siô sofreu demais. Ficou o tempo todo em pé perto do caixão, numa retidão de muita sinceridade. Homem não chora, não, senhor. Mas Siô com a cara séria não podia proibir o ôlho de se aguar. Então as lágrimas escorriam pelo rosto e pingavam no paletó. E o rosto todo muito triste e sério.

Enterraram a coitadinha lá por detrás da igreja, bem na frente da fazenda. Foi toda de branco, com tôdas as jóias que o Siô fêz questão que ela levasse. Brincos de ouro nas orelhas, anel no dedo, e um colar no pescoço. Colar grande com um medalhão aonde tinha um retratinho da mãe dela.

Depois Siô, na muita tristeza, se botou emburrado, não ligando pros negócios, se descuidando da fazenda.

Um ano se passou.

Siô um dia saiu e foi para a cidade. Ia ver se ajustava gente de lá p'rá fazer um túmulo p'rá mulher morta. Ia demorar uns quinze dias, avisou, no mais tardar.

Foi justo e certo. Voltou antes do prazo que tinha dado.

Chegou na fazenda e foi logo sabendo: tinham profanado a cova da mulher dêle. Ninguém dava outra notícia. Só se falava que, numa noite sem lua, se ouviu o bater de ferramentas e os cachorros uivando e tudo tremendo de medo. Ninguém quis ir ver o que era, pensando ser coisa do outro mundo. No outro dia se sou-

be de tudo. Tinham mexido na cova pra roubar as muitas jóias que deviam de estar no caixão.

Mas é. Um homem na fúria é coisa feia. Siô fez a casa tremer com a raiva que tinha. Disse que matava. Mas não se sabia quem é que tinha feito a desgraça daquele pecado tão grande. Siô disse que pagava muito bem quem descobrisse o infeliz. Não houve suspeita.

Ora pois, dizendo de ouvir contar, se diz que foi assim:

Um dia Siô estava na porta da casa, calado, com a cara fechada, pois era assim o seu costume e feito, quando viu um menino do Elesbão brincando num monte de areia. De repente, Siô tremeu assim todinho e de um pulo estava agarrado com o meninozinho que no muito espanto se pôs a chorar. Menino de três anos, se tinha. Siô agarrou o que o menino tinha na mão: era o retratinho da mãe de Dalila e que devia estar preso no medalhão que ela sempre trazia no pescoço. Pelo jeito do cortado, não podia ser outro.

Siô, com um grito grande de feio e esgüelado, mandou arrear um cavalo. Depois pegou a carabina, montou no ruço e saiu disparado atrás de Elesbão. Por causa do retratinho com o menino, calculou que devia de ser o Elesbão que tinha roubado a cova.

Achou o homem, pôs êle na frente, com a enxada nas costas e tocou para um lugar deserto.

Gentes viam aquele homem durinho em cima do cavalo, tocando outro homem e sentiam desgraça voar com a poeira dos pés-de-vento.

E era mesmo.

Chegaram num lugar, Siô desceu e amarrou o cavalo. Aí falou duro para o Elesbão:

— Pode escolher o lugar e o feito de sua cova, cachorro!

O homem ficou assim bôbo, calado, não acreditando no que escutava. Se botou a tremer, e digo com respeito, dizem que fez as suas necessidades ali mesmo em pé, de olho esbugalhado.

Siô dizia com voz vagarosa de muita raiva e dura que nem tapiocanga:

— Então a gente faz tudo por um cachorro dêste depois êle ainda faz o que fez?

Elesbão se pôs a chorar:

— Mas o que é que eu fiz, patrãozinho?

— Cala a boca, cachorro. Vai logo dizendo aonde escondeu as jóias que você roubou. Conta, porque você vai morrer mesmo...

Elesbão se pôs a gaguejar e só

(Conclui na pag. 86)

JOVENS

aos 70 anos!



GELÉIA REAL DE ÂBELHAS

Api-Sex

Distribuidores Exclusivos:

INDÚSTRIA E COMÉRCIO VITA LTDA.

Rua São Paulo, 848 — Loja C — Belo Horizonte — Minas

Representantes em Juiz de Fora e Zona da Mata:

DROGAFAR S. A. — Av. Barão de Rio Branco, 2258

CAIXA COM 20 FLAGONETES: Cr\$ 1.300,00

Não encontrando «API-SEX» em sua cidade, remeta-nos o cupom anexo, para recebê-lo pelo Reembolso Postal.

Pego enviar-me pelo Reembolso Postal caixas do «Api-Sex»

Nome

Enderêço

Cidade Estado

OPORTUNIDADE:

BRASÓTICA tem RAY-BAN — Cr\$ 1.200,00

Rua Tupinambás, 668 — Belo Horizonte

Atende-se pelo REEMBOLSO POSTAL

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil

Úlceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.

Consultório: Rua Ouvidor, 169 — 8º andar — Sala 809 — Fone: 23-6230

RIO DE JANEIRO



Uma árvore morta estende seus ramos sôbre as sepulturas do pequeno cemitério, no tôpo da Montanha Sagrada. Ai, o povo de Amecameca enterra seus mortos.

Caveiras feitas de açúcar, com os nomes dos entes queridos, são comidas pelas famílias, junto das sepulturas.



Dia dos Mortos, Dia de Festa

O LUGAR é o México; o motivo, a memória dos mortos. A festa tem lugar nos dias 1 e 2 de novembro.

Conforme se crê, naquele país americano, as almas dos finados retornam à terra, durante os dois dias, a fim de se reunir aos seus entes queridos e partilhar com eles a comida levada para suas tumbas. Em certas partes do País, a celebração começa à tardinha do dia 1º, mas, em outras, é realizada apenas durante o dia.

Embora o dia 1º de novembro seja chamado De Todos os Santos, grande parte da população o apelida de Dia dos «Chiquitos» (Pequeninos), visitando, nêle, as sepulturas das crianças. O dia

Uma velha reza ao pé de um túmulo novo, no setor de primeira classe do cemitério. Sômente nesse setor encontram-se monumentos de mármore.





Dia dos Mortos...

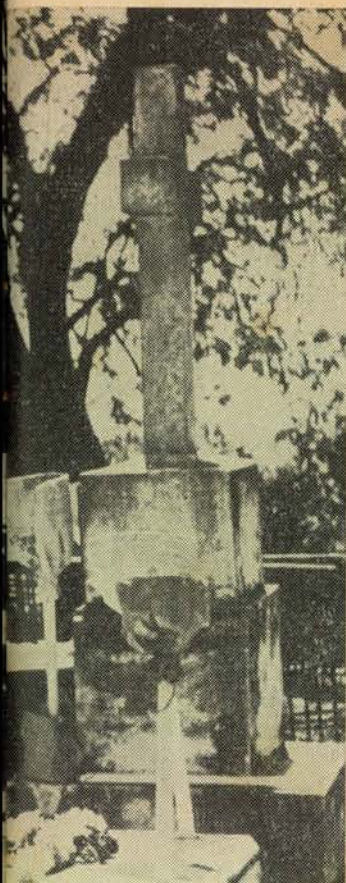
Conclusão

2 de novembro é dedicado a «Los Grandes».

Durante o Dia dos Mortos, as padarias e congêneres do México entram em competição, para ver qual a capaz de obter os melhores efeitos, com bolos, pães e outras iguarias, confeccionados em formas as mais grotescas. As famílias adquirem esses produtos, para comê-los nos cemitérios, como se estivessem fazendo um piquenique.

As fotos que ilustram esta reportagem foram feitas em Amecameca, uma aldeia indígena perto da Cidade do México, junto dos vulcões Popocatepetl e Ixtaccihuatl — onde a festa do Dia dos Mortos tem as suas características mais tipicamente mexicanas.

Um esqueleto de papelão monta guarda à caixa registradora de uma padaria durante a festa anual do Dia dos Mortos.



No dia dos Mortos, a atividade começa cedo, com a limpeza dos túmulos, a sua decoração com flores, a restauração dos dizeres. Para as crianças, principalmente, a coisa tem o aspecto de um verdadeiro piquenique.

Perto da capela, chamada de Santuário do Senhor da Montanha Sagrada, os visitantes limpam e enfeitam sepulturas. Muitas pessoas passam o dia inteiro no cemitério.

1 DE NOVEMBRO DE 1958



Com o macabro enfeite de um esqueleto, esta vitrine anuncia o «melhor pão dos mortos». Somente durante o festival, vende-se este produto.



Êles têm razão para viver satisfeitos, no regime do Noviciado. Aqui, num dia de folga, os futuros missionários saem para um passeio de bicicleta.



Um noviço do Noviciado do Verbo Divino, em Rascomon, na Irlanda — um missionário de amanhã.



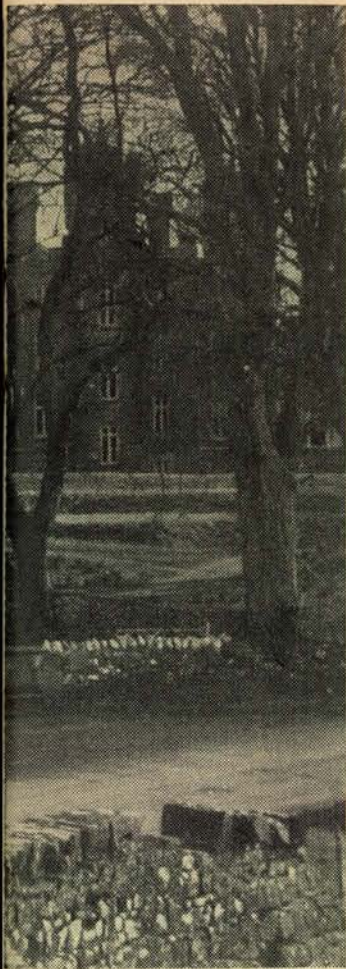
Vocações jovens de hoje,

MISSIONÁRIOS

EXISTEM, hoje em dia, 465 milhões de católicos romanos, no mundo inteiro (o segundo lugar é dos indivíduos sem religião, somando 350 milhões, e o terceiro, dos maometanos, com 316 milhões), e uma das razões dessa grande expansão da Igreja de Roma está no fato de a sua orientação seguir ao pé da letra as palavras de Jesus Cristo, que mandou «pregar o Evangelho a todos os povos», coisa que não fazem as Igrejas Ortodoxas da Europa Oriental. Trata-se de um trabalho missionário de proporções enormes, hoje tão desenvolvido como jamais esteve, no passado. Basta dizer que os missionários, com cerca de 30 mil sa-

cerdotes, 10 mil irmãos e 65 mil irmãs de caridade, no princípio deste século elevaram de 5 milhões o número de católicos, trabalhando entre os povos pagãos da África e da Ásia, e esse número sobe agora à casa dos 50 milhões.

Deste total, cerca de 2 milhões (ou 5%) foram catequizados por missionários de apenas uma ordem religiosa — a Sociedade do Verbo Divino — cujos membros são chamados de Missionários do Verbo Divino. A ordem é uma das mais novas da Igreja Católica, pois foi fundada na Holanda há apenas 82 anos, tendo-se difundido tão rapidamente que hoje conta com elementos em 35 na-



«O homem que não tem a música dentro de si mesmo não é capaz de comover-se com a concórdia dos sons» — Eis uma frase que não ficaria mal, nesta legenda. Há ocasiões em que os noviços se juntam à roda do piano, para fazer música, com a preponderância de harmônicas, flautas e gaitas. Nessas ocasiões, Mozart, se os ouvisse, havia de se virar na sepultura.



DE AMANHÃ

Texto de Paulo Cahill

Fotos de Joe Hennigan
«Camera Press»

ções dos cinco continentes. Entre os seus 5 mil membros, incluindo padres, irmãos e, até cerca de um ano atrás, 22 bispos, existem homens de todas as cores, e todos os países europeus, inclusive a Rússia, estão representados na ordem.

Ao contrário das ordens mais antigas como a dos Dominicanos e a dos Jesuítas, a Sociedade do Verbo Divino, dedica-se quase exclusivamente ao trabalho missionário, com missões nas Américas, na África Central e Ocidental, na Índia, na China, no Japão e em todas as Ilhas das Mares do Sul, desde a Indonésia até as Filipinas e a Nova Guiné. A fim de obter a máxima eficiência

no seu trabalho em prol da conversão dos 50 milhões de pagãos entre os quais exercem a catequese, os seus missionários empregam todos os métodos de «pregar o Evangelho». Com a mesma boa vontade, eles lecionam para as crianças nativas, nas habitações mais primitivas das selvas, das ilhas e dos continentes mais atrasados, ou nas grandes universidades que mantêm em cidades do Japão e das Filipinas. E, pertencendo a uma ordem moderna, eles empregam os meios mais modernos, para levar a palavra de Deus ao mundo pagão, dispondo, por exemplo, de barcos e aviões bastante aperfeiçoados, a fim de correr as suas missões

do Pacífico Sul. Além disso, dedicam-se eles a imprimir livros e editar revistas e jornais, em uma dúzia de estabelecimentos gráficos espalhados em todo o mundo, possuindo 50 periódicos católicos, o maior dos quais é «O Verbo» («The Word»), magazine ilustrado editado em inglês — a única publicação católica circulando na Grã-Bretanha e na Irlanda.

Os Missionários do Verbo Divino têm três seminários na Inglaterra — um em Hadzor, perto de Droitwich, em Worcestershire, um em Carrog, no vale do rio Dee, na Gales do Norte, e outro em Liverpool. O Noviciado da província anglo-irlandesa fica num

Missionários de Amanhã - Continuação

velho castelo às margens do Rio Suck, na Irlanda, e é neste castelo que os adolescentes e adultos irlandeses e ingleses que entram para a ordem recebem as suas primeiras lições, para serem missionários.

O Castelo Donamon, um dos mais antigos da Irlanda, existe desde a Idade Média, tendo sido construído há 800 anos, pelo poderoso clã gaulês dos O'Finaughtys. Por volta de 1220, caiu em poder dos De Burgos (que mudaram o nome de família para Burke), os quais o ocuparam durante 400 anos. Ao tempo de Cromwell, foi entregue à família Caulfield, que nele viveu até 1920. Depois, tendo ficado desabitado durante quase 20 anos, foi comprado pelos Missionários do Verbo Divino, que pagaram por ele «quase uma ninharia», pouco antes de iniciar-se a guerra.

Não é nada de estranhar o facto de uma ordem internacional incluir irlandeses entre os seus membros, uma vez que a Irlanda é, hoje em dia, o país que fornece o maior número de missionários, de todo o mundo, existindo mais irlandeses, homens e mulheres, nas missões estrangeiras, do que naturais de qualquer outro país. Dos bispos católicos, por exemplo, um em cada sete tem nome irlandês (e há cerca de 300 desses prelados no mundo), e eles não vivem apenas onde se fala a língua inglesa, mas também em países como a França e a Argentina.

Quando foi feita esta reportagem, havia em o Noviciado do Verbo Divino, no Castelo Donamon, 23 jovens, 17 dos quais eram irlandeses, 5 ingleses e um australiano. Suas idades iam de 17 a 32 anos, e cerca de uma terça parte deles já tinha trabalhado em várias ocupações, antes de se decidir pela vida missionária. Entre eles havia um caixeiro-viajante, um carpinteiro, um funcionário público, um fazendeiro, um engenheiro, um agrônomo e um empregado de balcão; dois possuíam diplomas universitários, três já tinham feito o serviço militar (dois destes lutaram na Coreia, um no exército, outro na marinha); dois dos noviços eram procedentes de lugares perto do castelo, enquanto um outro, o australiano, que é piloto civil bre-

(Conclui na pag. 60)



Pelo menos 5 horas do dia, os noviços as consomem em aulas de matérias como a Sagrada Escritura, a Liturgia, a Patrologia e a Missiologia.



Numa hora de divertimento, alguns dos noviços preferem dar um passeio nos bosques, perto do Noviciado.

Falando em «Money»

NO ano de 57, a renda média da família americana registrou um aumento de cerca de 4 por cento sobre o total alcançado no ano anterior, atingindo a elevada soma de 5 mil dólares, enquanto que em 56 essa soma se elevou a 4 mil e 800 dólares.

Aqui estão alguns dados estatísticos, segundo os quais se tem uma idéia de como é distribuída a receita nacional nos Estados Unidos: 10 por cento do total das famílias americanas têm uma receita anual superior a 10 mil dólares; 49 por cento alcançam anualmente de 5 mil a 10 mil dólares; 35 por cento têm uma receita que varia entre os 2 mil e os 5 mil, enquanto que os 15 por cento restantes atingem uma receita inferior a 2 mil dólares.

☆☆☆

O Índice da Popularidade

VISITANTES ao Pavilhão Americano da Feira Internacional de Bruxelas foram convidados a tomar parte num interessante pleito ali realizado, com a finalidade de eleger o maior homem de estado americano, a melhor atriz, o mais consagrado escritor, o maior solista de jazz e o mais famoso de todos os emigrantes da Europa.

Feita a primeira apuração, o resultado observado foi o seguinte:

Como maior homem de estado, colocou-se em primeiro lugar Abraão Lincoln, seguido de Benjamin Franklin e George Washington. Kim Novak foi apontada como a melhor atriz, tendo Jennifer Jones, Rita Hayworth, Marilyn Monroe e Doris Day obtido boa votação. O autor de «O Velho e o Mar», Ernest Hemingway, foi considerado o melhor escritor. Seguiram-se Mark Twain e Steinbeck. Como maior solista de jazz, destacou-se Louis Armstrong, seguido por Benny Goodman, Lionel Hampton e Stan Kenton. Finalmente, foi considerado o mais famoso emigrante europeu em solo americano o cientista Einstein, que se fez seguir por Thomas Mann, Von Braun, Enrico Fermi e pelo filósofo Santayana.

☆☆☆

● O presente mais desejado, o presente que "chega" 24 vezes por ano e aproveita a toda a família, é uma assinatura anual de ALTEROSA. Agora dando direito a um excelente livro à sua escolha, entre 65 títulos para adultos, jovens e crianças. Veja o plano apresentado às páginas 104 e 105 desta edição de ALTEROSA.



Há Ainda Robinsons

“À DIREITA! A frente!” — gritou o marinheiro, trepado no mastro da proa.

Antes que o capitão tivesse tempo para orientar as velas ou dar ordens ao piloto, ouviu-se um barulho estranho, e o barco foi sacudido violentamente. Mas logo, tudo continuou como antes; o “dhow”, veleiro tipicamente árabe, de pequena tonelagem, tripulado por meia dúzia de pescadores de Bahrein, cortava as águas geralmente calmas do Golfo Pérsico, e acabava de esbarrar num recife. O casco parecia intacto, visto do porão, mas o capitão quis examiná-lo por fora. Assim, dirigiu-se para uma ilhota perdida no horizonte, na direção do poente.

Ao fundo da praia, parecia haver uma cadeia de montanhas. Nos vales, manchas verdes denunciavam alguma vegetação.

— Por Alah! — murmurou súbitamente o capitão. — Eu julgava que esta terra fôsse desabitada!

Na praia, com efeito, debatia-se uma silhueta de forma humana, parecendo fazer sinais de socorro. O barco aproximava-se mais, e, de repente, um marinheiro pôs-se a rir:

— Você já viu homem com essa cara? O seu “habitante” não passa de um grande macaco!

— Macaco ou homem, o certo é que precisamos ancorar o barco para verificar seu casco! Vamos lá!

Dai a pouco, a embarcação batia com o fundo na areia. A peluda silhueta lançou-se n’água, nadou em direção ao barco; o homem, pois que era um homem, disse algumas palavras com uma voz rouca e hesitante:

— Alah seja louvado! Minha aventura terminou! Verei ainda minha mulher e meus filhos, antes de morrer!

Çaram-no a bordo. Sua cabeleira e suas barbas negras, semeadas de pêlos grisalhos, estavam imensas. Gaguejando, o homem passou a contar sua história: trinta e três anos antes, em 1925, uma tempestade súbita provocara uma verdadeira catástrofe na frota dos pescadores de pérolas de Bahrein; a metade dos barcos soçobrava fazendo dezenas de vítimas. O homem — Al Hadj Nassir Ben Ali Ben Omram — tendo perdido sua barca, nadou durante horas, ao acaso. Acabou por alcançar, esgotado, uma ilhota deserta. Um punhal, era a única arma de que dispunha. Não renunciou, porém, a luta. Nos primeiros tempos, êle se nutriu de folhas; depois, conseguiu pescar peixes, com algas a lhe servir de isca.

Os dias, as semanas e os anos se passaram, e Al Hadj Nassir perdeu a conta dêles. Navios passaram ao largo várias vezes, mas o naufrago nunca conseguiu atrair a atenção das tripulações.

Conduzido a Bahrein, o Robinson árabe foi acolhido triunfalmente. Não reecontrou sua mulher, que havia morrido, mas pôde rever seus filhos, que hoje são avós.

Às vezes, Al Hadj passa longas horas sentado à beira-mar, recordando com nostalgia a sua ilha, tranqüila, no meio do mar azul.



Donnet

Noite de Chuva

Menção Honrosa no Concurso «Cia. de Seguros Minas-Brasil»

Conto de Décio A. Mafra

Ilust. de Dounê Rezende Spínola

**Trovões se faziam ouvir
e relâmpagos riscavam o manto negro do céu,
de momento a momento.**

— **R**AIOS! Que homem sem palavra... João Feliciano, aborrecido, voltava da Fazenda Esperança, onde fôra negociar o cavalo. Isto já se arrastava há alguns meses e nada de solução; os recados iam e vinham, as ofertas mudavam a cada dia e os homens não chegavam a um acôrdo.

Sem pressentimento era de que aquilo ia dar em nada. Antes tivesse ouvido as palavras da mulher, um pouco desprovida de inteligência, mas manhosa como ela só.

— Deixe o cavalo, João. Afinal, p'ra que vendê-lo? Não acho que alguém faça boa oferta por êle; é um cavalo cansado, velho, nem para puxar carroça serve mais. Acho melhor deixar o animal lá no pasto. Que morra de velho!

— Hum! Mulher tem cada idéia!... Deixar o cavalo lá no pasto para morrer de velho! E onde vou arranjar dinheiro para comprar o alazão? Só mesmo na cabeça de mulher é que pode aparecer umas coisas assim.

O céu tomava uma côr de chumbo e as nuvens corriam depressa para um lado, amontoando-se num cantinho, lá no fundo da serra. A chuva não demoraria. Os pássaros voavam depressa, enquanto um ventinho mórno açoitava as árvores próximas.

— E', acho melhor apressar-me. A chuva não tarda, parece ser uma pancada boa.

E no trotar manso do cavalo, João Feliciano deixou a pressa para depois. Reviveu o dia dos Santos Reis. Era um dia de janeiro, ensolarado, festivo, com muita gente. Todo mundo desceu, todos vestiram suas melhores roupas para ver e apreciar a Festa de Reis. E foi neste dia, junto à porta do botequim do Venâncio do Condado, que êle viu, pela primeira vez, o alazão. O cavalo, então, não mais lhe saiu da cabeça. Muitas vezes imaginou-se seu dono, montado, entrando na vila e olhando para todos os lados, fazendo inveja a todos.

O vento tinha aumentado e já estava bem escuro. Fôlhas corriam no chão, umas atrás das outras, como se fôsse uma brincadeira de pegar.

— E' melhor parar um pouco no botequim. Tomo um aperitivo, apanho as compras e ainda bato um papo com o pessoal.

— Êh compadre, que tempo brabo!

— Então, parece até que o mundo vai acabar!

— Entre...

— Pois não.

Uma vela enterrada numa garrafa jogava uma luz pálida sobre as paredes do botequim. Luz teimosa que desafiava o vento, vento de chuva, imperitente.

— Então, que tal o negócio?

— Tempo perdido! O homem enrolou, enrolou e por pouco não quis o cavalo de graça. Ora, assim também não. Ele é velho, mas ainda vale alguma coisa. Não se compara ao animal do Chico Tibúrcio, mas é bom também. Ainda pego aquele animal. Há muito ando de olho nele e qualquer dia dêstes apareço com ele por aqui. E' só esperar, vocês vão ver.

— E', de fato é um alazão de primeira, mas olhe lá, hein... Cavalo bonito nem sempre é bom. Dá muita despesa e é bem difícil agüentar uma viagem «puxada». Afinal, o «Campeiro» não está tão ruim assim!

— Qual, a beleza é que vale. Já ando até envergonhado de aparecer lá na vila montado no «Campeiro». Quando anda parece até que está arrastando a barriga no chão. Não agüenta nem mais uma «garupa».

— Bem, compadre, o cavalo é seu e cada um sabe o que tem.

— Vou chegando. A noite já está aí e a chuva está vem não vem.

— Cuidado com a ponte, pois com a última chuva ela

ficou bem avariada. Ninguém fêz conta e se continuar assim, sem consêrto, não sei não. Acho que ela, desta vez, não agüentará. Em todo caso, corre um pouco e veja se consegue chegar lá, antes da água cair. Outra coisa, aproveite e leve a encomenda da comadre.

— Boa-noite, compadre.

— Boa-noite.

Dando lugar a uma noite ameaçadora, a tarde despedira-se rapidamente. Apressado, o homem fazia o animal correr, com medo de que a chuva o pegasse ainda no caminho. Já era noite e das mais escuras. A estrada era íngreme, o que tornava a caminhada mais difícil, como também a escuridão reinante a tornava mais temida. Trovões se faziam ouvir e relâmpagos riscavam o man-

E' ponto de vista mundialmente aceito, que não há erro tão grande como o de se estar sempre certo.
— Samuel Butler.

to negro do céu, de momento a momento.

Um vento forte açoitou as árvores próximas e grossos pingos d'água desabaram, enchendo o ar de cheiro de terra molhada.

O homem, encolhido e abrigado numa capa, mal via o caminho já alagado. O cavalo andava vagarosamente, apesar das esporas o castigarem sem cessar. Entretanto, ele teimava no seu trotar de sempre.

A caminhada se tornava cada vez mais difícil. Ora era a ramaria trazida pela enxurrada que se prendia nos pés do animal, ora o vento e a chuva que fustigavam o rosto do cavaleiro mal agasalhado.

A viagem já estava no seu final. Restava pouca distância e João Feliciano já pensava na sua casa, no seu café quente e pensava principalmente livrar-se daquelas roupas encharcadas.

A pouca distância, no entanto, não era motivo para alegria, só causava maior preocupação. Num local chamado «Corte», muito temido pelos viajantes, era o ponto final da viagem; dali em diante não haveria preocupações, tudo estava vencido. Ficava o caminho situado entre dois morros, espremido, onde mal dava para passar um cavalo. E depois era a ponte pequena, mal construída, tôda de madeira. A chuva continuava a cair, forte, sem cessar...

O cavalo avançou, avançou e finalmente penetrou no temido «Corte». Andando na sua mansidão de sempre, venceu-o. Apenas a água que escorria fortemente das encostas, fazendo do estreito caminho um rio diminuto, fazia-o vacilar um pouco. Mais alguns passos e ele pisaria nas tábuas frágeis da ponte.

A água em baixo era barrenta e a correnteza forte. O cavalo deu alguns passos e depois parou. Amedrontado, receava continuar a marcha. O homem esporeava-o fortemente; mas ele recusava-se a prosseguir. O animal resistia bravamente ao castigo recebido, como se pressentisse algo mais ameaçador que a travessia da ponte. A luta entre o homem e o cavalo, continuava. Das virilhas do animal escorria, agora, sangue e pêlos arrancados ao rodar das esporas. Do corpo do homem misturava-se gôtas de suor à água de chuva, e no rosto vestígios de cansaço. Naquelas êrmas paragens desenrolava-se um drama surdo e feroz.

Num estrondo, a ponte ce-deu à fôrça dos elementos em fúria e perdeu-se, levada pelas águas. Instantes depois, nada mais restava. A não ser um tronco grosso que servira de base, tudo tinha sido levado pela avalanche de água, barrenta e destruidora.

João Feliciano desceu do cavalo, que já sossegara, e foi até à beira do rio. Olhou para as águas escuras e para onde estivera a ponte. Salvara-se por um milagre. Não fôra o instinto de seu bravo animal e àquela hora estaria entre os destroços da ponte, rio abaixo.

Voltou-se e olhou para o animal. Abrigado em baixo de uma árvore, esperava, tranquilamente, a volta do dono.

Retirando de sua sacola um pouquinho de sal passou-o sobre os ferimentos do animal. O cavalo relincho com um estremecimento.

— Uê, doeu, Campeiro?

João Feliciano não ficou sabendo o significado daquele relincho. Dor? Censura à sua imprudência ou à sua injustiça? As suas palavras se perderam no ar, como também se perdeu no ar o relincho do cavalo. ☆ ☆ ☆

O Último Vão

Continuação da pag. 41

Minha mente trabalhava com rapidez. Poucas horas mais de vôo e teria o cobicho brevet. Poderia, então, mudar de emprego e Clara já não teria motivo de queixa. Talvez ao voltar dessa viagem pudesse dispor de vários dias e sobrar-nosia tempo para teatros e bailes.

— Bem, Artur, irei. Quem será meu co-piloto?

— Ken Bixby.

— Diga-lhe que esteja no aeroporto a uma. Até logo.

Voltei-me para Clara.

— Querida...

— Não me digas nada. Não é necessário.

— Quero que me ouça. Só deverei estar no aeroporto a uma. Até lá teremos tempo para nosso passeio.

— Não me importam as diversões, Rick. Se tivesses querido, poderias ter recusado essa viagem. Agora o compreendo, o vôo significa para ti muito mais que eu. E dizer-se que cheguei a crer que era o que mais importava em tua vida!

Tinha os olhos cheios de lágrimas. Não pude continuar a olhá-la. Tinha razão. A única coisa que me importava era voar. De repente, disse:

— Leva-me contigo, Rick.

Teria ouvido bem?

— Levar você? Mas... num avião de carga não há lugar para uma mulher.

— Qualquer lugar onde estejas é bom para mim. Rogo-te, já que não podemos sair juntos... pelo menos estarei a teu lado... de qualquer maneira e em qualquer lugar.

— Mas você nunca voou. Pode sentir-se mal. Se acontecesse alguma coisa...

— Se sucedesse alguma coisa, pelo menos estaríamos juntos. Rogo-te, Rick...

Finalmente concordei. Não podia continuar negando, diante da rogativa de seus olhos. Talvez assim compreendesse porque aquele ofício tanto significava para mim.

Ken estava pronto para partir quando chegamos ao campo. Viu as duas maletas.

— A que se deve a equipagem extra?

— E' de Clara. Meteu-se-lhe na cabeça cear domingo de Páscoa comigo.

Ajudei-a a acomodar-se e cinco minutos depois estávamos prontos. Ao levantar vôo, Clara agarrou-se com força em ambos os lados de sua cadeira. A determinação de seu olhar convenceu-me de que, mesmo se fôssemos para o inferno, estava contente por encontrar-se a meu lado.

Subi até 1.800 metros. Passei o comando a Ken e propus a Clara que viesse para o meu lado. Pôs-se de pé e veio, apoiando-se ao caminhar, até chegar ao meu lugar. Parecia ter medo de olhar em redor. A noite era escura e as luzes lá em baixo pareciam cachos de pedras preciosas.

— Que bonito é isso! Mas como sabes o rumo a seguir?

Mostrei-lhe o rádio e alguns dos mecanismos para o vôo noturno. Voltou a sentar-se. Parecia satisfazer-se muito com a aventura. Falavam quinze minutos para as cinco, quando aterrissamos em Cleveland, sem dificuldade. Enquanto descarregavam as mercadorias, fomos ao restaurante do aeroporto e pedimos uma refeição copiosa.

— Agora compreendo porque gostas tanto de voar — disse Clara, com entusiasmo. — Também faria o mesmo, se fôsse homem...

Terminada a ceia da madrugada, enchi de café uma garrafa-termo para a viagem de regresso. As oito da manhã voávamos a 2.700 metros, já livres de toda a carga. Arranjei um lugar no compartimento de rádio para que Clara descansasse. Em breve adormeceu. Como iria ser maravilhoso, agora que ela compreendia a minha vocação!

Ken tirou-me de meus pensamentos, mostrando-me o marcador de óleo. A agulha oscilava entre 0 e 2. Ajustei-o, pensando que a falha estivesse nêle. Desgraçadamente não era assim. Havia um buraco em algum lugar e tínhamos perdido óleo. Desliguei um dos motores e o outro vibrou com força. Clara acordou sobressaltada.

(Continua na pag 72)

CONCURSO DE CONTOS

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — E' permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÕES DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª e 2ª quinzena de setembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS — "Aquele Papai Noel", de Nege Alem; "Um Cão de Fama", de Cornélio Gomes Leal e "Meu Inglês", de Altino Bondesan.

POESIAS — 1 Trova, de José Victor da Silva e 1 Trova, de Solimar de Oliveira.

O espôso a havia relegado a segundo plano em seu coração.

E nenhuma mulher que ama, se resigna a ocupar

um plano secundário no coração do homem amado.

TODOS os homens têm um sonho. O meu era voar. Desde a primeira vez que o fiz, ainda menino, fiquei sabendo que queria ser aviador. Durante a guerra fui piloto da Força Aérea. Ao terminar, regressei a meu lar sonhando com o dia em que poderia voltar a voar. De nada sentia mais necessidade do que sentir-me no ar. Nessa ocasião, conheci Clara Payson.

Foi no dia de Natal de 1945. Recém-licenciado, passeava pelas ruas de Nova Iorque com grande desejo de sentir o contato da gente de minha cidade. Deixei-me levar pela euforia de todos: os presentes de Natal. De repente, senti-me empurrado para as portas giratórias de uma loja. Quando quis livrar-me já estava dentro. Aturdido, tropecei num mostruário de perfumes. Os frascos oscilaram, golpeando-se uns aos outros por instantes, para logo depois caírem ruidosamente

Conto de James S. Welsh

Ilust. de Pinho

O ÚLTIMO



vôo

no chão. Fiquei meio zozzo, olhando o desastre que havia causado, enquanto a vendedora recolhia os pedaços de vidro. Por fim, dominei-me e tratei de ajudá-la, pedindo desculpas.

— Perdão, sinto muito!

Voltou-se para olhar-me. Um sorriso de bondade iluminava-lhe o rosto.

Foi assim nosso encontro. Disse-lhe meu nome: Rick Danvers. Ela o seu: Clara Payson.

A vida tem dessas ironias: um homem gira em redor do mundo durante anos, conhecendo todos os tipos de mulheres, e uma noite, de regresso à sua cidade natal, diante de um par de frascos partidos, dá com a mulher que estava esperando.

Depois do nosso primeiro encontro, vimo-nos todos os dias. Nunca disse a Clara que a amava, ela, porém, com sua maravilhosa intuição, soube-o desde o primeiro instante. Era doce e compreensiva e uma grande companheira.

Poucos meses depois começamos a planejar nosso casamento. Precisava encontrar trabalho. Pela minha conduta e pela minha destreza, era conceituado como um bom piloto. Não seria, pois, difícil. Para isso, pensei que, ocupando um lugar auxiliar na agência de passagens de uma companhia de aviação, estaria mais perto da oportunidade.

Não comentei o assunto com Clara, porque percebi que se alterava à menor alusão ao assunto. Otimista, pensei que não tardaria em mudar de opinião, quando os fatos se concretizassem.

Em maio, chamou-me o comandante ao seu escritório. Ocorreria uma vaga e ofereceu-me um posto provisório de experiência como copiloto, durante dois meses.

Minha alegria não conhecia limites. Corri ao apartamento de Clara para contar-lhe tudo. Ao ver-me mostrou-se surpresa, pois pensava que eu estava na agência. Ergueu-a alegremente nos braços e a levei à sala de visitas. Sentei-me a seu lado.

— Minha queridinha, vamos casar-nos?

— Mas claro que sim! Não foi para dizer-me isso que veio cá, não é? Conte-me o que está acontecendo.

— Clara, sou outro homem. Serei piloto de novo.

Primeiro surpresa, depois angustiada, baixou os olhos e sem olhar-me, disse:

— E' o que desejas, Rick?

— E' o que tenho desejado toda a minha vida para nós.

— Para nós não, para ti, somente. Não poderia viver pensando no que poderia suceder-te todas as vezes que te ausentasses de casa. Não, Rick, não posso aceitar essa vida.

— E' dessa única maneira que posso viver. A metade de meus sonhos está com você, a outra metade nas nuvens.

— Não quero uma parte de ti, mas tu todo, inteiro. Esse todo que noite a noite te devolva à casa, ao meu lado.

— Mas, Clara! Contraria você minha vocação! E' esse o trabalho que quero fazer!

— Compreendo, Rick. Mas não tenho motivo para partilhar de teu entusiasmo. Ao compartilhar de tua vida, enquanto em cada viagem estarias satisfazendo teu gosto, eu, em terra, viveria em perpétua angústia. Não pode ser...

Pôs-se de pé; tinha os olhos cheios de lágrimas, e acrescentou:

— Adeus Rick.

Saí correndo para seu quarto. Fiquei aturdido. Em poucos minutos tudo se havia desmoronado. Tinha conseguido concretizar meus desejos, mas perdia Clara. E não havia possibilidade de escolha! Ambas as coisas me eram queridas!

Nos seis meses seguintes, censurei a mim mesmo ter perdido essa oportunidade que dificilmente se repetiria. Foram meses de infelicidade para os dois. Brigávamos a miúdo por coisas que sempre careciam de qualquer importância. Não podíamos continuar assim.

Uma noite, estávamos sentados no parque. Durante quase uma hora,



permanecemos em silêncio. Meus nervos já não suportavam mais. De repente, Clara falou:

— Estava pensando que talvez fôssemos bom separarmos-nos por algum tempo.

— Como? Por acaso está encarando a possibilidade de namorar algum outro?

— Talvez não seja má idéia — retrucou, zangada. — Leva-me para casa!

— Não quero levá-la!

— E eu não quero ficar contigo!

— Oh! talvez já estejas jogando com duas cartas...

Fora de si, esbofeteou-me em plena cara. Agarrei-a pelos pulsos e antes que me desse conta do que ia fazer, devolvi-lhe o golpe. Começou a soluçar, esforçando-se por libertar-se da pressão de minhas mãos.

Tremendo sentimento de culpa apoderou-se de mim e não sei o que teria dado para apagar o que tinha feito. Abracei-a com desespero, pronunciando repetidas vezes o seu nome.

— Clara! Meu bem! Deus sabe

quanto a amo! Rogo-lhe que me perdoe!

— Oh! Rick — chorava — eu também te amo!

Nesse momento verifiquei que era a primeira vez que lhe confessava meu amor. Estivemos muito tempo abraçados em silêncio, desfrutando a paz que nos havia trazido nossa mútua revelação.

— Rick... faz o que desejas.

— Fazer o quê? — perguntei.

— Voar. Isso que tanto desejas...

Quis dizer algo, ela, porém, mo impediu.

— Não posso prometer que não odiarei teu trabalho, mas sim, que serei uma boa esposa.

Não respondi nada. Não pude. Tomei-a em meus braços e beijei-a com ternura. Naquele momento, amei-a como nunca a havia amado.

Um mês mais tarde entrei como piloto numa linha comercial. O chefe era Artur Johnson, homem muito amável e cordial e que, acima de tudo, conhecia muito bem sua profissão.

Na primeira semana fiz três viagens. Um mês depois já estava entre os que viajavam regularmente.

Casamo-nos. Consegui uns dias de licença que aproveitamos para arranjar nosso apartamento.

Embora tratasse de ocultar-me, cada separação era um novo sofrimento para ela. Nos primeiros meses de nosso casamento, estive mais tempo fora do que em casa. A companhia crescia de importância e minhas viagens se tornavam cada vez mais frequentes. Ao regressar, sentia-me feliz por encontrar-me com Clara. Na minha alegria por haver conseguido unir meus dois ideais, não soube ver sua solidão inconsoável, sua falta de apetite, seu sobressaltado estado nervoso. Ocorria frequentemente que, assim que eu chegava, Artur me chamava para novo voo.

Um dia encontrei a novidade de que Clara havia retomado seu emprego na perfumaria. A partir de então nossos encontros se tornaram ainda mais espaçados. Era rara a vez em que partilhávamos uma refeição e quando isto se dava, parecíamos dois estranhos. Sabia que a solução estava em minhas mãos, mas também sabia que voar formava parte de minha vida e era a única coisa que realmente me importava.

De modo que continuei aceitando quanta viagem extraordinária houvesse para acumular horas de voo e obter o mais depressa possível meu brevet.

Mas meu coração se inquietava por Clara e cometi erros que no ar são sempre perigosos. E como se fôsse pouco, cada dia alcançava maiores velocidades. Se a visibilidade era escassa, aterrorizava de qualquer maneira. O essencial era chegar quanto antes em casa.

Aproximava-se a Páscoa e havia prometido a Clara que a festejaríamos juntos.

Na noite da Sexta-Feira Santa, recém-chegado de Detroit, estava anotando as alternativas da viagem no livro de navegação, quando Artur veio falar-me:

— Que tal a viagem, Rick?
— Bem, como sempre.
— Tenho boas notícias para você — acrescentou, sorridente. — O fim de semana é seu.
— Está certo do que diz?

Não podia acreditá-lo, era demais.

— Com certeza. Não precisa vir até segunda-feira e... felizes pás-coas!

— Obrigado, Artur; não imagina como Clara vai ficar contente.

Cheguei em casa antes dela. Aproveitei para tomar banho e descansar um bocadinho. Desfrutava de antemão a alegria com que receberia Clara a notícia e comecei a planejar nosso passeio.

Ouvi passos na escada. Era ela.

— Olá, Rick. Chegas ou saís?

— Acabo de chegar... para ficar. Até segunda-feira!

— Deveras? — disse, sem maior entusiasmo.

— E' esse todo o seu comentário?

— Não. Exceto que tornes a garantir-me no domingo à noite, se ainda aqui estiveres.

— Estarei — afirmei, sorridente e abraçando-a com carinho. — Ficarei todo o fim de semana. Poderemos ir jantar fora, ao teatro, ou dançar. Aonde você quiser! — (Seu rosto iluminou-se) — Vá mudar de roupa. Ponha um vestido novo. Estaremos de férias esta noite!

— Tenho tantos vestidos novos que não conheces, que não saberei qual escolher. Dá-me meia hora de tempo e não haverás de reconhecer-me!

Enquanto ela tomava banho, tornei a recostar-me satisfeito por fazê-la feliz. Custava tão pouco! Em breve tudo ficaria solucionado; faltavam-me poucas horas mais de vôo para obter o brevet. Então poderia entrar numa companhia oficial e teria determinado número de viagens por semana. Poderia por fim proporcionar à minha mulher toda a tranquilidade que desejava. Estava convencido de que Clara se acostumaria a ser esposa de um aviador.

A campainha do telefone rompeu o silêncio. «Meu Deus, tomara que seja engano», roguei. Clara também a havia ouvido. Antes de pegar o fone, havia ela saído do banheiro e estava de pé na porta de nosso quarto de dormir. Olhava-me ansiosa.

Era Artur. Tive vontade de atirar o aparelho contra a parede.

— Escute, Rick, lamento ter que...
— Não diga — interrompi-o, aborrecido. — Imagino o que seja.

— Perdoe-me, mas trata-se de algo muito urgente. E' preciso estar em Cleveland às seis da manhã. Você bem sabe que não o teria chamado, se houvesse outra solução.

— Nem que fôsse eu o único piloto! Acabo de voltar de uma viagem e você me tinha prometido todo o fim de semana.

— Está bem, Rick. Desgraçadamente, neste caso não posso confiar em nenhum outro. Eu mesmo irei.

Já se ia despedindo. Detive-o.

— Espere, espere um momento.

(Continua na pag. 37)

Reação das crianças em face da morte



OS dois garotos gritaram: «O cachorro pegou um coelho!» Dai a pouco, o mais novo, de 5 anos, veio correndo, excitado, e disse alegremente que o bicho estava escondido debaixo de uma pedra, e que seu irmão de 10 anos queria uma faca para torturar e matar a pobre criatura. A mãe recusou a faca, deplorando a crueldade proposta, e perguntou ao pequeno se ele próprio gostaria de ser torturado daquela maneira. Depois de insistir em vão por alguns momentos, o menino foi-se embora. Pouco depois, porém, voltava correndo, para dizer que o cão havia matado o animal e passou então a descrever a cena em todo o seu horror. Acrescentou ainda:

— Vamos enterrá-lo — e correu para buscar uma pá.

Passado longo tempo, ambos os garotos retornaram, mas, desta vez, pareciam tristes e pesarosos.

— Enterramos o coelhinho — disse um — e colocamos uma grande pedra sobre a cova, para ninguém abri-la. Dave fez uma cruz para colocar na sepultura, e compôs uma oração para rezarmos sobre ela.

Instigado por Dave, o menino repetia a prece, entre medroso e reverente: «Meu Deus, ficamos humildemente sentidos por ter o cão causado a morte do coelhinho. Amém.» A mãe e os avós ouviram silenciosamente a oração e a história do entêrrão, e os garotos foram elogiados por sua «boa ação».

Quando morre algum animal querido dos filhos, certos pais esclarecidos costumam acompanhar o entêrrão, cheios de tristeza e reverência, a fim de provar à criança que, também eles, sentiram a perda. Sempre considere estas práticas saudáveis, porque, se a criança dispensar este tratamento a um animalzinho querido, dificilmente terá prazer em maltratar qualquer outra criatura.

Além disso, se a criança sente a separação de um animal querido, sentirá também a perda de uma pessoa amada. Terá encarado a dura realidade. Ao contrário, como devem ser prejudiciais para a formação da criança certos filmes e programas de rádio e televisão, nos quais muitas vidas são ceifadas com a maior sem-cerimônia e os assassinos recebem a consagração de heróis! Por que expor nossas crianças, desde a mais tenra idade, a esse clima de violência e desprezo pela vida? — Dr. Gary C. Myers.

O Oriente desconhecido e suas danças

O Oriente, através de danças e canções maravilhosas, procura contar a sua história de civilização milenar. Pouco sabemos a respeito do folclore dos países asiáticos a não ser algo do Japão, com quem temos mais estreitas relações, e cujos imigrantes, com seus descendentes, constituem hoje no Brasil uma população de mais de 400 mil pessoas. Mas os usos e costumes dos povos da Índia, China, Coréia, Mongólia, Tibete e outros permanecem um enigma para os ocidentais. Entretanto, quanta coisa bela encerra a tradição popular desses países!

(Conclui na pag. 44)



A «Dança Singela do Tambor» interpretada por artistas da província de Liaoning.

«Dança da Máscara» interpretada por artistas de Changai e oriunda do condado de Yi-hsing, província de Kiangsu.

A «Dança do Tambor, interpretada por artistas da província de Hunan.

1 DE NOVEMBRO DE 1958

maravilhosas





A «Dança do Pavão» interpretada pelos artistas do Conjunto Central de Danças e Canções.

O Oriente...

Conclusão

Uma amostra tivemos no Brasil — a «Ópera de Pequim» — cuja visita é até hoje recordada pelas plateias do Rio e S. Paulo. Outros centros do Ocidente, como Paris, Londres e Buenos Aires, também ficaram deslumbrados com o impressionante desempenho dos artistas chineses.

Outras maravilhas os chineses têm. E as fotos que ora apresentamos dão uma pálida idéia de quanta beleza ainda desconhecemos e que gostaríamos de apreciar de perto.

•

«Flor de Hibiscos», dança clássica interpretada por uma artista da província de Szechuan.





O FILHO DO PRÓDIGO

AS PESSOAS que conheceram o Conde Carlo o consideravam elegante, encantador — e supinamente inútil. Vivía cheio de idéias grandiosas, mas todo negócio em que punha as mãos resultava num fracasso. Tinha mania de bancar o figurão, mas, durante toda a sua vida adulta, tanto ele como sua família viveram em completa pobreza.

Quando era jovem, isso na segunda metade do século dezoito, Carlo casou-se com uma linda moça de sangue nobre, acostumada à vida sem cuidados — e imediatamente levou-a para a Córsega, onde participou da rebelião dos corsos contra as tropas de Gênova e França. Com pouco, estavam eles residindo em tendas e cavernas, em situação pouco melhor que a de bandoleiros caçados pela polícia. Fracassada a rebelião, seus chefes fugiram para a Itália, e Carlo, deixado para trás, achou que, se não pudera derrotar os franceses, deveria juntar-se a eles. Passou a ser superintendente de uma plantação de amoras, propriedade do Rei de França, mas as amoreiras morreram antes da primeira colheita.

Transformado em advogado de província, passou ele a dedicar a maior parte do seu tempo a uma ação cansativa e mal sucedida, que envolvia uma herança de família a qual, afinal, não passava de um mito. Nesse meio tempo, arranhou duas bolsas de estudos, uma para Joseph, seu filho mais velho, e outra para o segundo filho, que, assim, passaram a estudar para o sacerdócio. Joseph, porém, não era de muito estudar e, por isso, abandonou o curso, mas o irmão, de acordo com o plano do pai, foi mais tarde enviado para uma real escola militar em França.

Quando, aos 39 anos, o Conde Carlo morreu, deixou a viúva, seus cinco filhos e três filhas em desesperadora situação financeira. Não obstante, havia tomado uma providência inteligente — enviando para a França aquele segundo filho. E' que, ao correr do tempo, o filho veio a tornar-se imperador, fez três de seus quatro irmãos se transformarem em reis, e, das irmãs, uma foi rainha, outra, grã-duquesa, a terceira, princesa.

O Conde Carlo, que sempre fizera o possível para ser importante, havia, afinal, conseguido o seu propósito, realizando o que veio a ser um dos maiores sucessos da história. E' que seu segundo filho chamava-se Napoleão. — Wyatt Blassingame.

☆☆☆

Agora os Processos Andam

ERAM calculados em milhões os processos guardados nos arquivos dos ministérios de Roma, mas agora, um apreciável número deles "andou", não apenas metaforicamente, mas de verdade mesmo e dentro de um curto espaço de tempo!

Os felizardos eram pensionistas de guerra, cujos processos, cerca de 800 mil, pesando mais ou menos 80 toneladas, foram transferidos para um edifício situado à rua da Imprensa, em pleno coração da cidade eterna, pelo Sr. Antônio Maxia, então sub-secretário dos Serviços de Danos e de Pensões de Guerra. E "andaram", graças ao eficiente serviço prestado pelos aparelhos de micro-filmagem, que reduzem progressivamente o alarmante número de processos engavetados e que, por isto mesmo, está animando os burocratas romanos. E não é para menos, pois, há algum tempo atrás, a coisa lá andava de tal modo acumulada que um edifício ameaçou ruir, sob o peso da papelada.

**VIDA DIFÍCIL?
POR QUÊ?**



MELHOR do que reclamar contra as dificuldades da vida, melhor do que perder tempo em queixas que nada resolvem é dar um jeito de enfrentar as coisas com ânimo forte, tirando partido de todas as oportunidades de ganhar melhor — e de viver melhor! Se é este o seu caso, se você dispõe de algumas horas de folga durante o dia, e à noite também, aproveite esta oportunidade excepcional: inscreva-se em nosso Departamento de Assinaturas, como representante de **ALTEROSA**. Colocando assinaturas, no seu círculo de relações você poderá fazer um **outro ordenado**, além de realizar um trabalho útil e meritório.

Para viver melhor
— ganhando mais —
aproveite suas horas vagas,
colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Dirija-se hoje mesmo à Soc. Editora **ALTEROSA** Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG), indicando seu nome e endereço completos, profissão, estado civil, grau de instrução e fontes de referências idôneas: comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade, com as quais não tenha relações de parentesco.



Sèvres,

a Arte que a Pompadour Criou

O SUAVE espírito da França é imortal. Transmite-se pelos séculos, através de sua poesia nos versos de François Villon, modificados em seu acento pelas diferentes escolas literárias dos tempos que passam, mas autêntica e insuperável na sua essência. Volta sempre na graça de sua música, desde os acordes dos trovadores medievais até os motivos de Debussy e Ravel. Imortaliza-se desde as suas catedrais góticas às formas de sua encantadora e inconfundível arquitetura, e toma formas atrevidas e revolucionárias na escultura de Bourdelle e Rodin.

A pouca distância de Paris, na estrada de Orleans e antes de chegar a Versalhes, um pequeno lugar representa um templo da beleza, no qual nem o tempo nem as mudanças das épocas conseguiram apagar a chama votiva da arte. E' Sèvres, cujos fornos de olaria tiveram de se apagar várias vezes e outras tantas acender-se, para prosseguir na imperturbável criação do belo, assistida pelos aparatos da técnica.

Dois séculos de elaboração permitiram adornar o mundo com os objetos mais finos, salvando-os das mudanças que se têm operado em relação às distintas expressões da ar-

te, pela impressão indelével de suas formas e cores, na tarefa de fixá-los definitivamente pelo cozimento.

Parece que êsse acento de eternidade que há na cerâmica de Sèvres guardou o afã de sua delicada fundadora, Madame Pompadour, que, ao obter de seu protetor, em 1738, a permissão real para fabricar porcelanas, talvez desejasse immortalizar nestas a beleza, como bela era ela própria, para que suas criações não sofressem a destruição do tempo que abate a formosura das mais lindas.

E aí está o triunfo de sua empresa, oferecendo-nos o testemunho da arte e, juntamente com êle, o espírito da França, que não morre. A princípio, a empresa não obedeceu senão à emulação suscitada pelo progresso da cerâmica alemã, que ameaçava seriamente a tradicional «fiance» de França, o vidrado e o material extraordinário, que permitiam obter as formas desejadas e perdurar nas cores da decoração. Foi um trabalho de artesanato, de indústria e de técnica para encontrar o material que superasse a qualidade da produção clássica, e vencesse a alemã, que começava a deslocá-la. Aqui se pôs a contribuição do talento dos químicos que, por meio de pacien-

tes experiências, conseguiram combinar uma pasta branca que superasse as condições do próprio caulim. Este achado impulsionou de tal modo a nascente Manufatura Real que houve necessidade de lugar apropriado, fora de Paris, para desenvolver suas atividades. Foi deste modo que, em 1754, se estabeleceu na França, onde já completou seu segundo centenário. Hoje, pois, entre lindos jardins, em meio da tranqüilidade e do silêncio propícios às criações e à elaboração científica, a criação da Pompadour desafia o tempo e os inconvenientes da época, como sua graça soube vencer no seu tempo, para este empreendimento, os gastos que causava ao erário, recorrendo à munificência complacente do Luiz XV. A manufatura de Sèvres tem, pois, deste modo, o encanto do espírito feminino que a idealizou, criou e susteve contra a opinião sisuda e ranzinza dos economistas.

Somente assim tem podido perdurar, para decôr da civilização, animada por outros tantos espíritos superiores que se sucederam na direção do venerável estabelecimento, entre os quais Brougniart, que a teve a seu cargo entre 1800 e 1847, conseguindo o aperfeiçoamento da técnica de elaboração, embora com o esquecimento da qualidade artística de suas criações.

Fruto desta preocupação técnica e científica foi o aumento do laboratório químico, à frente do qual desfilaram ilustres homens de ciência, como Hellot, o próprio Brougniart, Vogt e tantos outros. Sob seu conselho sábio e sua direção competente, as côres impressas na porcelana alcançaram a nitidez, o vigor e a exatidão dos originais e assim se conservaram indefinidamente. Mas estas descobertas não só beneficiam a própria manufatura, mas também se transmitem a toda a indústria francesa.

(Continua na pag. 48)

*Museu cerâmico da Manufatura Imperial de Sèvres
(gravação antiga em aço).*



1 DE NOVEMBRO DE 1958



**A
FELICIDADE
está
à sua
espera
tôdas as
SEXTAS-FEIRAS**

**2
MILHÕES**

**LOTERIA
DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

a nossa loteria

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR** «todos»
os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no
tratamento das menstruações dolorosas e outros
distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

Sèvres, a Arte que...

Continuação da pag. 47

Com efeito, este laboratório químico é o lugar onde todos os interessados buscam conselho a respeito de cores e dificuldades de elaboração; deste modo, suas indicações beneficiam a todo o país.

Os maiores artistas da França e de todo o mundo procuram imortalizar-se nas porcelanas de Sèvres. Seus fornos têm cozido sucessivamente, conforme os gostos e as exigências das épocas, os rebuscados rococós, as evocações das formas clássicas e as exigências modernas de simplicidade e graça. As formas dos jarrões e dos bibelôs; as armações para relógios, as estatuetas de formas aladas, para deleite dos olhos; os pratos onde talvez nunca se sirvam manjares, e que se destinam à decoração de paredes; enfim, tudo aquilo que contribui para tornar mais agradável a existência e transmitir às gerações os frutos do talento e da arte.

A exposição Universal de Paris, realizada em 1900, teve como jóias raras da arte francesa as produções de Manufatura Nacional. Entre suas peças figuravam adornos para a Presidência da República. Esta coleção estupenda deve-se ao célebre escultor Fremiet. A produção que Monsieur Baudin dirigia naquele tempo era considerável, tanto em qualidade como em quantidade, e sua fama lhe apresentava anualmente pedidos no valor de 80 a 100.000 francos.

Os novos tempos e as modernas exigências de decorações ampliaram ainda mais os limites da célebre fábrica. Sem desprezar as tradicionais baixelas, as estátuas, os mil artigos de vitrine, os complementos evocadores de outras épocas, os jarrões em que se combinam harmoniosamente, porcelana e metais preciosos, fabrica também vastos painéis decorativos. Nêles, os mais afamados artistas da França têm oportunidade de desenvolver muitos motivos pictóricos, que os fornos e a técnica de Sèvres tornam indelévels. A elaboração passa das formas, que foram o essencial de sua atividade inicial, às cores sobre motivos planos, que parece ser até hoje a última etapa na evolução de suas produções.

Empresa caracteristicamente tradicional, é justo que não ceda ante as demandas imperiosas do modernismo, mas sim na medida que o celebração dos gostos, sempre passageiros e repetidos, converta em clássicas as criações de arte que se assentam em algo mais que ocorrências transitórias. Por isso tiveram reticências Gauguin e outros inovadores. Recentemente começa-se a admitir a possibilidade de que outros artistas revolucionários como Picasso, pos-

(Conclui na pag. 80)

ano

20

1938 - 1958

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL



«Máximo Gorki», a voz (vermelha) dos céus

POR causa dos sputnik e dos aviões de passageiros a jato-propulsão, a tecnologia russa, ultimamente, tem andado com frequência nas manchetes dos jornais. Poucos, porém, são os que se lembram das manchetes provocadas pelo «Máximo Gorki» um super-avião construído pelos russos em 1934, a fim de mostrar ao mundo a sua superioridade em assuntos aeronáuticos. Com oito motores e 64 metros de envergadura, o «Gorki» era considerado pelos seus construtores como o maior avião do mundo.

Na realidade, o aeroplano gigantesco era um centro voador de propaganda. Alojados em cerca de 20 compartimentos do aparelho, havia um cinema sonoro, uma estação de rádio e um laboratório fotográfico. A tipografia instalada no vão de uma das asas, com 1,82 m de altura, podia rodar oito mil jornais de duas páginas por hora; cinquenta leitos, na outra asa, eram ocupados por uma tripulação de 23 homens e, evidentemente, certo número de burocratas também.

O enorme avião, cujas linhas faziam lembrar um morcego, passava em vôos rasantes sobre as pequenas localidades rurais, a despejar propaganda pelas bocas do seu sistema de alto-falantes, e, ao que se afirmava, «a voz dos céus» podia ser ouvida num raio de mil e tantos metros; ao mesmo tempo, um sistema de lâmpadas — vermelhas, como não podia deixar de ser — instalada na parte inferior das asas, formava letras compondo slogans de propaganda. Os rublos ganhos a duras penas pelos trabalhadores soviéticos — num montante de 300 milhões de cruzeiros, aproximadamente, rateados em subscrição popular — financiaram o «Gorki», todo ele construído com peças fabricadas na Rússia, a fim de provar a habilidade dos engenheiros do País. Durante um ano, o aparelho foi o orgulho da URSS e, quando aterrissava em alguma cidade, o povo o rodeava cheio de satisfação, percorria-o e levava para a casa a literatura oficial, depois de ter assistido aos filmes de propaganda, no seu salão de projeções. De vez em quando, os tripulantes ameaçavam os visitantes, com convites para um vôo no monstro.

A 18 de maio de 1935, 37 orgulhosos trabalhadores do Instituto Central de Aerodinâmica, onde havia sido projetada a máquina, embarcaram no avião, para um vôo acima de Moscou. Através da janela, iam eles assistindo às evoluções de um pequeno avião biplano, em torno do «Gorki», para mostrar ao povo, lá em baixo, a sua imensidade.

O veterano piloto Nikolai Blagin ajeitou as coisas para fazer um loop no pequeno biplano, mas, de repente, uma corrente de vento arrebatou o aparelho e o atirou entre dois dos motores do «Gorki». Tal como um pássaro ferido, o grande avião embicou para o solo, sem que os seus pilotos pudessem recuperar os controles. Depois de alguns segundos, o aparelho explodiu no ar, espalhando corpos e destroços por vários subúrbios de Moscou. Na época, foi aquele o pior desastre aéreo da história. — Marvin R. Weisbord.

CANTIGAS

Do João-de-Barro, partida,
A casa encontrei no chão.
Eu também sonhei na vida
E os meus sonhos onde estão?

Demóstenes Cristino

Onde há humildade
e só penetra a grandeza,
sempre a mentira e a maldade
comem com todos na mesa.

Symaco da Costa

Fui pedir consólo ao vento,
Este mandou-me p'ra o mar;
O mar, num triste lamento,
De pena, pôs-se a chorar.

Paulo Japyassú



Enviei-te tantas cartas...
Tu nenhuma me enviaste:
— Mudaste de residência,
Ou foi de amor que mudaste?

Benny Silva

Para estar sempre agarrado
ao teu corpo tão querido,
não me importava de ser
teu mais modesto vestido.

Geraldo Pimenta de Moraes

Dizem que o Pássaro Preto
Fica cego quando prêso;
Depois que tu me prendeste,
Fiquei cego ao teu desprezo.

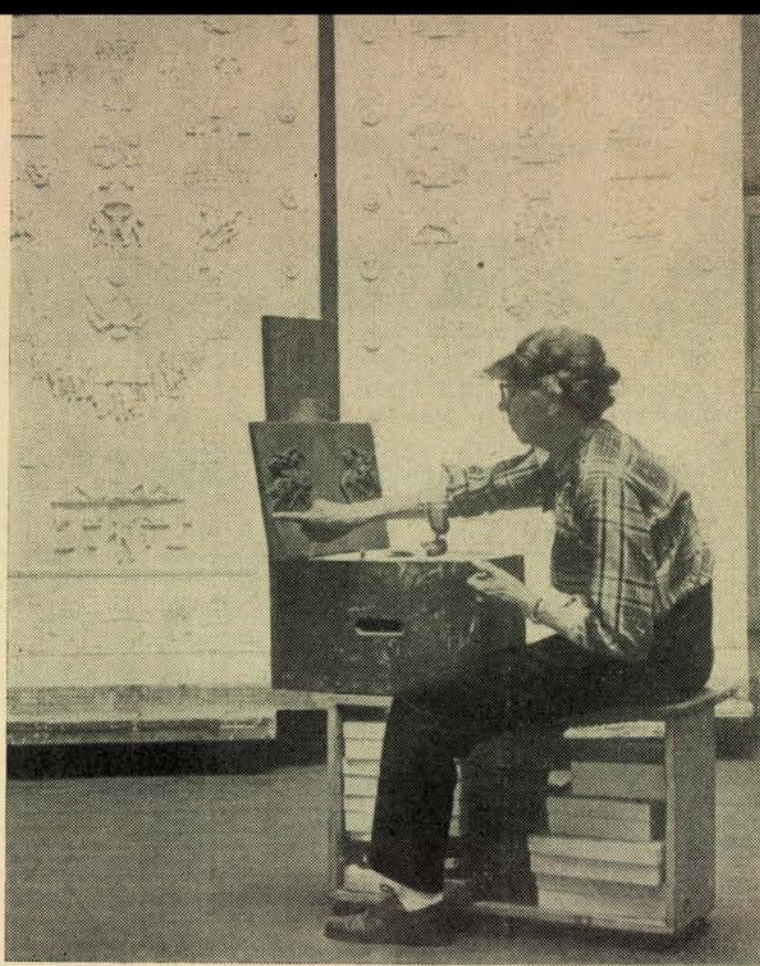
Hélio Gonçalves



Entre outros trabalhos de Laura Fraser, na criação de medalhas e moedas, figura esta, feita para o governo das Filipinas, com a efígie do general MacArthur.



Idealizado em 1935, só agora está sendo executado o monumental baixo-relêvo no qual a escultora pretende contar a história dos Estados Unidos, desde a época da descoberta.



No interior de seu gigantesco estúdio, em Westport, no estado de Connecticut, a Sr^a Fraser trabalha na execução de um grandioso grupo escultural, em mármore.



Sua obra está consagrada

FIZ o rascunho em doze minutos, mas levei doze anos para completar a estátua declarou Laura Gardin Fraser, conhecida escultora norte-americana, a propósito de seu trabalho mais famoso, a estátua equestre de dois grandes chefes sulistas da Guerra da Secessão: generais Robert E. Lee e Thomas J. Jackson.

Seis dos mais renomados escultores dos Estados Unidos foram convidados a apresentar projetos para aquele trabalho. Laura Gardin Fraser venceu o concurso, e sua obra é considerada hoje como um dos mais perfeitos trabalhos de escultura dos Estados Unidos. Está localizada num parque público, em Baltimore, Maryland.

A escultora estava habituada a ganhar prêmios desde 1916 quando, aos 27 anos, recebeu o primeiro dos cinco prêmios que lhe foram conferidos pela Academia Nacional de Desenho. Em 1926, tornou-se a primeira das duas únicas mulheres que até hoje conseguiram a distinção máxima na arte das medalhas, nos Estados Unidos — o Prêmio Salustus, da Sociedade Americana de Numismática.

Há 40 anos, Laura Fraser vem dividindo sua carreira entre a arte da escultura e a da medalha. É membro da Sociedade de Escultura, do Instituto Nacional de Artes e Letras e uma das poucas mulheres que fazem parte da Academia Nacional de Desenho.

—oOo—

Laura Fraser passou toda a vida num ambiente de arte e literatura, revelando, desde a infância, vocação para a escultura. Depois de concluir seus estudos secundários, ingressou na Liga dos Estudantes de Arte, de Nova Iorque, onde conheceu o escultor James Earle Fraser, com quem se casou, em 1913. Até a morte de James, em 1954, os dois artistas trabalharam lado a lado, mas independen-

temente, no estúdio que construíram junto de sua casa.

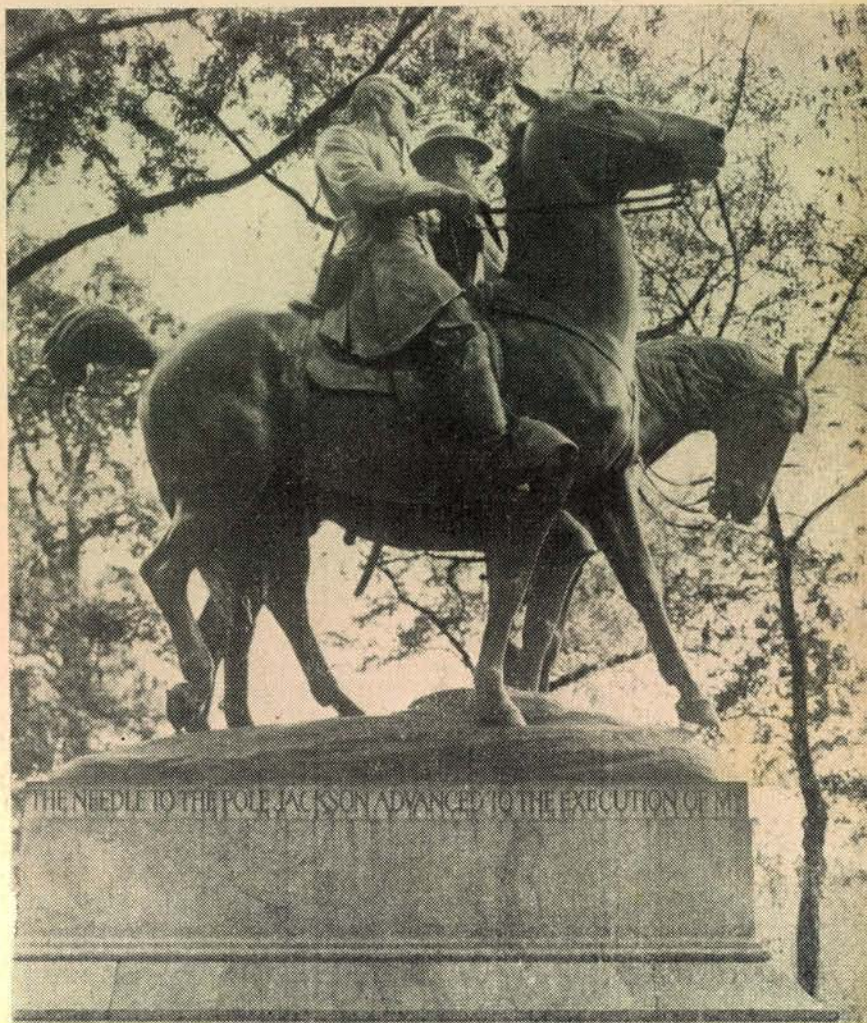
No campo artístico das medalhas, a Sr^a Fraser já criou mais de 100 modelos diferentes. Venceu o concurso para a Medalha do Congresso para o General Marshall, autor do Plano Marshall de recuperação da Europa. Outras medalhas famosas: medalha do Congresso, em comemoração do

250º aniversário de Benjamin Franklin e medalha do bicentário de George Washington.

Em 1947, recebeu ela do governo filipino a incumbência de desenhar moedas de um peso e de 50 centavos. Entre os muitos modelos preparados, existe um que simboliza a trilha do Oregon, estabelecida pelos primeiros

(Conclui na pag. 88)

Construído sobre um rascunho desenhado em doze minutos este monumento dedicado aos generais Lee e Jackson, é considerado um dos mais perfeitos dos Estados Unidos, e foi projetado pela Sr^a Fraser.



O VIOLINO DO

MARGERY FINN BROWN

CAPÍTULO I

HAVIA planejado cada passo do caminho. Nada iria acontecer naquela tarde de setembro, nada de mau poderia acontecer. E contudo pôde sentir bôlhas de excitação a ferverem-lhe na cabeça, ao cochichar a Miss Mars.

— Ora, Lúcia — Miss Mars hesitou delicadamente — não sei se eles têm qualquer... quaisquer facilidades aqui.

— De certo que têm. Vi o sinal **Damen**, «para senhoras», ali. Lúcia moveu o braço na direção do corredor da Biblioteca Memorial de Berlim.

— Quando tiver terminado, volte ao principal salão de leitura, ouviu? Obtivemos apenas trinta minutos antes que o ônibus da escola parta. E você, Rolando Upsala, vire para lá essa pistola d'água...

Ninguém prestou atenção alguma em Lúcia Smith, quando ela deixou o pavilhão das crianças da escola americana e foi andando pelo corredor da biblioteca, permitindo que sua saia de xadrez, sob a qual pendia uma tira de crinolina, ondulasse elegantemente. O salão das senhoras estava vazio. Bem, outro bom sinal. Melhor conferir se tinha tudo em sua bolsa.

O mapa de Berlim Oriental? Guardado no primeiro bolso de celofane, em sua carteira. Dinheiro, no segundo bolso; um retrato de seu pai em uniforme de major, de ar triste, como se estivesse com dor de estômago; um cartão atestando que Lúcia Smith, de onze anos de idade, era membro em boa situação do Clube Americano de Pré-Adolescentes de Berlim, Alemanha; e por último, um tubo de tinta azul de sombrear olhos, que aplicou fartamente, conservando o rosto aproximado do espelho da parede.

As olheiras fizeram-na parecer mais velha. Aspecto de magreza. Especialmente quando chupou as bochechas, distendendo a boca sobre os dois dentes da frente, o que lhe fez lembrar o Coelho Pe-

dro. Não era absolutamente bonita e o único meio de suportar esse desgosto era pensar em si mesma como uma princesa encantada, esperando pelo príncipe que lhe viesse dizer as palavras mágicas. Com um golpe de sua varinha mágica, seria ela transformada numa beleza completa. Seu busto se tornaria imponente, seu olho direito, que tinha tendência a virar para dentro, quando estava ele excitada, ficaria reto como uma flecha, reto como um poste telefônico. Não ouse virar-se para dentro, comandou ela a seu olho no espelho.

Logo depois do almoço, Miss Mars tinha levado toda a sexta série da Escola Dependente Americana para uma volta de ônibus pela Berlim Ocidental. Primeiro o Aeroporto de Tempelhof. O Sino da Liberdade. Agora a biblioteca, que, de acordo com o mapa de Lúcia, estava apenas a poucas quadras da fronteira da Berlim Oriental. Tinha muito tempo para atravessar e voltar, antes que o ônibus escolar partisse. Miss Mars não queria perdê-la. Miss Mars era velha, tinha vinte e oito anos pelo menos e era tão distraída que chegara um dia à escola usando brincos desconstruídos.

Estava o vestibulo deserto agora? Lúcia abriu a porta da sala das senhoras para ouvir a voz xaroposa de Miss Mars...

... «esta magnífica biblioteca, meus alunos, é realmente uma Biblioteca Memorial Americana. Foi construída com dinheiro americano em 1954 e contém mais de oitenta mil volumes. Agora — sem fazer barulho, ouviu, Rolando Upsala? — dirijamo-nos para a principal sala de leitura».

Lúcia esperou até que os passos morressem à distância. Atravessou rapidamente o corredor, na direção da porta de entrada. No círculo de tráfego, teve que esperar que um caminhão de padaria passasse. Depois, achou-se a caminho da Berlim Oriental, diretamente pela Urbanstrasse, repleta agora de freguesas vesper-

tinhas. Seus sapatos novos, marroms e brancos, foram um erro, sentenciou; os saltos estavam começando a desgastar-se. Todo o seu almoço fora uma sopa de ervilhas, três sanduíches de queijo, uma gasosa e um pacote de amendoim.

— Duas bonitas maçãs maduras, por favor — disse, em alemão, para a mulher da venda de fruta, enquanto remexia em sua bolsa à procura de dinheiro.

— Você deve ser da Alemanha Oriental — disse a mulher. — Posso afirmar por causa de seu sotaque.

Lúcia ouvira este comentário muitas vezes. As pessoas nunca acreditavam quando dizia ela a verdade, quando afirmava que era uma norte-americana que aprendera alemão com uma governanta alemã. Fosse como fosse, era mais divertido forjar uma resposta.

— Sim, sou uma refugiada de Dantzig — disse ela, dolorosamente. — Tenho seis irmãos — Seis era um bonito número. — Infelizmente, todos são cegos.

— Pobre criança. — A mulher olhou-a com simpatia. — Saboreie suas maçãs, pobre criança.

O que era mais fácil de dizer que de fazer, pensou Lúcia, enquanto se afastava. A maçã tinha um gosto horrível. No dia anterior, na cozinha, a Sr^a Pietsch dissera que a safra de maçã daquele outono fora a pior em muitos anos.

— Manchas! Repare as manchas! — disse a Sr^a Pietsch, no seu acentuado sotaque de Dantzig, deixando cair as maçãs descascadas numa panela com água salgada. — Você sabe como seu pai, o Senhor Major, gosta de sua torta. Mas que se pode fazer com maçãs dessa qualidade?

— Compota de maçãs. Faça um boião dela. Eu poderia ajudar, mas tenho de escrever à minha avó. Aposto que ela nem lerá minhas cartas.

— Mas isso é uma tolice, Lúcia.

Atravessada a ponte, ela se encontrou no domínio da aven

DIABO

— Não é, não. — Abriu a geladeira e examinou-lhe o conteúdo taciturnamente. — Já lhe contei, não já ? que antes de irmos aqui para Berlim, fomos ver minha avó em Rye.

— Rye é uma espécie de trigo, não é ?

— Não, Rye é uma cidade. — Tudo levava tempo com a Sr^a Pietsch, porque não podia ela falar ou entender inglês. — Disse que não parecia eu nada com minha mãe. Chorou tanto que sua blusa ficou molhada em alguns lugares. Papai disse : «Estou certo de que Mira se orgulharia de Lúcia. Eu me orgulho, Sr^a Chauncey». Posso afirmar que isso não era sincero da parte dele. Teria preferido que eu fosse um menino.

— E eu preferiria que você parasse de mexer na geladeira. Por que não sai ao sol de Deus e vai brincar com os nossos vizinhos, as gêmeas Erdhausen ?

— Porque Deus está chovendo. Além disso, detesto Heidi e Erica Erdhausen e aquele gordo primo deles da Berlim Oriental. Esperava-se ontem que chegasse aqui aquele gordo Wolfgang e...

— Você não soube ? Wolfgang não mora mais na Berlim Oriental.

— O... o quê ?

— O pai de Wolfgang trabalha para os russos na Berlim Oriental e na última segunda-feira mudou-se a família toda para Stalingrado. Nunca mais veremos Wolfgang. Outra maçã pulou dentro da panela. — Que é que há, Lucinha ? Você parece excitada !

Excitada ! Mesmo agora, o pensar na traição de Wolfgang fazia seu olho revirar. Prometera comprar para ela um violino do diabo, na Berlim Oriental. Depois mudara-se para Stalingrado, que ficava a cerca de um milhão de milhas a dentro da Alemanha Oriental, levando os vinte marcos que lhe dera e sua bola de beisebol autografada pelos «Gigantes». De modo que não havia outra coisa a fazer senão ir ela própria à

tura... e do perigo.



Berlim Oriental. Felizmente, tinha Miss Mars planejado aquela excursão. A biblioteca estava próximo da fronteira, somente a umas poucas quadras, como mostrava o mapa.

Mas estivera andando um bocado. Dez quadras, talvez mais. O pensar em Wolfgang fizera-a perder a conta. Nem mesmo notara um canal atravessando a rua. Havia uma ponte sobre o canal e um grande sinal preto e branco pregado à ponte. Era aquela a fronteira? Apressou o passo para ler o que estava escrito no sinal.

ESTAIS DEIXANDO AGORA O SETOR AMERICANO.

Afinal.

Sentiu-se tão aliviada que parou a meio da ponte, colocando seu pulôver sobre o parapeito. Uma brisa encrespava o canal, em baixo. Uma pequena barcaça ia impelindo sua proa chata pelo canal e seus flancos sujos de carvão eram lambidos pela água também suja de carvão. O homem que ia ao leme puxou uma corda, quando a barcaça se aproximou da ponte e abaixou a chaminé. Uma chaminé desmontável.

A barcaça lá se foi para diante e ela ficou só. Nem polícia de fronteira, nem carros, ninguém. Apenas a ponte que conduzia a uma rua deserta na Berlim Oriental. Hesitou por um instante. Não se podia imaginar americanos indo à Berlim Oriental a não ser em viagem de ônibus. Miss Mars dissera que era aterrorizadora a diferença entre a Berlim Oriental e a Ocidental; chegou a dizer que o ar cheirava diferente.

Bobagem! Apertou a tira elástica em torno de seu rabo-de-cavalo e começou a andar por uma rua deserta da Berlim Oriental.

* * *

Quando o guarda do ônibus descobriu que havia vinte e não vinte e uma crianças no ônibus, disse Miss Mars:

— Agora, gente, não percamos a cabeça.

Deu cuidadosa busca na biblioteca. Lúcia não estava no salão das senhoras. Ninguém vira uma menina com um rabo-de-cavalo e sapatos novos brancos e marrons.

Talvez Lúcia estivesse de volta ao ônibus agora. De certo passaria uma boa reprimenda em Lúcia.

Lúcia não estava no ônibus. Os gordos joelhos brancos de Miss Mars começaram a tremer. Por que todas as coisas ruins aconteciam em trio? Uma de suas

melhores peças de roupa, que mandara para a lavanderia alemã, encolhera. A carta de Billie Lou, de volta ao lar em Verona, na Carolina do Norte: «Lembra-se de Lotário, meu primo?» Oh! que casualidade! «Lembra-se de que vocês marcaram numerosos encontros no verão passado? Ficou noivo duma moça de Boston, uma daquelas sêcas intelectuais ianques. Mamãe diz que devemos ser gratas, pois pelo menos é ela uma dama».

A letra de Billie Lou parecia tremular diante dos olhos de Miss Mars, enquanto voltava ela para a biblioteca e telefonava para a Escola Dependente Americana. O diretor, Sr. Roberto, disse que trouxesse as crianças de volta no ônibus imediatamente. Disse que ela, pessoalmente, não merecia censura e, portanto, fizesse o favor de deixar de fungar e que iria telefonar para a casa Smith para ver se Lúcia estava ali.

O Sr. Jaime Roberts discou... 76654, número do telefone escri-

Acreditei no que digo: todo homem tem suas mágoas secretas, as quais o mundo não conhece; e freqüentemente chamamos de frios a homens que são apenas tristes.
— Lonfellow.

to no enderêço de Lúcia. A governanta alemã respondeu: «Niemand zu Hause, niemand zu Hause. (Ninguém em casa). Pensou na sua própria casa, em Christy, sua mulher, arrumando malas de roupa, fazendo listas para a ama profissional que chegaria às quatro. O doutor dissera que nada havia para preocupações, pois muitas eram as mulheres que sentiam depressão após o parto. «A sua esposa teve dois filhos em menos de três anos, Sr. Roberts. A atmosfera de Berlim também é de extensa tensão. Sugiro um fim de semana em Goslar, no Harz...» Mas se a menina Smith não aparecesse antes da hora do trem, ele não poderia ir. Christy não poderia ir, e choro e mais choro. Era o diabo! Teria de apelar para o Capitão Smothers, o oficial da escola. Não, Smothers estava em Berchtesgaden para uma conferência da Associação de Pais e Mestres. Teria de ser o Coronel Delaney, chefe do comando, U.S.C.O.B...

O Coronel Bruce Delaney ergueu a cabeça esperançoso, quando o telefone tocou lá no seu escritório. Libertação? Até a der-

radeira hora estivera esperando uma crise, uma bomba, um ataque cardíaco, algo que fizesse calar o senador que estava sentado do outro lado da escrivaninha, fazendo tinir sua falsa dentadura verde-amarelada.

— ...certamente apreciarei a maravilhosa cortesia que seu comando mostrou para comigo, durante minha estada em Berlim, coronel. Informativa, bastante informativa.

O senador dizia tudo duas vezes.

— A Berlim Ocidental, estava eu dizendo na noite passada ao General, a Berlim Ocidental é uma verdadeira ilha de democracia, num mar de comunismo. Guarnecida com a flor da humanidade americana, esses belos rapazes americanos que...

— Perdoe-me interrompê-lo, senhor — disse a secretária do Coronel Delaney, brandindo seu bloco de taquigrafia como um escudo. — O Sr. Roberts está chamando da escola americana. E' extremamente urgente, Coronel.

* * *

O canal fluía pela rua, na Berlim Oriental, produzindo suaves murmúrios aquáticos. Tudo quanto Lúcia podia ver nas vendas de hortaliças eram murchos tufos de cenoura. Algumas das casas bombardeadas estavam separadas justamente em duas. A frente de uma outra casa desmoronara, mostrando uma banheira enegrecida e atrás dela uma escada conduzindo a parte alguma.

Wolfgang era um tremendo mentiroso. Dissera que a Berlim Oriental estava cheia de violinos do diabo. Não vira um ainda. Sentou-se no banco e comeu a outra maçã.

Dirigir-se-ia à primeira pessoa de rosto bonito que passasse por ela, para perguntar:

— Desculpe-me, mas diga-me, por favor, onde posso encontrar um violino do diabo?

Não que parecesse com um violino. Assemelhava-se mais a um banjo de uma corda, mas tocava-se nele como num violoncelo, com um arco de madeira. A parte do diabo provinha de ser o local onde a gente apertava a corda uma brilhante cabeça vermelha de diabo...

Algo fê-la erguer a vista. Um limpador de rua estava recolhendo folhas numa carroça. No seu uniforme cáqui havia uma braceira listrada de vermelho e branco. Olhava para ela. Quando seus olhos se encontraram, sentiu Lúcia um toque de alguma coisa... quase como uma campanha de alarme. Empur-

rou o homem a carroça na direção dela. Não era, afinal, um homem.

— Bom-dia — disse a mulher com voz de homem.

— Bom-dia — respondeu Lúcia.

— Ufa! — gemeu ela, ao sentar-se, com as pernas cabeludas nuas, surgindo de sapatos de homem. Cheirava a terra úmida. Suas orelhas não tinham forma, como se tivessem sido pregadas à sua cabeça, enquanto estavam ainda quentes e moles.

— Perdida?

— Na verdade, não — disse Lúcia orgulhosamente.

— E' que não vemos muitos americanos deste lado de cá.

— Como soube que sou americana?

— Pelos sapatos. — A mulher acendeu uma ponta de cigarro. — Sómente americanos usam tais sapatos. Repare essa maça que está comendo. Tem bichos.

Lúcia atirou a maçã na sarjeta, por onde rolou com sua metade já comida.

— Aqui tem uma. Estas não estão velhas demais. — A mulher mostrou um pacote de maçãs. — Fala alemão muito bem.

— Obrigada.

— De nada. Agora diga-me, que está fazendo sôzinha na Berlim Oriental?

— Quero comprar um violino do diabo, porque lá na Berlim Ocidental não os encontro. — A mulher pareceu não compreender, de modo que Lúcia decidiu começar pelo começo. — Minha mãe morreu, ouviu? Temos ainda o seu piano, mas acontece que não tenho jeito para música. O Sr. Schneider tentou ensinar-me. Bate no meu pulso e diz: «Santo Deus não, não, NÃO!»

A mulher riu. Não fôssem as orelhas, até que nem era feia.

— De modo que um dia, Wolfgang... a senhora haveria de odiá-lo, pois ele se requebra... visitou os gêmeos Erdhausen nos vizinhos na Ihnestrasse, isto é, na rua onde moro. Deixou que tocasse no seu violino do diabo. Toco maravilhosamente. Meu pai vai ficar realmente surpreso. Amanhã é dia de seu aniversário e depois que tivermos comido bolos e tomado sorvete, vou tocar «Velhos Camaradas», «Marchando através da Geórgia», a parte mais fácil de «Estrélas» e...

— Espere um minuto — interrompeu a mulher. — Seu pai não sabe que você está por estes lados?

Lúcia pôs em ação sua nova risadinha sussurrada.

Em Reuniões

Stella Marina

BOM-TOM

QUANDO se reúnem em casa, várias pessoas, e se estabelece uma espécie de preferência com respeito a algumas delas, incorre-se em grave falta, pois isso equivale a fazer distinções que podem, perfeitamente, dar origem a ressentimentos. O correto é tratar todos os convidados com a mesma afabilidade, para que ninguém se queixe de desconsideração.

E' A DONA da casa quem deve ir ao encontro de seus convidados e não estes que se dirigem a ela, exceto quando há razões de idade, posição social superior, etc.

RETIRE-SE de uma reunião quando perceber que as pessoas restantes são amigas chegadas dos donos da casa e, que, portanto, têm direito de se despedir por último. Numa festa em clube, não seja das últimas a sair.

TODO homem deve, por simples cortesia, atender à senhora a cujo lado se sentar, numa reunião qualquer. A dama, por sua vez, deve agradecer essa atenção cordialmente e não considerá-la como homenagem imposta por sua condição de mulher, equívoco em que, aliás, muitas incorrem.

QUER se trate de uma festa de criança, ou reunião de adultos, a dona de casa moderna vê a vantagem de um serviço de bufê. A mesa é preparada com bastante antecedência. Esse tipo de serviço cria, em geral, uma alegre informalidade, que contribui para o êxito da festa.

NINGUÉM ao entrar numa reunião, deve fazê-lo demonstrando acanhamento, pois o desembaraço discreto fará com que façam melhor conceito de quem chega. Não convém, no entanto, confundir desembaraço com estardalhaço, pois há sempre, entre eles, um meio termo que deve ser o preferido.

UMA DONA de casa, se serve bebidas alcóolicas, deve ter também bebidas sem álcool, ou suco de frutas, para aqueles que «não bebem».

A PESSOA que, em uma reunião, fala em dois idiomas ou mais, alternando-os, senta praça de pedante e comete uma incorreção, pois nunca se deve conversar numa língua que os demais não entendam.

A ARTE de receber as pessoas amigas em casa, consiste em algo mais do que enchê-las de atenções. E' mister rodeá-las de um clima de sa alegria e, muito especialmente, manifestar-lhes, sempre que se possa, o quanto nos é grata a sua presença.



NÃO PODE parecer mal a ninguém que o dono da casa, em uma reunião dançante, dance com todas as senhoras casadas, pôsto que com isso cumpre apenas com seus deveres sociais.

TANTO se peca por mostrar retraimento demasiado, em uma reunião, como por se falar pelos cotovelos, com o intuito de se fazer notada.

QUANDO se reúnem em casa alguns amigos, o correto é tratar a todos igualmente e não estabelecer distinções, pôsto que isso provoca ressentimentos e esfriamento de relações.

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



• Bons programas
• Melhores locutores
• A melhor música
nos céus de Minas



rádio MINAS

rádio PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial

Edifício Acaiaca • 14º andar

Salas 1420/21 • Fone: 2-9711

Belo Horizonte

— De certo que não. Ficaria furioso. Não se imagina gente do Exército Americano na Berlim Oriental, a não ser viajando de ônibus, e alguns americanos nem mesmo vir aqui podem. Meu pai não pode. É um Major de grande importância no G-3.

— G-3?

— Quer dizer dos planos, dos planos que o Exército faz para o caso de os Ivãs atacarem a Berlim Ocidental. Pessoas como meu pai são consideradas sábias, geniais. Não sei como se diz geniais em alemão, mas significa que meu pai traz tamanhos segredos na cabeça que seria terrível se os Ivãs o agarrassem. Entende o que quero dizer?

— Entendo, sim. — Fêz uma série de rápidos movimentos com as mãos, como se estivesse debulhando milho. — Mas como sabe dessas coisas?

Lúcia cruzou seus dedos por trás das costas.

— Meu pai me conta tudo. Tenho onze anos e meio.

— Você é uma linda menina.

— Obrigada.

— De nada. Chamo-me Krause. A Viúva Krause. Acontece justamente que tenho em minha casa um do diabo...

— Violino?

— Sim, a palavra escapou-me por um instante. Vendê-lo-ei barato a você. Quinze marcos. Pague-me agora.

Lúcia tirou sua carteira de bolso, secretamente divertida: a mulher de certo pensava que ela era uma criança.

— Aqui estão oito marcos. Os outros sete quando eu vir o violino. Está bem?

— Está bem. Apressemos-nos. O vigilante da rua me censurará, se me vir. Ai! minhas pobres pernas! — Cuspiu destramente no chão. — Vamos, puxe a carroça comigo. Se alguém falar não abra a boca.

Puseram-se a descer a rua juntas. As rodas da carroça rangiam. A distância, podia Lúcia ouvir a campainha, alertando-a de novo.

— Srª Krause, o violino tem bom som?

— Ach! Ach! — disse ela brandindo um imaginário violino no ar. — Soa igualzinho a um côro angelical.

Mas não se toca assim. Segura-se o violino como se fôsse um violoncelo, com uma extremidade apoiada no chão.

— E as cordas? Estão em bom estado? — perguntou Lúcia.

— Cada uma delas é de primeira ordem.

A mulher estava mentindo. Um

violino do diabo tem somente uma corda.

— Olhe, Srª Krause. Está ficando escuro e eu tenho de voltar para casa. Não quero mais o violino. Pode ficar com o dinheiro.

— Não ficarei só com o dinheiro. — Agarrou Lúcia pelo pulso.

— Escute, durante cinquenta e um anos, tenho vivido sem um bocadinho de sorte. Cinquenta e um anos com um marido que não presta, dois filhos mortos na Rússia e outro apodrecendo na cadeia. E chega justamente você, uma americanazinha rica com um rico pai americano. Ele vai pagar e pagar...

— Não ouse raptar-me. Gritarei. Chamarei a polícia.

— Chame, por favor. Os polícias virão correndo. Levarão você para os russos. Os Ivãs, os russos, estão muito interessados em planos de guerra. Porão você num subterrâneo úmido e escuro, os ratos subirão pelos seus tornozelos e se aninharão em seus cabelos.

— Por favor, não faça isso.

— Escolha. — Sua mão apertou mais. — Eu ou os Ivãs.

Lúcia fechou os olhos por um segundo. Naquele segundo, com sua primeira aterrizadora certa-za do mal, deixou de ser uma criança.

— Irei com a senhora — disse.

E seguiu calmamente. Esperaria sua oportunidade. Não ali. Estavam passando diante de outra fila de casas bombardeadas. Um menino debruçou-se da janela para aguar um gerânio murcho. A calçada começou a estreitar-se. Na esquina havia um sinal vermelho: «Construção de Rua Subterrânea», e atrás do sinal um pequeno espaço aberto com umas poucas árvores.

Não dê mostras de estar com medo, espere pela esquina.

— Sim, somos ciganos — resmungou ela — ciganos caminhando através...

— Cale a boca.

Estavam na esquina. Lúcia mordeu o punho da mulher. A mulher soltou uma praga e golpeou com a outra mão. Lúcia empurrou a carroça de lado, bloqueando a calçada. Pulou por cima do sinal vermelho, para dentro do buraco. Seu tornozelo torceu-se de encontro a uma pedra oculta e a voz da mulher cortou o ar:

— Pare, ladra, ladra...

As árvores eram tufos de arbustos que se curvavam sob suas mãos e além das árvores abria-se um estreito beco. O fétido de lixo era forte. Caiu sobre uma bici-

(Continua na pag. 86)

Enceradeira

A VIDA COM WALITA É MAIS DESCANSO!

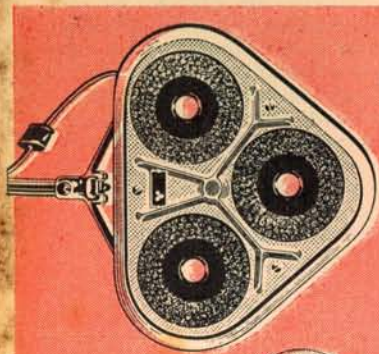


*mais
brilho*

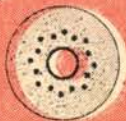
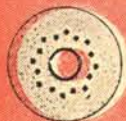
com menos
trabalho!

ENCERADEIRA

Walita



3 escovas e 6 acessórios sobressalentes! Revestimento de borracha nos bordos, para não riscar móveis e paredes. Fio de 6 metros de comprimento. O formato de desenho especial permite alcançar qualquer canto da casa — mesmo sob os móveis!



A vida com Walita é outra coisa! Porque a Enceradeira Walita não "puxa" para os lados, nem "faz ondas" no assoalho. Encera e dá brilho com perfeição, sem nenhum trabalho. O seu motor é silencioso e resistente. Tudo isso quer dizer: Walita é mais descanso para a senhora.

Walita — a mais completa linha de aparelhos elétricos para o lar:

Liquidificador e acessórios — Batedeira de Bôlo — Aspirador de pó — Exaustores — Ventiladores — Motor para Máquina de Costura — Ferro Elétrico.

A venda com facilidades em seu revendedor Walita!

P.S.

Walita é garantia de mais de 1 milhão de aparelhos em todo o Brasil, com motores desenhados e fabricados exclusivamente pela própria Walita.

ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S. A.

— a maior fábrica de aparelhos elétrico-domésticos na América Latina

Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 — Caixa Postal 8018 — São Paulo

Filiais: Rua México, 90 — 2.º andar — Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro, 1116 — 6.º andar — Porto Alegre



A Cota de Alerta da Fadiga

HÁ alguns anos, um militar americano, o Coronel Stapp, imaginara um trenó a jato que permitia submeter um ser vivo a acelerações fantásticas. Construído o aparelho, procurou-se o animal mais robusto que os naturalistas conhecem. Aconselharam-no a escolher um gorila. Ora, verificou-se, no decurso das primeiras experiências, que os gorilas sucumbiam todos, desde que sofriam uma aceleração de 9 G, isto é, 9 vezes a gravidade terrestre.

Descobriu dessa forma novo limite da tolerância fisiológica? Não, porque, em seguida, decidiu o Coronel Stapp subir ele próprio ao seu trenó. Para não importa qual médico, era certamente muito menos resistente que um gorila. Entretanto, conseguiu ele sobreviver a acelerações de 12 G, e até mesmo, por duas vezes, de 25 G. Não se tratava de um caso único, pois seu assistente, Simmons, suportou igualmente 25 G, no decorrer de três experiências sucessivas. Qual era, pois, a diferença entre Stapp e Simmons, de uma parte, e os gorilas, de outra? Jamais talvez a superioridade, mesmo física, do homem sobre o animal, foi posta em evidência de maneira mais clara do que nessa experiência limite. «Sabia eu de antemão que ia experimentar uma prova terrível — explicou Stapp. — Mas não os gorilas. E podia preparar-me mentalmente para ela. Impuseram-me uma regra absoluta: jamais perder os sentidos». E, de fato, os traçados recolhidos pelo eletro-encefalógrafo provaram que, mesmo a 25 G, jamais o Coronel Stapp perdeu a consciência.

Sabemos sempre utilizar os ex-

traordinários recursos dessa consciência, que lhe permitiu sobreviver a condições inumanas, quando se trata de afrontar as dificuldades da vida cotidiana?

— Na hora atual — lembrava recentemente o Dr. Dwight L. Wilbur, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos — a fadiga é o único sintoma tangível dos dois terços de todos os doentes que vêm consultar um médico.

E não são os práticos franceses que o desmentirão, sobretudo nesta ostentação em que o benefício das férias não é mais que uma lembrança. Uma fadiga crônica generalizada, invadente, que nem o sono nem o repouso conseguem desfazer.

— Prescrevemos fortificantes, vitaminas — explicou-me meu médico. — mas os casos em que esses remédios agem, porque respondem a uma necessidade real do organismo, são raros. A maior parte do tempo, forçoso nos é comprovar que o pretenso doente está, do nosso ponto de vista, de perfeita saúde.

Trabalhamos, pois, mais do que no passado, ou em condições mais penosas? Seria não dar

importância ao maquinismo, ao conforto e a todas as conquistas sociais em matéria de férias e de lazeres. Acusou-se a monotonia do trabalho industrial, mas foi provado em laboratório que a repetição dos mesmos gestos conduz a uma melhor adaptação, portanto a um menor gasto de energia. Invocaram-se igualmente os fatores mais inesperados, o barulho, as trepidações, o ar malsão das cidades, para explicar essa verdadeira intoxicação pela fadiga que se tornou a obsessão de tantos de nossos contemporâneos. Sem querer negar seu papel, pode-se perguntar se causas tão reduzidas são realmente capazes de tão vastos efeitos.

— O aborrecido com a fadiga — explicou-me um grande psiquiatra parisiense — é que não descobrimos ainda o aparelho que permitia medi-la em bloco, como por exemplo, se faz com a pressão. Medimos fadigas locais, particulares, na esperança de estabelecer uma espécie de balanço de energia. Mas nos enganamos sempre na soma, porque, no homem, diferentemente da máquina, ou mesmo do animal, topamos com um elemento que não se deixa cifrar: a consciência e a moral. E não há dúvida de que elas desempenham um papel decisivo na fadiga. Como, de outro modo, explicar esse fenómeno estranho? As doenças da fadiga são diferentes, segundo as posições. Os chefes de empresa tornam-se cardíacos, os quadros superiores têm úlceras de estômago e os quadros subalternos caem em depressões nervosas.

E é talvez a experiência do Coronel Stapp que melhor esclarece a verdadeira origem dessa miste-



riosa fadiga contemporânea. A aceleração do ritmo da vida, que vai da preocupação com a hora até a corrida às invenções, os deslocamentos sempre mais numerosos e mais rápidos, o automóvel, o avião que nos transporta em algumas horas dum clima a outro, a renovação perpétua das condições de trabalho, tôdas essas modificações do cenário cotidiano andam hoje tão depressa que não temos mais tempo de preparar-nos para elas. Muitos dentre nós, cuja consciência foi modelada ao ritmo do começo do século, têm dificuldade em adaptar-se. Supor-tam o seu tempo em vez de en-frentá-lo com lucidez.

Porque, no plano físico, começamos a descobrir que os limites daquilo que o organismo humano pode tolerar, daquilo que ele suporta normalmente, sem fadiga, são propriamente incriveis. E o homem poderia realizar milagres, se seu moral estivesse sempre à altura das circunstâncias que encontra. Tal é a lição essencial da estranha experiência, única no mundo, que acabam de realizar dois pesquisadores norte-americanos. Com efeito, os doutores Roscoe G. Bartlett e Vernon C. Bohr haviam decidido estudar cientificamente o ato mais secreto da vida humana, medir o esforço sexual. Ora, as cifras recolhidas ultrapassam tudo quanto se imaginava.

Uma só resume-as tôdas: 170 batidas de coração por minuto, tanto no homem como na mulher. Ora, um coração em bom estado não vai além, normalmente, de 72 pancadas por minuto. Jamais, anteriormente, se havia registrado uma aceleração tão fantástica do ritmo cardíaco, senão, por vèzes ao fim de provas esportivas que exigiam uma resistência excepcional. Ainda assim a comparação não é absolutamente exata porque, no estádio, o coração aumenta seu andamento progressivamente ao passo que, no esforço sexual, atinge sua velocidade máxima em menos dum minuto, sem treinamento prévio. Quando êstes algarismos foram publicados, a descarga de energia que mediam pareceu tão formidável que alguns médicos sugeriram a presença, naquele momento, no organismo, de substâncias químicas especiais, destinadas a atenuar a violência do choque. Mas as análises levadas a efeito depois não confirmaram a hipótese dêles.

Todos os tratados de medicina explicam que a fadiga sobrevém, quando as reservas do organismo estão esgotadas. Mas esquecem-se de acrescentar que só se trata

das reservas normais, das que servem para fazer face às despesas habituais. Não é por isso que o organismo se esgota. Longe disso. As experiências modernas a respeito da resistência humana o provam superabundantemente. Quando aparece a fadiga, dispomos ainda de imensas reservas, quase inesgotáveis, que basta querer mobilizar.

Churchill contou que, durante o terrível inverno de 1940-1941, em plena batalha de Londres, o governo britânico vivera no terror duma derrocada da população. Não que duvidasse de seu patriotismo. Mas os bombardeios continuos, que desorganizavam a

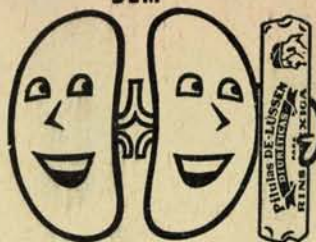


produção e os transportes, as alertas noturnas que racionavam as horas de sono, as restrições alimentares, tôdas essas provações impunham aos londrinos tal sobrecarga de fadiga que se temia a propagação de epidemias graves. Ora, as autoridades sanitárias verificaram com estupefação, que jamais os habitantes de Londres haviam passado tão bem de saúde. Longe de abatê-los, aquelas circunstâncias excepcionais, galvanizando-lhes a coragem, tinham-nos feito descobrir o caminho daquelas reservas secretas de que muitas vèzes êles mesmos não suspeitavam.

O bom resultado, desde alguns anos, duma multidão de novas drogas de efeitos surpreendentes sobre o sistema nervoso, essa misteriosa fronteira entre o corpo e a alma, encorajou numerosos sábios a procurar um remédio que permitisse facilitar essa mobilização. Só se fala nos Estados Unidos de um novo medicamento miraculoso, o D. M. A. E., iniciais do dimetil-amino-etanol. Não somente o D. M. A. E. tem efeitos extraordinários sobre os doentes mentais, mas ter-se-ia verificado que faz desaparecer, nas pessoas normais, todos os sinto-

(Conclui na pag. 60)

SEUS RINS VÃO MUITO BEM



COM AS

PILULAS DE-LUSSEN

A eliminação perfeitamente normal das toxinas ou resíduos venenosos e de todas as impurezas do nosso organismo constitui regra segura para uma vida longa, sadia e feliz.

PILULAS DE-LUSSEN, DIURÉTICAS, desinflamam, lavam e acalmam os rins e bexiga. Eliminam o ácido úrico e combatem dores nas cadeiras, reumatismo e irritações das vias urinárias.

PÍLULAS DE-LUSSEN



DIURÉTICAS E DESINFLAMANTES

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfage "Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfage "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfage "Brilhante". Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.



É uma tonalidade nova e apaixonante. Vejam o que diz, a propósito dessa fascinante criação de Cutex, uma das mais belas do mundo:

"Não foi o sobrenome que me atraiu. Foi a beleza da cor. O morango idealizado pela Cutex é realmente um encanto. Faz mais lindas as mãos mais bonitas."

Terezinha Morango

Nova tonalidade Morango



Para a sua beleza permanente...

CUTEX

A Cota de Alerta...

Conclusão da pag. 59

mas da fadiga. Melhor ainda, teria permitido a algumas delas dormir apenas quatro horas por noite, durante períodos bastante longos, mas com um sono mais intenso, mais profundo que de costume. Ora, o D. M. A. E. é um produto que existe já no corpo humano, mas em estado de traços. E os químicos perguntam a si mesmos se não é ele que serve para fabricar a acetil-colina, essa substância-chave do sistema nervoso que permite a transmissão das ordens ditadas pelo cérebro. As experiências prosseguem há já mais de um ano, em três universidades norte-americanas. E só se espera para entregar o medicamento ao público a prova de que não provocará com o tempo danos ao sistema nervoso.

Mesmo, porém, que tais esperanças se realizem, nenhum medicamento nos dispensará do esforço de consciência e de vontade que é a arma verdadeira do homem para enfrentar as dificuldades da vida. E à espera do D. M. A. E. ou qualquer outra pílula miraculosa, evito esquecer o conselho de meu médico, num dia em que me queixava de ter trabalho demais: «Nunca diga: estou fatigado. Proíba que sua mulher, seus parentes, seus amigos o achem fatigado. Porque não é verdade. Você está sempre menos fatigado do que acredita». — Yves Dompierre

☆☆☆

Missionários de...

Conclusão da pag. 32

vetado, procedia de um lugar a 16 mil quilômetros de distância.

A maioria dos noviços nasceu ou foi criada em cidades, mas todos eles sentiam-se como em casa, no histórico Castelo Donamon, que fica em pleno campo, a 11 quilômetros de distância da cidade mais próxima. E todos concordavam que, a despeito das histórias terríveis que tinham ouvido acerca do regime do Noviciado, estavam vivendo dias mais felizes do que teriam imaginado.

As fotografias, que os mostra a rezar, divertir-se, estudar e trabalhar, revelam o que é a vida em o Noviciado de uma das maiores ordens missionárias da Igreja Católica, para os jovens que, deixando lares e amigos, atendem ao apelo de Cristo, indo «por todo o mundo, e pregando o Evangelho a toda a criação».

O medo à Morte é o medo de si mesmo, porque a Morte está em nós, sob todas as formas da Vida; que coisa é a Vida, senão o caminho da Morte? que nos importam as rosas que florescem nessa avenida da Dor, que nos leva do Berço ao Sepulcro? Sentados à sombra dessas roseiras, sonhamos com olvidar nosso Destino ou acreditá-lo muito longínquo... e do cálice das próprias rosas sai o perfume que nos há de matar; e morremos sob as rosas, sem suspeitar que aquela roseira de encanto, a cuja sombra nos sentamos, era nosso próprio sepulcro adornado de alvuras pelas mãos cruéis da Vida. (Vargas Vila).

De Oliveira e Silva — Nunca sabemos se, neste instante, estamos a dez minutos ou a alguns anos de distância da morte. Ignorância feliz, que Deus distribui tanto aos seres complicados como aos simples. A única certeza é de que uma porção de vida sucumbe, a cada minuto, e não a recuperamos mais.

Pois que a Morte há-de vir, que venha então, por um tranqüilo entardecer de outono, com gestos de brandura e mansidão, não os de quem se apossa do que é dono.

As mãos pousadas sobre o coração, calma e feliz, num lânguido abandono, numa esmorecedora lentidão, que eu cerre o olhar no derradeiro sono.

Pois que há-de vir, seja de manso, quieta, na sugestão de que, boa e discreta, em seus braços de amor vai embalar.

Quero vê-la chegar serenamente e com ela partir de alma contente, sob a calma da tarde, devagar... (Graciette Salmon).

De Franca Lenardon — Há no coração, sem dúvida, uma sensação de frio diante da imobilidade da morte, mas há também um pouco do que dizia a Irmã Madalena — sons de clarins de prata, anjos de asas douradas que se movem numa grande luz azul...

Ao cair da tarde, quando entre os verdelhões e os laranjais, eu chego, lento e pensativo, ao pinheiro que chora a tua morte, tu, Platero, feliz em teu prado de rosas eternas, verás deter-me diante dos lírios de ouro que floriram de teu desfeito coração... (Juan Ramón Jiménez).

«Chego a crer na necessidade de haver céu, pois onde, fora do céu, abrigar-se-ia a imensidão daquela alma?» Não é realmente absurda, tremendamente incompreensível (apesar de diária) esta necessidade de ver fugir de nós, definitivamente, as pessoas que queremos? Não é doloroso este vácuo? Não é a mais dolorosa das necessidades? Muitas vezes tentei enganar-me a mim mesmo evitando supor-me sentimental. Mas,

«Se ao menos as pessoas morressem de verdade, mãe. Mas não morrem, continuam a viver dentro de nós...»

LEONOR TELLES

por imposição ao officio, fui designado a assistir a uma missa por alma daquele soldado brasileiro morto a caminho de Suez e lançado, por necessidade, ao mar. E durante toda a missa por alma daquele homem que eu nunca vira, nunca soubera antes que existira, não pude evitar uma angústia, um sentimento de inutilidade diante da vida... E aquela mulher, pobre mãe já velha, lá na frente, chorando, que não sentiria naquele instante? Não haveria no seu coração de mãe o desejo de que algum daqueles soldados que a rodeavam durante a missa se transformasse por milagre no seu filho? (José Edson Gomes).

De Carlyle — Quando um homem bom e nobre viveu a nosso lado, nunca nos será arrebatado completamente. Deixa atrás de si um vestígio luminoso, semelhante a essas estrelas apagadas que vêm desde a terra, depois de muitos séculos.

Noite fechada, lúgubre, sombria. Céu escuro tristíssimo, nevoento. Relâmpagos, trovões, água, inverno e vento e chuva e chuva e muito vento!

Abro um pouco a janela, úmida e fria, e fico a ouvir e a ver, por um momento, o rugido feroz da ventania e o rasgar dos fuzis, no firmamento.

Quero vê-la no céu... e o céu escuro! E, sem temer que chova e o vento açoite, abro mais a janela... abro-a e murmuro: «Ah, talvez acalmasse o meu tormento — se eu pudesse chorar, como esta noite! Se eu pudesse gemer, como este vento! (Raul Machado).

De Daphne du Maurier — Estaria mais perto de alguma coisa para a qual não havia nome, fugindo do mundo e se perdendo, misturando-se com coisas que estavam para além do tempo, onde não existe hoje nem amanhã.

Chama quietação à morte? Engana-se, depois dela é que principia muitas vezes o maior movimento, o movimento sem fim, sem remissão, o eterno. (Júlio Diniz).

Fuga



Quem Foi o Assassino do Nobre Peretti?

NUMA sobretarde do verão de 1584, na Via Tiburtina em Roma, foi assassinado um jovem cavaleiro, Francisco Peretti, sobrinho do Cardeal Montalto que, no ano seguinte, ascenderia ao trono pontifício sob o nome de Xisto V.

Logo que se divulgou a notícia do brutal delito, em Roma falou-se imediatamente do nome de Paulo Giordano Orsini, Duque de Bracciano e pensou-se que não de todo estranha ao acontecimento deveria estar a viúva do assassinado, a belíssima e cultíssima Virginia Accoramboni, pela qual desde muito tempo estava apaixonado o duque romano.

E os suspeitos pareceram confirmar isso, quando cometeu Paulo Giordano a imprudência de pedir a mão de Virginia. Um escândalo, incontestavelmente.

O próprio Gregório XIII, o papa que legou seu nome à reforma do calendário (realizada em 1582) interveio; intimou Orsini a renunciar ao matrimônio e, para impedir que o nobre romano lhe desobedecesse, deu ordem para encerrar Virginia no Castelo de Santo Angelo. Não significava isto, de fato, que a considerasse culpada do trágico fim do marido, muito embora tanta indícios se conjurassem contra ela.

Sobre o horrendo crime, que tanto barulho suscitou, nunca se soube a verdade; nem os juizes então, nem os historiadores, depois, conseguiram lançar plena luz sobre o que acontecera. São conhecidas apenas, pelos depoimentos das testemunhas, as circunstâncias em que ele ocorreu.

Os dois esposos, juntamente com alguns amigos, voltavam dum alegre passeio ao campo para os lados de Tivoli e já se achavam à vista de Roma, quando duma espessa moita saltaram para fora vários cavaleiros (cavaleiros porque andavam a cavalo, não por gentileza de ânimo e nobreza de intenções) que cercaram Peretti; um deles desmontou-o, os outros, pulando ao chão, lançaram-se sobre ele e o crivaram de punhaladas; enquanto isto acontecia, aquêle que parecia o chefe do bando precipitou-se para a jovem senhora, sustentou-a para que não caísse e, vendo-a desesperada, murmurou-lhe ao ouvido palavras de conforto; depois, novamente em sela, afastaram-se todos rapidamente sem deixar traço.

Mas, por que tal crime?

Não foi o roubo o motivo porque nem a Peretti, nem a quantos estavam com ele foi tirado um cêntimo sequer. A hipótese mais justificável poderia parecer a da vingança; mas igualmente era legítimo, e isto sobretudo depois que o Duque Orsini tinha pe-

dido a mão de Virginia, pensar que o jovem Peretti tivesse sido assassinado precisamente por aquêle que, amando Virginia, não tinha outro meio de desposá-la, senão suprimindo o obstáculo que maiormente se opunha à realização de seu desejo.

SUSPEITAS E AMEAÇAS

O Duque Paulo Giordano não gozava de boa reputação em Roma; dizia-se que havia estrangulado a mulher, Isabel de Médicis, de quem se aborrecera. E' preciso dizer que de bom nome não gozava tampouco Virginia que, casada apenas com 16 anos, com Francisco (nascera em 1557, em Gubbio, de nobre família que tinha dado ao país homens ilustres), nem sempre lhe fôra muito fiel, segundo se murmurava.

Na sua cela, no Castelo de Santo Angelo, aguardava Virginia que lhe fizessem justiça; enquanto isso, compunha versos, versos em tercetos, nos quais chorava o marido arrebatado de maneira tão selvagem ao seu amor e imprecava contra aquêles que se haviam maculado com tão hediondo delito. Os versos da "Desesperada", assim intitulou ela o poemeto, comoveram os juizes, convencendo-os de que não podia ser culpada uma alma tão poética e sensível.

Não demorou muito ser Virginia posta em liberdade. Paulo Giordano mais uma vez pediu-a em casamento. Virginia respondeu, aceitando.

Nesse meio tempo, morto Gregório XIII, fôra eleito papa o cardeal Félix Peretti, tio de Francisco. O Duque Orsini (ao qual não se pode negar uma discreta caradura) não hesitou em fazer-lhe uma visita, movido provavelmente pelo desejo de descobrir quais as intenções do novo papa a seu respeito.

Xisto V acolheu-o benignamente; mas no momento de despedi-lo — lemos nas crônicas do tempo — disse-lhe "que ficasse certo de que não pertencia a Xisto V vingar as ofensas feitas ao Cardeal Montalto; mas evitasse acoirar no seu ducado, como costumava, bandidos e sicários; e em virtude disso seria certamente punido".

As palavras do pontífice impressionaram Orsini que preferiu abandonar Roma, cuja atmosfera começava a tornar-se irrespirável para ele, e transferiu-se com a mulher para Pádua.

Não durou muito a felicidade deles, se haver felicidade podia em dois seres sobre os quais pesava

(Conclui na pag. 80)

Nem os juizes, nem os historiadores conseguiram esclarecer o assassinio do sobrinho do Cardeal Montalto, futuro Papa Xisto V. Foram acusados o duque Paulo Giordano Orsini e a poetisa Virgínia Accoramboni. Mas teriam sido mesmo eles ?



MARIA DULCE

J. Coelho Filho

Maria Dulce, quando vai à Igreja,
tem uma graça que ninguém contesta.
No seu vestido, todo azul, há festa
e em torno dela a vida rumoreja.

Entra no templo. Sem que o mundo a veja,
abre o seu livro, benze-se na testa.
Um santo diz : — "que dúvida nos resta ?
E' uma santa que às outras faz inveja !"

Maria Dulce pega do rosário,
para, depois, deixá-lo solitário
junto à chama votiva sempre acesa...

E segue o seu rosário usando agora,
como contas, as lágrimas que chora...
Maria Dulce pelos olhos reza !



Espavos



SE TE AMAR...

Therezinha Ap. Schueler

Se te amar é sofrer e a dor guardar sorrindo,
é ter que recalcar a fera do ciúme,
é nunca demonstrar que sei que estás mentindo,
e tudo suportar sem o menor queixume...

Se te amar é temer que pode haver um dia,
em que não voltes mais a me falar de nós...
E é ter que bendizer também minha agonia,
porque de ti me vem tôda a amargura atroz...

Se te amar é o destino, a vida e o próprio mundo
eu ter que a todo instante combater de perto,
usando unicamente o meu amor profundo...

Mil vezes padecer, chorar e combater,
do que sentir-te ausente e o peito meu deserto,
ou te deixar de amar e louca te perder !



100 MIL CRUZEIROS de economia em cada inserção de uma página!

ESTA é uma mensagem preparada especialmente para o anunciante que usa a propaganda direta, distribuída pelo Correio. Mas interessa, também, a todos os demais anunciantes pelo que encerra de expressivo e documentário da única coisa que tem podido resistir, no Brasil, aos efeitos arrasadores da inflação: o anúncio em revistas.

Contra fatos não há argumentos e assim apresentamos os resultados de um confronto entre o custo de uma página em ALTEROSA e o preço que o anunciante brasileiro deve pagar para remeter a sua mensagem, pelo Correio, considerando-se a hipótese de que já tenha reunido um fichário com 60.000 endereços selecionados.

Custo de 60.000 volantes do tamanho de uma página de ALTEROSA, impressos de um só lado, em papel acetinado nacional de segunda (inferior ao da revista) de acordo com a tabela do Sindicato das Indústrias Gráficas de Belo Horizonte ..	Cr\$ 25.500,00
Custo de 60.000 envelopes tipo "Comercial" branco	16.000,00
Taxa postal para a remessa	57.000,00
Despesa com salário mínimo, para endereçar e expedir	19.500,00

CUSTO DA PROPAGANDA DIRETA Cr\$ 118.000,00

PROPAGANDA EM REVISTA —
Custo de uma página contendo a mesma mensagem, com idêntica tiragem, aos leitores de ALTEROSA Cr\$ 18.000,00

LUCRO DO ANUNCIANTE EM CADA INSERÇÃO Cr\$ 100.000,00

Além da substancial economia acima demonstrada, terá ainda o anunciante outras vantagens apreciáveis: economia de tempo e de trabalho, maior duração da mensagem e a certeza de que esta atingirá, em sua totalidade, leitores selecionados.

Anuncie por muito menos e
com mais eficiência, utilizando

Alterosa

A revista da família brasileira

ADMINISTRAÇÃO — Av. Afonso Pena, 941 - 4º andar - C. Postal 279 - B. Horizonte
Publicidade no Rio — Ulisses de Castro Filho — Fone 26-1881
Publicidade em São Paulo — Newton Feitoza — Fone 33-1432

branco sôbre azul

1

Vestido de tecido azul-marinho,
com poás brancos,
muito próprio
para os dias primaveris.
Uma golinha branca completa-lhe
a graça.

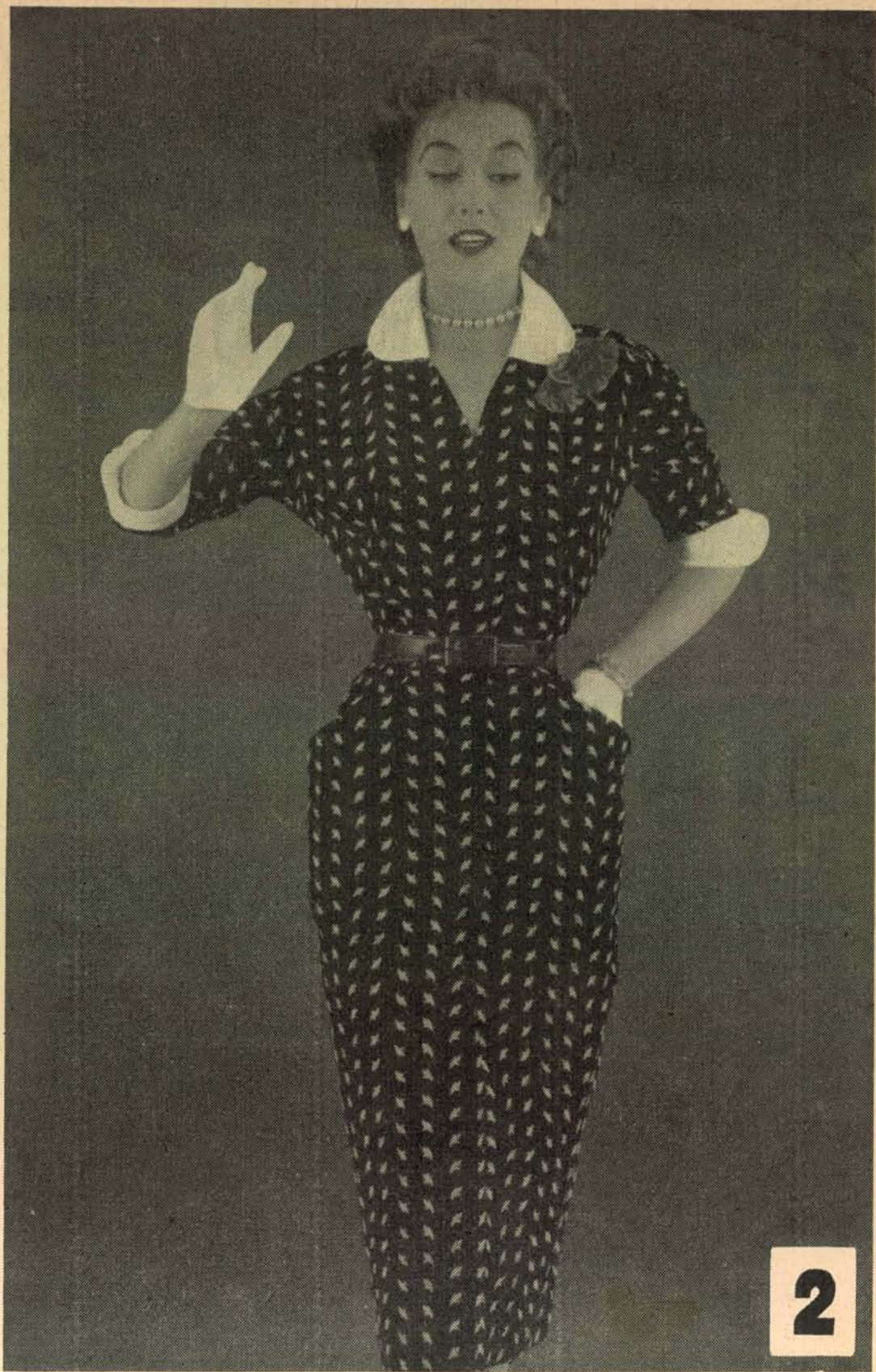
2

Modêlo para ser confeccionado em sêda
azul-marinho,
com gola e punhos em branco,
combinando com o estampado
do vestido. Aberto na parte dianteira,
o modêlo se fecha com uma série
de botões, pregados
de forma que não apareçam.

A saia tem dois bolsos
abertos no próprio tecido,
na altura dos quadris.

— Modêlo de Jackie Morgan, foto APLA.

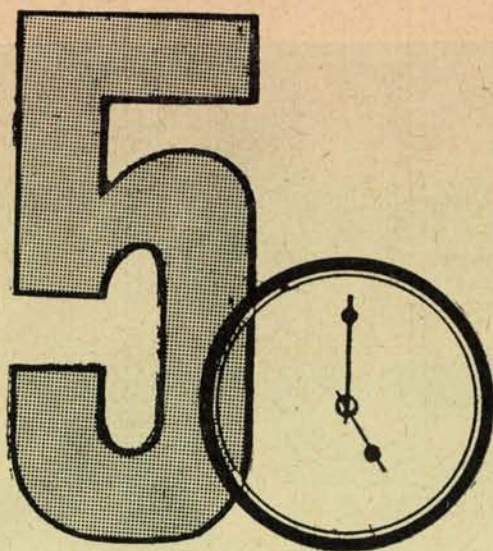




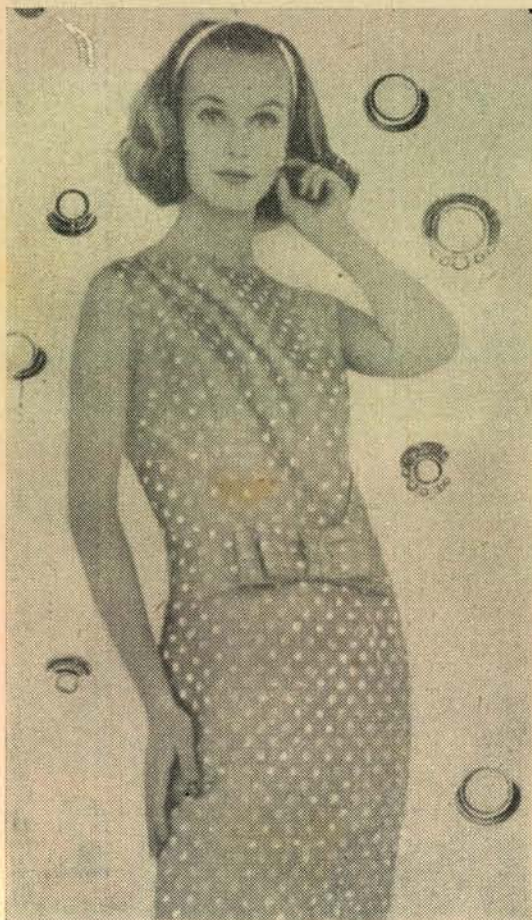
1

2

depois das



Gracioso modelo para ser usado depois das cinco. E' feito em sêda verde, com poás brancos. O laço inteiriço dá a impressão de duas peças.



Elegante casaco para cerimônias ligeiras, em tardes de outono. E' confeccionado em sêda vermelha, tendo amplas mangas três-quartos, terminadas por punhos.





Modêlo confeccionado em linho de sê-
da, com decote amplo e bolsos um pouco
acima da cintura. Um pequeno corte de
cada lado dá um toque de graça à blusa.



**PARA
SEU LAR**

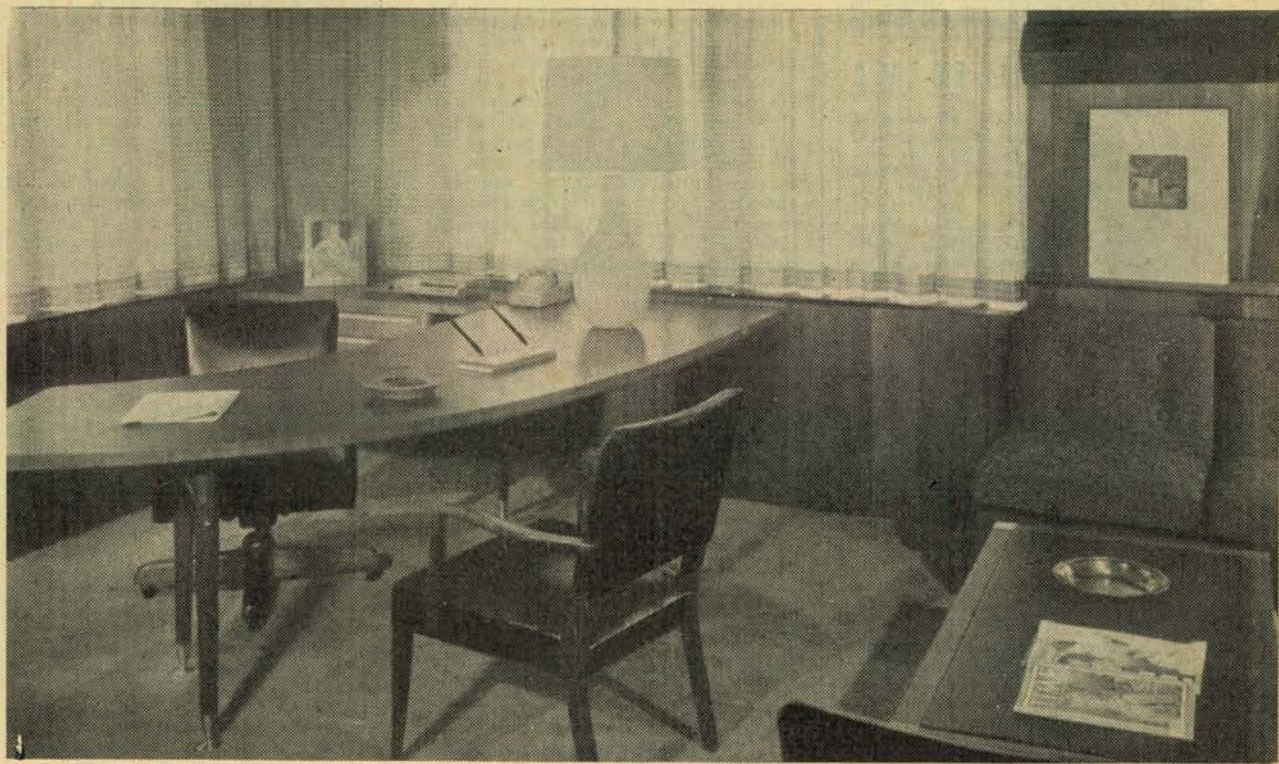
O escritório em sua casa

PARA muita gente, é de toda conveniência possuir em casa um recanto particular, ao mesmo tempo sossegado e acolhedor onde fazer o seu "expediente doméstico" e, eventualmente, atender a pessoas que vão tratar de negócios ligados à sua profissão ou

simplesmente bater um papo. Esse escritório, evidentemente, não se confunde com o habitual quarto de estudos, mas é, por assim dizer, um prolongamento, menos movimentado, do "outro" — do gabinete de trabalho — e livre da

agitação do resto da residência.

Aqui estão duas sugestões para esse fim, criadas com o objetivo de, invertendo a velha regra, fazer o seu proprietário sentir-se à vontade, como se estivesse "no serviço".



Aí estão os elementos de um escritório de verdade: a escrivaninha ampla e moderna, o lugar para as visitas, o telefone e, sobretudo, a tranqüilidade. Os decoradores sugerem, para este caso, nogueira em tons naturais para os móveis e painéis das paredes, plástico preto para o estofamento das cadeiras, tapete verde escuro e cortinados de tecido branco com barras pretas.

A composição moderna e atraente deste escritório revela-se em todos os detalhes, começando pela escrivaninha de linhas funcionais. As cortinas são de tecido branco com listras azuis. Para as visitas, além dos detalhes que a foto não mostra, uma cadeira também moderna, com estofamento em azul. Particularmente original é o sistema adotado para a iluminação, permitindo uma distribuição uniforme da luz.



A escolha da bagagem para as férias é muito importante. Podemos encontrar diversas variedades, de acôrdo com os usos que lhes queremos dar. Sua forma, seu pêso e seu material variam de acôrdo com o meio de transporte ou de expedição, com a composição da família e com o uso mais ou menos freqüente que terão.

SE VAI VIAJAR DE AUTOMÓVEL, não parta sobrecarregada de bagagens que ocupem espaço maior que o do porta-malas e o espaço interior disponível (a menos que possua um reboque). Malas e carrinhos de crianças, colocados sôbre a capota deslocam o centro de gravidade do carro e podem ocasionar acidentes. Prever sômente uma ou duas malas para as roupas e objetos frágeis : o resto será repartido em bagagens flexíveis, mais fáceis de se movimentarem. Se as suas bagagens excedem a sua possibilidade de transporte despache-as diretamente, por trem, rodovia ou por avião.

SE VAI VIAJAR DE TREM, evite a fadiga e o atrancamento, guardando consigo apenas uma valise pessoal, leve e fácil de transportar, além de um saco para guardar todos os objetos da última hora : alimentos, garrafas térmicas e — se tem crianças —

a beleza do marfim

O MARFIM entra, hoje em dia, na fabricação de muitos objetos de uso freqüente, tais como colares, teclas de piano, cabos de facas, estatuetas, bibelôs, etc. Como se sabe, o marfim é retirado das presas dos elefantes, e, como o "marfim verdadeiro" é muito caro encontram-se no comércio muitos objetos de marfim artificial, feitos à base de galalite (caseína) ou de celulóide, e há cabos de sombrinhas feitos de "marfim vegetal" produzido por uma palmeira sul-americana.

Não é difícil distinguir o marfim autêntico do falso. Basta raspá-lo um pouco e chegar o pó ao contato com a chama de um fósforo. Se se consumir rapidamente, trata-se de celulóide; se for galalite, desprenderá um odor desagradável, parecido com o do leite queimado.

Para polir o marfim, esfrega-se o objeto com uma escôva macia embebida em leite e, em seguida,

depois de se enxugá-lo, faz-se o polimento com um pedaço de tecido de lã. Se o objeto estiver muito sujo, é necessário seguir um processo especial. Começa-se esfregando-o com um chumaço de algodão embebido em álcool. Se não se consegue remover facilmente o sujo, repete-se a operação, após algum tempo. Se essa repetição também não resolve, junta-se ao álcool um pouco de amoníaco. Após essa limpeza, é preciso lavar o objeto e enxugá-lo rapidamente, porque o álcool poderá deixar manchas no marfim.

Com o tempo, o marfim torna-se amarelado. Para devolver-se a cor original, existem diversos sistemas, um dos quais é o seguinte : lava-se com leite o objeto, que, após isso, ficará exposto ao sol, protegido sob uma campânula de vidro. Quando o tom amarelado se torna muito intenso, tendendo para o marrom, esfrega-se o marfim com pó de pedra pomes e água, pondo-o depois ao sol, enquanto estiver úmido.

a bagagem para as férias

leituras, brinquedos, esponja úmida e sabão, toalha de rosto água de colônia, etc. Este saco, na volta, servirá para o transporte da roupa suja que não pôde ser lavada em tempo.

Despache diretamente as malas grandes, bicicletas, barcos, carros de crianças. Essas bagagens devem ser protegidas por embalagens bem resistentes, para suportar tôdas as manipulações sem sofrer danos.

COMO ARRANJAR A BAGAGEM: tome a lista dos objetos a serem levados e corte sem pestanejar tudo aquilo que parecer dispensável. (Em 90% dos casos as bagagens são atravancadas por coisas inúteis). E' preciso, porém, prever:

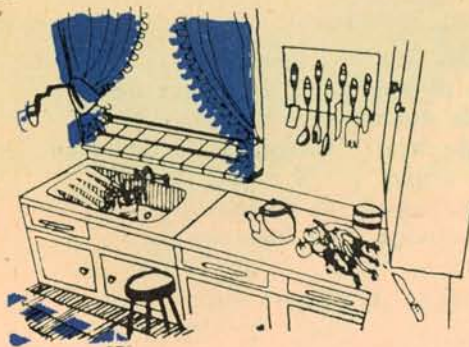
- Roupa branca, vestimentas e calçados com mudas suficientes (segundo as possibilidades da bagagem) e levando em conta as probabilidades de encontrar calor, frio e chuva.
- "Trousse" ou estôjo de toalete.
- Estôjo de medicamentos de uso constante.
- Estôjo de costura para ligeiros consertos.
- Material para limpeza dos calçados.
- Escôva de roupas.
- Ferro elétrico de viagem, para diversas voltagens.
- Saco para roupa suja.

• Papel para cartas, caneta-tineiro carregada, óculos antisolares, livros, cartas e guias turísticos, aparelhos de fotografia ou de filmagem, acessórios para pesca, banho e praia, e tesouras para papel, a fim de distrair as crianças nos dias de chuva.

Se vai dormir no meio da viagem ou chegar tarde ao destino, leve na valise algumas peças de sua roupa de noite e objetos de toalete.

Para encontrar as roupas em bom estado, à chegada, será conveniente:

- Arranjar no fundo das malas os objetos mais pesados.
- Aproveitar os espaços vazios para peças pequenas, tais como lenços, meias, etc.
- Embrulhar cada par de calçado; colocar a roupa branca em sacos de plástico, que você mesma pode fazer.
- Dobrar cuidadosamente as roupas e intercalar, em cada dobra, um torçal de papel de seda.
- Manter as roupas nos lugares, fechando bem as cintas interiores.
- Para evitar que as roupas estejam amarrotadas à chegada, o conteúdo das malas deve estar suficientemente comprimido.



novidade para seu lar

Para cozinhas e banheiros, surgiu uma nova cobertura de plástico que tem a vantagem de, custando menos, fazer o mesmo efeito dos congêneres mais caros. Trata-se de um material plástico refratário ao calor, à prova de manchas e de grande beleza decorativa. Encontra-se em diversas cores, à escolha dos interessados.

os pés merecem cuidados

A NATAÇÃO em piscinas, rio ou praias obriga inúmeras mulheres a andar com os pés descalços, de maneira que nenhuma pode considerar-se "completa" se os seus pés não se mostram devidamente tratados.

Os nossos pés sofrem mais no verão do que em qualquer outra quadra do ano. O calor excessivo costuma inchá-los e, muitas vezes, se não se usam sapatos leves e frescos, os resultados imediatamente pesam no "humor" e até alteram a conduta da pessoa.

As mulheres que por sua condição de vida se vêem obrigadas a caminhar constantemente são as que mais sofrem, e, portanto, as que mais devem cuidar dos pés. A estas aconselhamos banhar os pés tôdas as noites com água morna, contendo duas colheres de bórax, um pouco de bicarbonato, e outro tanto de carbonato de cálcio.

As glândulas que regulam o suor do corpo, principalmente o dos pés, têm a secreção aumentada consideravelmente na época do calor. O que menos resulta disso é o estrago imediato das meias.

O banho que aqui recomendamos evitará o excesso do suor dos pés, e deve ser seguido de uma aplicação de talco boratado.

Novidades em Pudins

Pudim de Figos

Ingredientes

- | | |
|---|--|
| 1 1/2 xícara de figos secos
e alguns figos em fatias | 1 xícara de leite |
| 2 ovos | 1 colher de chá de
bicarbonato |
| 1 xícara de nozes | 2 colheres de chá
de fermento |
| 3/4 de xícara de manteiga | 1 colher de chá de canela
em pó |
| 1 1/2 xícara de açúcar
mascavo | 1 colher de sopa de
casca de laranja ralada |
| 2 1/2 xícaras de farinha
de trigo peneirada | Algumas gotinhas
de essência de baunilha |
| 1/2 colher de chá de sal | |

Modo de fazer:

Corte os figos em pedaços, depois de tirar-lhes os cabos. Triture as nozes. Bata a manteiga e o açúcar, juntando os ovos, um de cada vez. Peneire juntos a farinha de trigo, a canela, o sal e o fermento e, em seguida, misture tudo, ajuntando o leite. Feito isto, acrescente a essência de baunilha, a casca de laranja, os pedaços de figo e as nozes e ponha a massa numa fôrma untada. Tampe-a e leve a assar em banho-maria durante 2 horas, mais ou menos.

Depois de tirar da fôrma, enfeite o pudim com fatias de laranja cristalizada e sirva-o morno — com calda de açúcar queimada ou de laranja.

Pudim de Arroz Com Limão

Ingredientes

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1 xícara de arroz cru | 2 ovos |
| uma colher de chá de sal | 1/3 de xícara de
suco de limão |
| 2 xícaras de água | Casca ralada de limão |
| 1 xícara de leite | 1/2 colher de chá
de essência |
| 1 xícara de açúcar | de baunilha |
| 2 colheres de sopa
de manteiga | |

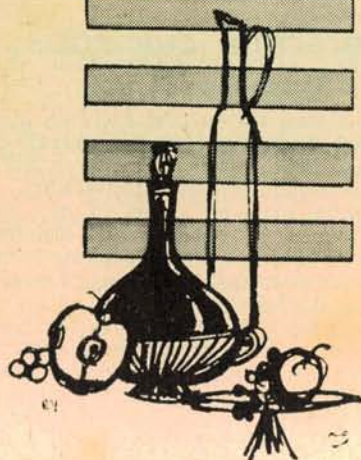
Modo de fazer:

Deixe o arroz ferver bastante na água com sal. Em seguida, tampe-o e diminua o fogo para que ele cozinhe lentamente.

Acrescente o leite e deixe cozinhar ainda durante uns 10 minutos ou até que o líquido seque completamente. Misture a manteiga, o açúcar (menos uma quarta parte) e as gemas, tudo muito bem batido e junte o arroz.

Acrescente também o suco e a casca de limão e ponha numa fôrma untada. Bata as claras em neve, ponha o açúcar restante e continue batendo, até formar um suspiro. A seguir, acrescente a essência de baunilha e, com uma colher, coloque o suspiro em torno do pudim, levando-o a assar em forno brando, durante uns 10 minutos. Esfrie ligeiramente antes de servir.

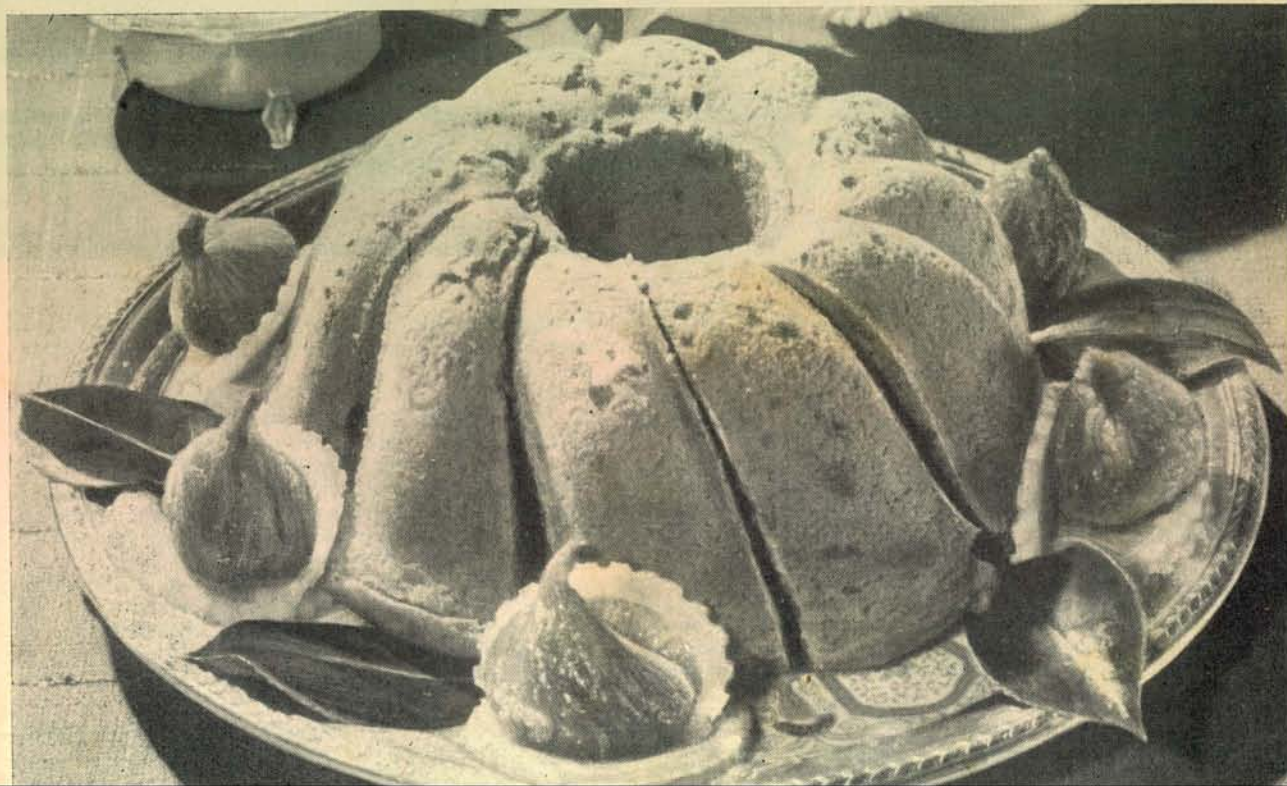
Este pudim fica bem mole enquanto quente, tornando-se mais firme depois de frio.



O pudim de arroz
com limão pode
ser enfeitado
com suspiro,
com pêssegos
ou coberto com avelãs,
ameixas e
creme batido.



Os convidados gostarão
de ver como fica bonito
— e gostoso também —
o pudim de figos enfei-
tado com laranja cris-
talizada.



O CRIME NÃO
COMPENSA

A apólice rendeu juros: a morte dos culpados.

NORMAN ABBOTT

Do «New York Mirror Magazine»

(Distribuído
pelo King Features Syndicate)

UMA VEZ QUE a Natureza parece não ter interesse algum por crimes e economia, foi apenas por um acaso que aquela manhã de maio anunciava um belo dia, sol e céu azul, no condado rural de Holmes, no estado de Ohio, que é o ponto central da nossa história. E convém fixar bem a cena, tanto no tempo como no espaço, pois a morte da bela Gertrude Meeker tem muito a ver com esses detalhes.

Millersburg, que é sede e centro do condado de Holmes, fica a 120 quilômetros ao sul de Cleveland, num zona fértil, banhada pelos rios Killbuck e Moicano. A 16 quilômetros, na direção leste, também no condado de Holmes, fica a cidade de Winesburg, à qual Sherwood Anderson deu um lugar na literatura americana. Mais ou menos à mesma distância, para o norte, no condado de Wayne, situa-se a cidade de Creston perto da qual moravam Herbert Meeker e Harold Young.

No dia 9 de maio de 1932, data em que Gertrude Meeker, jovem de 19 anos foi encontrada morta, o povo dos condados de Holmes e Wayne — bem como o do resto dos Estados Unidos — estava passando por uma crise econômica. A Grande Depressão talvez não fôsse tão má para os homens do campo, como o era para os da cidade, pois a terra ainda podia dar alimento aos que nela trabalhavam. Todavia, numa fazenda comum, mesmo nos bons tempos, quase sempre havia pouco dinheiro, e uma quantia como mil dólares representavam algo muito próximo da fortuna.

Todas essas coisas têm de ser compreendidas por quem desejar entender o que aconteceu com Herb e Gertrude Meeker e Harold Young, e o que eles fizeram.

O cadáver sem nome ficou na agência funerária de Millersburg um dia inteiro. Fôra encontrado pouco depois do amanhecer, numa fazenda não muito distante da cidade. O rosto e a cabeça da moça tinham



A MORTE

sido praticamente esmagados, tornando-a irreconhecível. A roupa simples que ela usava não tinha qualquer marca que a pudesse identificar. Também não havia marcas na aliança de ouro que levava no dedo.

Perto do local onde o corpo foi encontrado, um agregado tinha visto em a noite anterior um velho Ford preto, de luzes apagadas, estacionado à margem da estrada. Na manhã seguinte, o carro não estava mais lá, mas o xerife James Stevens, do condado de Holmes, ainda pôde colher as marcas dos seus pneus, que por sinal, estavam muito gastos.

As preocupações com respeito a esse veículo deixaram a mente do xerife no dia seguinte, quando outro automóvel, abandonado, foi encontrado a alguns quilômetros do lugar. Era um Chevrolet vermelho, todo manchado de sangue; no porta-malas

havia uma alavanca de pneu que, sem dúvida nenhuma, fôra a arma do crime; no porta-luas, uma bolsa de senhora continha a identificação da vítima. Seu nome era Gertrude Meeker, esposa de Herbert Meeker, o qual residia numa estrada rural, perto de Creston.

Um telefonema para o xerife Clark Shearer, do condado de Wayne, confirmou imediatamente a identidade do corpo: na véspera, o jovem Herbert Meeker, de 20 anos, estivera na delegacia, queixando-se de que sua esposa havia desaparecido, com seu Chevrolet vermelho e 50 dólares em dinheiro.

A história contada pelo jovem Meeker era muito parecida com outras: conheceu Gertrude fazia pouco tempo, casara-se com ela, e a levava para a fazenda, perto de Creston. A mulher, porém, não se dera muito bem com a sogra e o abandonara, indo residir com seus pais, em Oak Hill, no sul do estado.

Solitário e triste, Herb lhe escrevera pedindo que voltasse. Houvera uma ligeira reconciliação, mas, afinal, Gertrude o abandonara, levando o dinheiro que o marido lhe dera e o automóvel.

Os fatos confirmaram a narrativa de Meeker. A carta foi encontrada na bolsa. Mas, por que ela o havia abandonado de novo, logo após a reconciliação? Ele não sabia explicar. Teria havido outra briga?

— Bem, briga de fato não houve. Foi só uma discussão ligeira, porque eu queria saber o que ela havia feito enquanto estava em Oak Hill.

Havia outro homem na vida dela? Ele não sabia, mas sua mãe vivia dizendo que a nora era uma “cabeça-de-vento”. E onde Gertrude estivera, em a noite do crime?

— Aqui em casa mesmo, como mamãe pode confirmar — disse Herb.

E sua mãe confirmou.

Nesse meio tempo, o xerife Stevens não se havia esquecido do automóvel negro que deixara sinais perto da cena do crime. Uma busca nos arquivos da autoridade de tráfego revelou que um veículo daquela marca pertencia a um indivíduo chamado Harold Young. E quem era Harold Young? Bem, todo mundo o conhecia como o “melhor amigo” de Herb Meeker. Morava a poucas centenas de metros da fazenda deste, perto de Creston.

A cena que, momentos mais tarde, foram encontrar no quarto de dormir da residência bastava para contar a história. Harold Young, compreendendo que estava em maus lençóis, decidira não gastar com os dois xerifes o cartucho do outro cano de sua arma. Com um atacante de sapato amarrado no gatilho da espingarda, ele a voltara para si mesmo e fizera fogo. Os chumbinhos haviam arrancado o tampo de sua cabeça, matando-o instantaneamente.

Aqui, poderia ser dado o fim da história. Noutro lugar qualquer — numa cidade grande, por exemplo, com as autoridades policiais ocupadas com milhares de outros assuntos — é possível que a morte de Gertrude Meeker ficasse registrada como consequência do “eterno triângulo”, encerrado com o suicídio do “outro homem”, o qual, com a consumação do ato, se revelara inteiramente culpado do homicídio.

Acontece que o caso se deu no condado de Holmes, e o xerife Stevens, que jamais havia tratado de um crime de morte, tinha suas suspeitas. E as suas suspeitas mostraram-se bem fundamentadas quando, fazendo uma busca na casa de Meeker, durante a ausência de seus ocupantes, ele encontrou um par de sapatos manchados de sangue, o qual teria pertencido ao presumivelmente ciumento marido.

A confirmação mais importante, porém, surgiu sob a forma de uma apólice de seguro, que Meeker havia feito sobre a vida de sua jovem esposa, no período em que ela estivera com seus pais, em Oak Hill. Por essa apólice, ele receberia 1.500 dólares pela sua morte — com “dupla indenização”, em caso de morte violenta ou acidental.

Com a confissão de Meeker, a história toda ficou esclarecida. Durante a ausência da esposa, ele havia tramado a sua morte, fazendo um seguro sobre a sua vida, para, depois, escrever-lhe pedindo que voltasse. Quando ela voltou, tudo estava pronto. Ele havia discutido o plano com seu amigo Harold Young, o qual concordara em lhe prestar auxílio — recebendo 750 dólares, dos três mil que a empresa seguradora pagaria ao marido.

Em a noite do crime — para protegê-lo, sua mãe mentira, dizendo que ele havia ficado em casa — ele conduziu Gertrude para o local onde fôra cometido o assassinio. Harold Young os seguiu em

PAGOU EM DÓBRO

Pelas aparências, tratava-se da velha história do marido, da esposa e do “amigo do peito”. As aparências tornaram-se mais convincentes quando a polícia descobriu que as marcas de pneus combinavam perfeitamente com os do carro de Young — um velho Ford preto. Dai, foi ordenada a prisão de Young, como testemunha material do crime.

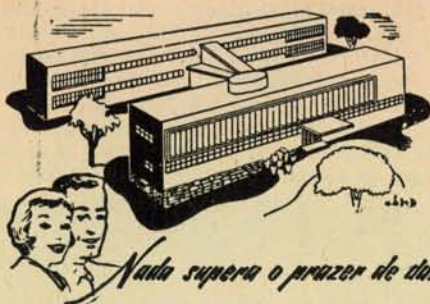
Os dois xerifes não foram lá muito bem recebidos na fazenda de Young. Ao se aproximarem da casa, aparentemente trancada a sete chaves, ouviram um tiro. Alguém havia atirado de uma janela, com um cartucheira, e os chumbinhos se haviam espalhado, antes de atingir os agentes da lei. Por precaução, estes se separaram, tratando de empunhar suas armas. Logo em seguida, ouviram outro tiro. Depois, silêncio.

seu próprio carro, e ambos se haviam revezado, no espancamento macabro.

Depois, ele mesmo passara com o Chevrolet vermelho sobre o corpo — donde o esmagamento do abdome da vítima. O automóvel fôra abandonado e ele voltara para casa no Ford de Young.

Seis semanas após o crime, Meeker foi a julgamento. O júri, considerando-o culpado de homicídio do primeiro grau, não fez nenhuma recomendação de clemência. E, em março de 1933, ele foi eletrocutado na Penitenciária do Estado de Ohio.

Assim, a única “dupla indenização” pela morte de Gertrude Meeker foi a que se verificou no pagamento do crime: duas vidas por uma, a do amigo do marido, que morreu pelas próprias mãos, e a do próprio, que morreu na cadeira elétrica.



Nada supera o prazer de dar

A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos, para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

Hospital Espírita «André Luiz»

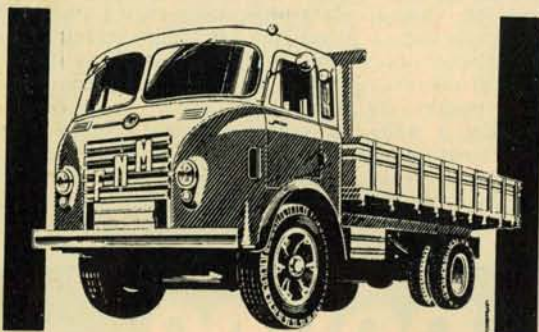
SECRETARIA : Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34
Fone : 2-8360 — Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte

DR. JOSE' CHIABI

Clinica e cirurgia de Ouvido, Nariz e Garganta

☆

Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — Sala 1302
— Rua Espírito Santo, 495 — Telefone : 4-4040



Caminhões

FNM

ENTREGA IMEDIATA
FACILIDADES DE PAGAMENTO
Informações e Vendas

ALFAMOTOR LTDA.

Belo Horizonte

Vendas : Rua Carijós, 244 — Salas 1305, 1307 —
fone 2-3424

Oficina : Rua Lima Duarte, 76 — Carlos Prates
Sete Lagoas

Loja : Rua Major Campos, 97

Oficina : Praça Francisco Salles, 60

End. Teleg. «Fenêmed»

Quem Foi o Assassino...

Conclusão da pag. 63

a sombra da suspeita e se adensava a ameaça de espantosas vinganças.

Em Saló, aonde fôra para regularizar alguns interesses e preparar a esplêndida "vila", na qual haveriam de viver depois para sempre, Paulo Giordano, em consequência de repentina doença (doença que se chamava veneno), expirou. Acorreu Virgínia, mas só chegou a tempo de acompanhar-lhe o funeral e abrir o testamento que a tornava herdeira de grande parte dos enormes bens deixados pelo marido. Testamento que provocou as iras do cunhado, Ludovico Orsini, oficial a serviço da República de Veneza, o qual aspirava àqueles bens e ofendeu os irmãos de Isabel Médicis, primeira mulher de Paulo Giordano, os quais protestaram contra a injustiça feita com dano do sobrinho Virgínio, filho da mesma Isabel.

NOVO DELITO

Virgínia, que tivera como sorte "perpétua guerra", viu-se envolvida em novo conflito, contra inimigos decididos a tudo para se apoderarem de um patrimônio avaliado em centenas de milhares de ducados (correspondente a milhões de cruzeiros de hoje). Batia-se desesperadamente, encontrando conforto e força na ajuda de dois jovens cunhados, irmãos do primeiro marido, que devotadamente a serviam e protegiam.

Mas aí! Na noite de 22 de dezembro, não se havia passado um ano e meio depois que ocorrera o crime da Via Tiburtina e somente haviam transcorrido dois meses após o envenenamento de Paulo Giordano, aconteceu nova tragédia.

Um bando de homens armados, capitaneados por Ludovico Orsini, cercou o palácio de Pádua, em que vivia Virgínia com os dois cunhados. O primeiro a cair foi um deles, Flaminio. Depois os assassinos irromperam no quarto de Virgínia.

— Por piedade, deixem pelo menos que recomende minha alma a Deus — suplicou.

Fulminaram-na com uma punhalada no coração.

Assim, com apenas 28 anos, morreu Virgínia Accoramboni, protagonista de um dos dramas mais obscuros da história italiana. Aos que a inculpavam, pareceu seu fim merecido castigo pelo crime de que a julgavam responsável e, aos que a criam inocente, injusto e cruel golpe da sorte contra a desventurada que já tanto havia sofrido.

Uma vez que sangue chama sangue, depois de breve tempo seguiu-a no túmulo também Ludovico Orsini, condenado à morte pelo tribunal dos Dez de Veneza. E a herança disputada passou a um menino, ao pequeno Virgínio, o único que entre tantas torpezas estava certamente inocente. — Vicente Gibelli.

☆☆☆

Sèvres, a Arte que...

Conclusão da pag. 48

sam contribuir para a decoração das produções de Sèvres.

O atual diretor acendeu novamente os fornos para que o mundo tenha de novo as delícias da venerável produção. Assim como na corrida legendária da Maratona, passa às suas mãos o fogo sagrado, que afirmará, uma vez mais, a imortalidade do espírito da França. — Ernestina de Lasala.

Livre-se das Preocupações

AS pessoas que vivem com excesso de preocupações despendem tanta energia que, se aproveitada, poderia transformá-las num verdadeiro dinamismo. E é por essa razão que devem procurar corrigir o quanto antes o terrível hábito de se deixarem levar pelas ansiedades.

Segundo sugestão do Dr. Frank De Phillips — psicologista educacional da Universidade de Nova York — o primeiro passo que se deve dar, é justamente localizar o problema causador das preocupações. O grande esforço que se faz, no sentido de reconhecê-lo como problema específico, já constitui por si mesmo um meio incontestável de se expulsar a ansiedade.

Ato contínuo, deve-se fazer uma lista contendo as possíveis soluções para o problema e, depois de considerar cada uma, escolher aquela cuja aplicação seja mais eficiente. E isto sem perda de tempo e com toda a coragem possível, pois se se deixar envolver pelo medo do fracasso, a imaginação se encarregará de criar uma série de desculpas, pelas quais as preocupações jamais serão superadas.

☆☆☆

Eric e o Imperador

SUBMETIDOS aos maus tratos, à brutalidade, à arrogância dos japoneses, milhares de homens viveram três anos e meio nos campos de concentração do Extremo Oriente, durante a guerra. Famintos, doentes, reduzidos a pouco mais que pele e ossos, tinham eles apenas uma esperança, apenas um desejo: sobreviver...

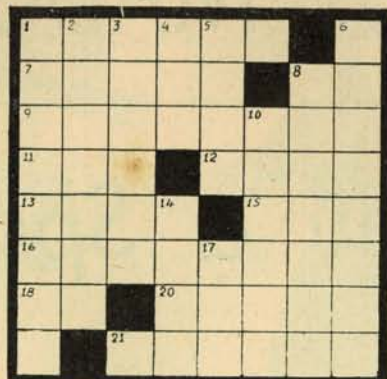
Um destes homens escreveu — e os nossos leitores vão conhecer, a partir da primeira quinzena de dezembro — a história impressionante daqueles meses intermináveis de sofrimento.

«ERIC E O IMPERADOR», de Cornel Lumière, com ilustrações de Jewel, é uma novela de que ninguém vai esquecer.

Não percam essa grande apresentação de ALTEROSA.

PALAVRAS CRUZADAS

M. Mitraud



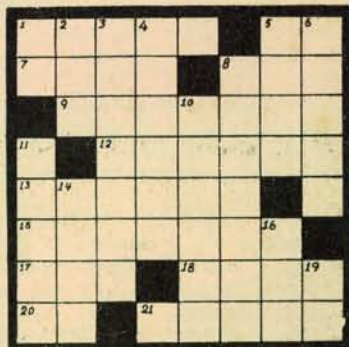
PARA CALOUROS

Horizontais: 1 — Dívida não paga ou contraída com tensão de não a pagar; 7 — Fruto da amoreira; 8 — Pref., significa «falta», «privação»; 9 — Corrida a pé de longo percurso; 11 — Argola; 12 — Carne do lombo de boi, entre a pá e o cachaco; 13 — Traço direito; 15 — Para barlavento; 16 — Espalhar-se, alargar-se; 18 — Nota musical; 20 — Intriga, mexerico; 21 — Anular,

tornar sem efeito.

Verticais: 1 — Pessoa que convive com outra, amigo; 2 — Da cor do ouro; 3 — Conversa-fiada, gabolice; 4 — Medida grega de comprimento; 5 — Espécie de arcanjo das macumbas; 6 — Deixar-se possuir de amor, apaixonar-se; 8 — Em forma de anel (fem.); 10 — Praça de taba (pl.); 14 — Dispneia que surge por acessos; 17 — Nome de letra do nosso alfabeto (pl.)

PARA VETERANOS



Horizontais: 1 — (Fig.) pessoa perspicaz; 5 — Símbolo químico do Colômbio; 7 — Soltar miados; 8 — Coração, vontade; 9 — Ave da família dos Ardeídeos; 12 — Cada um dos pontos que matizam certos órgãos, como penas, pelos, etc.; (pl.); 13 — Gás dos pântanos; 15 — Perdão; 17 — (Fig.) docura, suavidade; 18 — Comprar garrotes de ano e vendê-los daí a dois anos, como novinhos, para exportação; 20 — (Mitol.) Ninfa convertida em ilha, Capital de Córdos; 21 — Fruto da amoreira.

Verticais: 1 — (Pref., À roda de, em torno de; 2 — Esteiro ou braço de rio, próprio para a navegação; 3 — Parte superior da vela do navio; 4 — Ave da família dos Cuculídeos, o mesmo que alma-de-gato (pl.); 5 — Vaso cilíndrico, ou quase, para beber por êle e para outros usos; 6 — Ardor, ira; 8 — Estudante novato; 10 — Instrumento musical; 11 — Título de certos soberanos muçulmanos; 14 — Semelhante ao bronze (fem.); 16 — Rio da Suíça; 19 — Divindade egípcia.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

Para Calouros

HORIZONTAIS: Mônaco, bailar, abundante, da, atirada, AC, ema, exala, aro, legal, medir, Ana, alote, Aar, Ga, PR, Nb, si, brigantes, marear, tomado. **VERTICAIS:** modelagem, na, aba, cutelaria, ônix, Baal, andamento, ita, le, recorrido, dragona, amena, árias, aga, Ada, pre, bem, Br, gr, NT, Sá.

Para Veteranos

HORIZONTAIS: tabacaria, edaz, tear, linotipia, eras, miau, raer, lama, amudadas, mera, tori, amassaria. **VERTICAIS:** telegrama, adir, bananaeira, azos, atim, repicador, iaia, araucásia, amém, ruas, lata, mari.

E A MADONA

Voltou a Spoleto...

QUANDO chegou a Spoleto, aldeiazinha da Umbria, numa tarde de setembro de 1944, à frente dum destacamento de vanguarda, o sargento norte-americano Reynolds achou que a capela valia bem talvez uma visita. Empurrou a porta. No interior, tudo estava sombrio. Perto do côro, em frente da capela-mor, três cirios acabavam de arder. Foi à luz de um deles que Reynolds percebeu, meio embutida na parede, maravilhosa nas suas cores da época e nos seus ouros passados, uma madona sienense que deveria ter sido o postigo dum antiquíssimo retábulo. Reynolds ficou a contemplá-la durante muito tempo. De repente, ouviu atrás de si passos abafados e alguém dizer em voz baixa:

— Essa pintura data do século XV. Atribuem-na a Sassetta ou a um dos discípulos do famoso mestre Duccio.

Reynolds voltara-se. Um homenzinho, de cabelos brancos, estava ali, a observá-lo atentamente.

— Sou o sacristão desta capela — disse êle.

Tendo-se apresentado por sua vez, declarou Reynolds imediatamente:

— Quero comprar essa Madona.

O sacristão ergueu os olhos ao céu:

— Comprar o tesouro de nossa paróquia? É impossível, meu senhor. Há ainda no presbitério um manuscrito em que se encontra assinalada a data de sua chegada aqui: 13 de março de 1470.

Reynolds insistiu. Propôs 200 mil, 250 mil liras o que tinha no bolso. Em vão. Voltou no dia seguinte com um milhão de liras, tudo quanto pudera arranjar emprestado e, naquela noite, levou consigo a Madona.

Alguns meses mais tarde, em Nova Iorque, o sargento Reynolds voltara a ser um arquiteto em voga. No seu rico apartamento do Parque Central, magnificamente emoldurada, a Madona causava admiração a todos os seus amigos. O diretor do Museu Metropolitano pediu-lhe até permissão para expô-la. Foi ali que um dia, um desconhecido, indicando a Madona, declarou:

— É do senhor? Tenho uma igual.

— Igual? — Teve vontade de rir.

— Pois venha um dia dêsses à minha casa, em Boston. Mostrar-lha-ei.

Reynolds foi lá. Ficou confuso diante duma outra Madona que era a exata réplica da sua.

— E onde a encontrou? — perguntou afinal.

— No ano passado, no decorrer duma viagem,

numa aldeia da Umbria, a 20 quilômetros ao norte de Orvieto, numa capela cercada de ciprestes.

— E pagou caro por ela?

— Bastante. 2.000 dólares. Era bela.

Alguns dias mais tarde, tomava Reynolds o avião para Roma. Não se demorou ali. Num Fiat alugado refez o caminho que seguira com os exércitos da libertação. Chegou a Spoleto ao cair da noite. O sacristão preparava-se para fechar as portas da capela. Estava um pouco mais curvado, envelhecera. Tinham-se passado dez anos. Não reconheceu o norte-americano e quando êste lhe pediu permissão para visitar a capela, não opôs nenhuma dificuldade. De garganta um tanto cerrada pela emoção, na penumbra, dirigiu-se Reynolds lentamente para o transepto. No fundo, como outrora, brilhavam as três velas. “No ângulo direito do côro” — dizia a si próprio. Estava quase ali agora. O sacristão precedeu-o. A luz era escassa, mas suficiente. Reynolds aproximou-se. Viu-a. Estava ali, nos seus azuis, nos seus vermelhos, nos seus ouros, maravilhosamente semelhante àquela que vira da primeira vez. Decorreram alguns instantes, depois, com uma voz saltitante, o sacristão pôs-se a recitar:

— Uma Madona do Século XV, uma obra-prima única atribuída ao grande mestre Duccio. Propriedade da paróquia, como o testemunham os arquivos do presbitério, desde 13 de março de 1470.

Reynolds refletiu depressa. Se quisesse saber como o velho sacristão substituíra suas Madonas e onde se encontrava a fonte daquele tráfico, deveria oferecer-se êsse luxo absurdo: comprar de novo esta.

— Quanto? — perguntou.

O velho assumiu um ar ofendido, protestou. Mas sua determinação não era mais a mesma e sua resistência também foi menor. Só o preço era mais elevado. Desta vez, 2.500 dólares. Reynolds pagou.

A partir de então, nenhum dos gestos do sacristão escapou a Reynolds. Foi dormir à noite no albergue da aldeia, depois que o sacristão fôra por sua vez deitar-se. Levantou-se de madrugada e quando o velho, pouco antes do meio-dia, tomou o ônibus para Roma, Reynolds partiu por sua vez no seu Fiat.

Em Roma, o sacristão, sempre com Reynolds em seu encalço, dirigiu-se a pé até a Rua Margutto, o quartirão dos antiquários e dos artistas. Ali, entrou numa casa de campo em meio dum jardimzinho. Um quarto de hora depois, de lá saiu com um pacote retangular



sob o braço. "A Madona" — pensou Reynolds. Aproximou-se da casa. Sobre a grade enferrujada havia uma placa. Leu nela: "Learco Montoni, lições de desenho".

Pouco antes do meio-dia, no dia seguinte, tocava Reynolds a campainha da casa de campo. Abriu-lhe a porta uma moça, de olhos espantados. Apresentou-se como um americano que queria aproveitar-se de sua estada em Roma para fazer uns esboços. Desenhava mediocrementemente. Poderiam auxiliá-lo? Após um momento de hesitação, a moça convidou-o a segui-la. Numa sala entulhada de cavaletes, de pranchas de desenho, de todo um material de pintura, um homem entre 50 e 60 anos, de rosto afável, estava sentado numa cadeira de rodas.

— Meu pai — disse a moça — o professor Montoni.

Então, de sob sua capa, tirou Reynolds "sua" Madona:

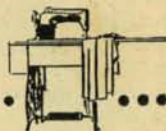
— Senhor professor — disse ele — posso juntar outra à sua coleção. Dei por ela, antes de ontem, 2.500 dólares, ao sacristão de Spoleto.

Learco Montoni, com o rosto transtornado, baixou a cabeça. Não era senão um homem vencido.

— Eu sabia — disse ele a Reynolds, ao fim dum instante — que um dia não poderíamos mais viver com o nosso terrível segredo. Quando Madalena nasceu, perdi minha mulher. Ensinava então desenho e pintura, no colégio Santo Eustáquio. Em 1914, no momento em que a guerra ameaçava Roma, refugiei-me com a menina nas alturas da Úmbria, em Spoleto precisamente. Um dia, entrei na capela. Vi a Madona sienense, a autêntica. Sua beleza entusiasmou-me. Fiz dela uma cópia que me esforcei por tornar a mais perfeita possível. Consagrei a isso dias inteiros. Dois meses mais tarde voltava a Roma com meu quadro na bagagem. Em breve, não pensei mais naquilo, quando, um dia, recebi a visita do sacristão de Spoleto. Queria ver minha cópia. Mostrei-lha. Olhou-a atentamente. "Aparentemente — disse-me ele — as cores estão justas. O senhor poderia contribuir para reparar uma grande desgraça. Roubaram a minha Madona. Estou disposto a pagar-lhe muito caro uma cópia que poderia passar como o original". Não merecia aquele homem a minha simpatia? Prometi-lhe fazer o melhor que pudesse. Pediu-lhe um mês. Um mês durante o qual trabalhei mais febrilmente do que em não importa qual outra época

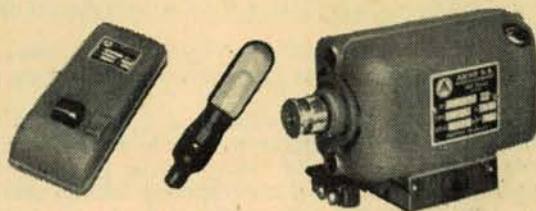
(Continua na pag. 84)

Quem entende de costura...



prefere Motor **ARNO**

Toda costureira experiente sabe que o motor ARNO em sua máquina é o que oferece mais vantagens. Costurar com motor ARNO rende mais, não cansa... os vestidos saem muito mais bem feitos! Prefira-o V. também!



Sempre a velocidade adequada, conforme o serviço exige! • Proteção para sua vista — graças ao farol fixado à máquina! • Adapta-se a qualquer máquina — possui trilho universal!



Gratis !

À ARNO S.A. - Indústria e Comércio
Caixa Postal 8.217 — São Paulo

Mandem-me grátis o folheto ilustrado "Conheça bem o motor de sua máquina de costura".

Nome.....
Rua..... N.º.....
Cidade..... Estado.....

E a Madona Voltou a Spoleto...

Conclusão

de minha vida. Com minha cópia como modelo, iniciava-me na arte incomparável dos mestres do Quatrocentos. Decidi primeiro pintar com o material da época, e não a óleo, como o tinha feito. Depois de vários dias de experiências, reconstitui uma pintura a ovo, sensivelmente aproximada da utilizada pela escola de Piero de la Francesca. Em seguida, a tela. Descobri em casa dum antiquário, sem muita dificuldade, uma pintura datando de vários séculos e muito bem conservada. Desoxidei-a cuidadosamente. Estresi-a com abrasivos cada vez mais finos. Enxagüei-a várias vezes com água fenicada. Como moldura, precisava dumta madeira usada e dura. A que me pareceu melhor convir foi uma aduela de barrica velha descoberta no porão dum restaurador de Ostia. Depois que a patinei a carvão, nela fixei minha tela com seus próprios pregos enferrujados. A questão do fundo, do suporte da pintura preocupou-me. Impossível utilizar a cola animal se quisesse obter, o que era indispensável, as rachaduras profundas produzidas pelo tempo no original. Tive de resolver-me a só empregar caseína, mau grado os riscos de alteração que ela pode acarretar, com o tempo, ao brilho das cores, e comecei a pintar. Oito dias mais tarde, trabalhando quinze horas por dia, acabei minha Madona. Restava envernizá-la. Fi-lo com alambre moído, luxo que desaparece, depois, com o auxílio dum lápis com plumbagina de granito extra-dura, tracei toda uma rede de finas rachaduras, às quais dei um aspecto autêntico deixando a tela uma meia hora no forno, com calor suave. Pu-la por fim uma noite inteira num leito de poeira. No dia seguinte de manhã, levemente espanada, estava pronta. O sacristão podia vir. Veio. Extasiou-se diante de meu trabalho. Pagou-me muito bem, como fôra combinado. Tive um pouco de pesar ao ver partir minha Madona, ao pensar que aquela obra, a primeira de minha autoria que seria exposta, não passava da cópia perfeita duma outra e deveria permanecer para sempre anônima...

O professor Montoni interrompeu um instante sua confissão. Ergueu-se na sua cadeira e prosseguiu em voz mais surda:

— E depois, foi o acidente e a reviravolta em minha vida. Uma noite, voltando de minha aula, a roda dianteira de minha bicicleta ficou presa no trilho do bonde. Vinha dum caminhão em sentido contrário. Levantaram-me sem sentidos. Tinha as pernas esmagadas. Não deveria mais poder andar. O colé-

gio concedeu-me uma pequena renda. Minha filha tinha então somente quinze anos, com todos os estudos a fazer. Estava desesperado, mas não queria demonstrá-lo. Foi algum tempo depois de meu regresso do hospital, quando, em casa, começava a habitar-me a minha imobilidade forçada, que vi reaparecer o sacristão de Spoleto... Inquietou-se pelo meu estado, adivinhou minhas dificuldades. Mas, graças a Deus, eu podia pintar. "Ofereço-lhe, disse-me ele, 300 mil liras por uma nova Madona igual à precedente". Trezentas mil liras! Minha pensão de um ano! Quis gritar "não", com todas as minhas forças mas disse "sim", baixinho. "Combinado, senhor sacristão". Em dez anos, pinte mais de cem Madonas. Por vezes, vejo-as numa ronda alucinante, essas cem Madonas, todas perfeitamente irmãs, pois que todas saídas de minha mão, e todas tão fundamentalmente estranhas à outra, à única, à primeira, à que foi a alma...

Reynolds bruscamente pensou nessa. Que fôra feito dela?

— Por muito tempo acreditei que o sacristão a houvesse conservado e só vendera as minhas cópias. Mas não. Confessou-mo um dia e estou certo de que disse a verdade. Foi porque vendeu a princípio o original por preço muito elevado que teve a idéia de todo esse comércio.

— Com que então — disse Reynolds — alguém possui hoje esse original?

— Sim — respondeu o professor Montoni. — Um de seus compatriotas justamente. Um sargento americano que chegou a Spoleto em setembro de 1944 à frente dum destacamento de vanguarda... Parece que ficou louco por aquela Madona.

Sobre os degraus das escadas da Praça de Espanha, ficou Reynolds perplexo muito tempo, naquela noite. Não fôra ele que fizera pôr-se em movimento, com sua insistência em querer adquirir a Madona de Spoleto, todo o mecanismo que fez dum sacristão um trapaceiro e do professor Montoni um falsário? Este último não pintaria mais Madonas. Jurara-o. E o velho sacristão, vivendo na miséria em meio de seu fabuloso pecúlio, não tardaria a morrer. Mas então para que tudo voltasse de novo à ordem, não deveria ele, Reynolds, restituir à igreja de Spoleto a autêntica Madona de Sassetta? Recolocá-la, à luz dos três círios, no nicho sombrio que jamais deveria ter deixado? Sim, era o que ele faria. — João Reynes.

☆☆☆

Será Que Somos Compreendidos?

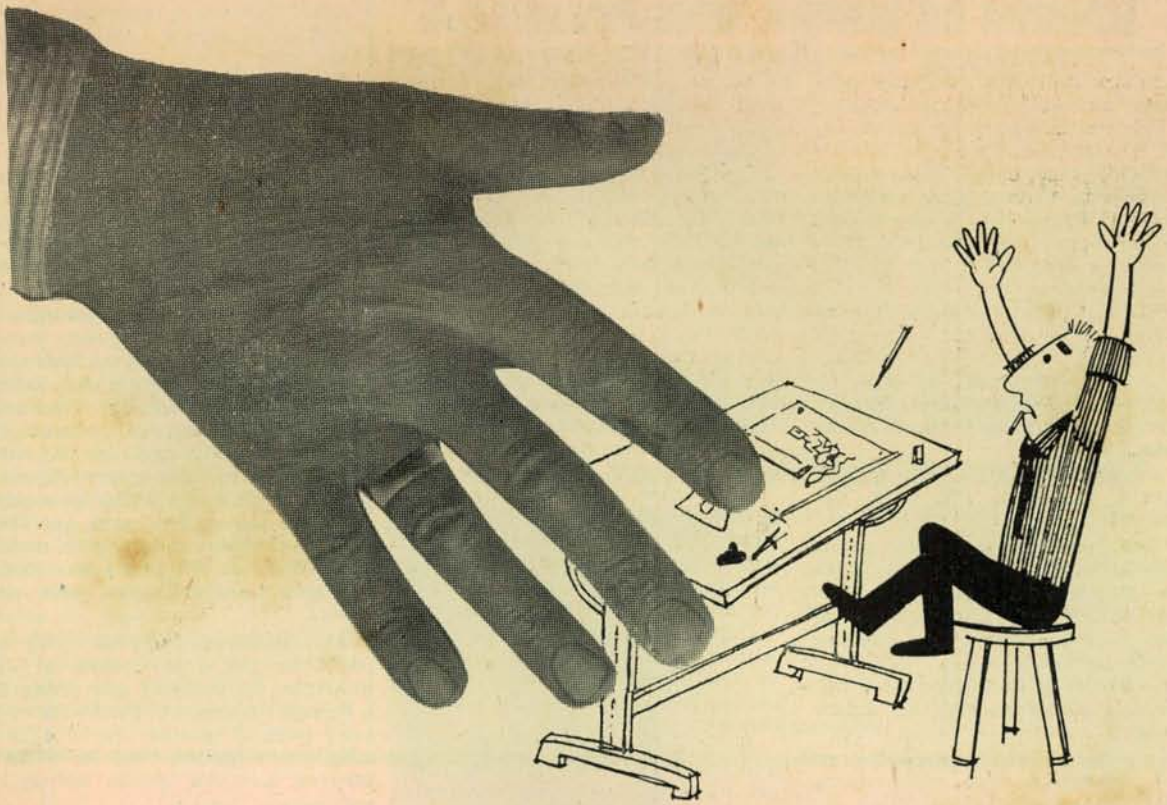
MUITAS vezes queixamo-nos de que não somos compreendidos, sem contudo saber que a deficiência pode ser nossa. Ninguém pode compreender-nos sem saber o que somos na realidade, está claro. E, de acordo com o que disse o Dr. Sidney M. Jourard — psiquiatra da Universidade de Alabama — muitos de nós teimam em conservar-se excessivamente fechados, quando se trata de falar daquilo que cremos ser ultra-pessoal: nossos problemas financeiros, nossas necessidades físicas, nossas dúvidas interiores.

Numa *enquête* que o Dr. Jourard realizou entre vários estudantes, descobriu que os elementos do sexo feminino têm muito mais facilidade em revelar os seus sentimentos do que os do sexo masculino, mas

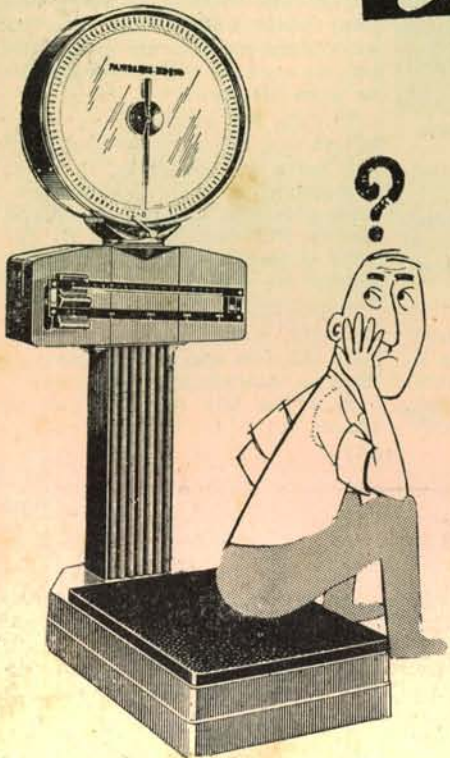
que, em se tratando de namorados, o sexo frágil procura sempre dizer o mínimo de si mesmo. Por outro lado, os rapazes preferem transmitir as suas verdadeiras emoções mais aos amigos casuais do que mesmo às moças a quem dedicam seja que grau fôr de afeto.

Em outro estudo, o referido psiquiatra descobriu que nem mesmo o amor consegue escalar, com sucesso, a muralha humana das reticências. E' bem verdade — diz ele — que há casais que se descobrem um ao outro mais do que teriam feito com os seus próprios pais mas isto não constitui regra geral.

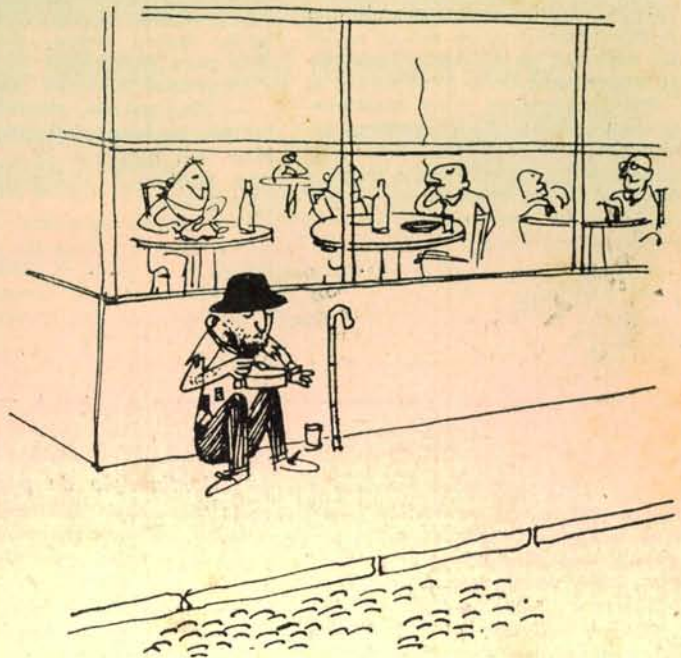
O fato é que, se nos quisermos fazer compreendidos, devemos revelar-nos aos outros, tal qual somos na realidade.



DOUNE



RESTAURANTE



O Boqueirão

Conclusão da pag. 25

dizia que não sabia de nada, nem tinha roubado coisa nenhuma.

Siô, assentado numa pedra, fazia o coitado furar a cova. Só ficava fumando, calado. Mas de vez em quando abria a boca um bocadinho e Elesbão ouvia aquela voz grossa tremendo, enquanto trincava os dentes:

— Cachorro!

Elesbão parava, ajoelhava e só pedia perdão, que não tinha sido ele.

— Fura depressa!

E aí acabou de furar. Siô foi falando, enquanto armava a carabina:

— Agora reze o que quiser, porque chegou a sua hora, cachorro!

Elesbão olhou em roda assim com jeito de quem espera milagre. Mas não tinha esperança. Falou nos filhos, dizendo que se Dalila fôsse viva, não deixava ele fazer aquilo, não.

— Fecha a boca! Não diz o nome dela com essa boca de condenado.

Elesbão no muito desespero, só viu um bezerro, que lá de longe olhava curioso. Então falou já decidido:

— Aquêles bezerro é testemunha de que o senhor vai me matar na injustiça. Ele vai me vingar, eu...

Não acabou de dizer. Bala certa na cabeça, ele se pôs como pião e caiu na cova já feita.

Aí se ouviu um berro muito feio do bezerro. Berro grande que se esparramou pelos matos e fez até codorna se levantar em vôo de espantação.

Siô sentiu logo uma pontinha de remorso. Meteu a carabina no bezerro, fez pontaria, mas não atirou. Montou no cavalo e saiu disparado, sem rumo certo, querendo limpar com o vento as desgraças das costas.

O tal bezerro, que era pretinho e só com uma pinta branca no lugar do cupim, não podia ver Siô depois disto. Coisa esquisita, mas era. Via o homem, se botava

a berrar e ficava raspando o chão com os cascos das mãos. Se Siô estava mais perto, o bicho investia com raiva.

E agora eu explico: descobriram que quem tinha roubado a cova não tinha sido Elesbão. Não, de verdade. Foi um preto da cidade, que isto confessou quando vendia um diamante e foi preso pelo delegado. Na cadeia contou tudo. Penso que o retrato estava com o menino, porque ele achou por aí, no chão. Menino é assim mesmo — pega tudo o que vê.

Siô se desmanchou no muito arrependimento, quando ficou sabendo de tudo.

Digo agora para explicar coisa já contada e não ficar resto de dúvida: Siô não foi amolado por causa da morte do Elesbão, não, senhor. Era amigo de gente importante, na Capital.

Depois disso tudo, ele quase não dormia mais. E se dormia, sonhava com Elesbão ajoelhado e chorando, logo depois via o bezerro correr p'rá cima dele.

De manhã, quando levantava, o bicho estava lá no fundo do curral, batendo o pé e bufando mal-doso.

Longe do patrão, os empregados se esconjuravam, pois se dizia que era maldição.

O bezerro não parava em pasto nenhum. Punha ele num dia e no outro bem de manhãzinha já estava lá na porteira do curral.

Então, um dia, velho Siô chamou uns vaqueiros e mandou levar uns bois lá para uma inverno, muito longe, que levava dias para chegar lá.

Vaqueiro Apriço, reclamou:

— Mas patrão, siôzinho, não é tempo de levar boi pra lá não. Não tem ninguém lá e as onças vão pegar os pobrezinhos desprotegidos.

Não houve resposta.

No meio dos bois foi o bezerro preto. E se disse que Siô dava a ordem era só para consumir com o tal bezerro, sem mandar matar ele, com medo de agravar a maldição. Levaram.

O tempo foi passando. Mas Siô tinha dia que levantava contrariado e chamava o vaqueiro Apriço e perguntava:

— Aquêles bezerro voltou?

— Inhor, não.

E' que de noite ele ouvia o berro tristonho do bicho. Nem parecia berro, de tão feio: assim de boi quando se aperta no laço.

Muito tempo depois Siô mandou buscar o tal de gado. Veio. O bezerro era marruaz, lustrando de gordo, preto e forte, com a pinta bem no cupim. Veio na frente. Fecharam no curral e chamaram o Siô pra ver. Aí ele veio lampeiro. Diz que pensava que a maldição já tinha acabado por vias das muitas rezas que fazia, das terras que tinha dado pros filhos de Elesbão e das missas que mandava dizer para as almas.

Siô desceu pro curral e foi a conta de pôr o pé dentro, o boi avançou. Só escapou por milagre e de esperto que era. Então ele entrou para o quarto, abriu a janela e deu quatro tiros no bicho. Morreu na hora, dando berros e escumando sangue.

Os empregados nem quiseram comer a carne. Jogaram fora, num boqueirão e quem passava lá via a ossada branquinha, com os chifres grandes, já descascando.

Contando seguido se chega aos cem; pedra caindo não pára no ar. Coisas na vida da gente que têm de acontecer, acontecem. Não se acha desvio.

Um dia Siô montou num cavalo, até que manso, e foi passando por perto do boqueirão. O cavalo empinou, pulando na muita brabeza e largou Siô pelo barranco abaixo. Foi bem em cima da ossada do boi. Se estrepou no chifre. Morreu na horinha.

Velha Maria, feiticeira, diz que na hora ouviu um berro muito feio, tão feio que até os passarinhos se calaram com muito medo.

E é por isto que o lugar se chama «o boqueirão da vingança».

☆ ☆ ☆

O Violino do Diabo

Continuação da pag. 56

clética oculta na penumbra. Sangue começou a escorrer de sua perna. Janelas se abriam e por trás, cada vez mais perto, ouvia-se o tropel de passos a correr. Cada aspiração queimava-lhe os pulmões. Não poderia correr muito mais adiante. Sr^a Pietsch,

onde posso me esconder?

O beco dava para uma rua larga. Para evitar ser vista por um velho que estava no meio-fio, correu por trás de um quiosque de jornais, curvando o corpo contra a madeira áspera. O quiosque de jornais estava vazio. Poderia

esconder-se dentro dele. Debaixo do balcão, que abria para fora, havia uma prateleira tapada por uma cortina. Uma prateleira estreita. Podia ocultar-se ali, deixando-se de lado.

Um cachorro latiu. Ficou ali, tremendo. Garrafas vazias, a seus

pés, começaram a tilintar. Fique quieta, banque a morta. O cachorro chegou mais perto. Podia ouvir seus latidos excitados e a voz da Sr^a Krause superando o zumbido de muitas outras.

— Ela está aqui. Vi-a correr pelo beco. Esta é uma rua sem saída. Deve estar em algum lugar justamente aqui.

— Sim, Sr^a Krause — disse um rapaz. Um guarda?

— Rapaz, não são vocês os encarregados de proteger a gente contra ladrões? Ela roubou de mim sete marcos. Encontre-a e os russos lhe pagarão uma recompensa. O pai dela é um major americano; ela conhece planos secretos de guerra.

— Chamarei policiais imediatamente, Sr^a Krause. Pedirei mais homens.

— Homens! Louvados céus, mandai-nos homens! Não meninos, não pimpolhos de carinhas cheias de espinhas!

Algumas pessoas começaram a rir. O guarda mandou-as calarem-se. Disse que não tardaria a voltar. Lúcia sentiu-se aliviada, mas só por um minuto. O cachorro começou a latir, farejando. Podia sentir sua respiração na cortina.

— Pare por favor com essa tolice, Sr^a Krause — disse um velho — A senhora está assustando meu cachorro. Venha, Lili, venha cá, meu bem...

O cachorro afastou-se da cortina. Sapatos raspavam uma grade de metal e Lúcia percebeu que o velho entrara para dentro do quiosque de jornais.

— Lili não é mais nenhuma mocinha, Sr^a Krause. Tem também pressão muito alta. Por favor, dê o fora com essas suas tôlas conversas de ladrões e planos de guerra. Dirija-se ao Quartel General de Segurança. Vá ao Krim e trate de descansar, que é do que a senhora precisa.

— Sepp, faça Lili mostrar suas habilidades — gritou uma voz entre a multidão. Uma vez só Sepp.

— Está certo de que o guarda foi embora?

— Foi, sim.

— Está bem, Lili, fique quieta. Mostre a nossos amigos o que pensa do Taegliche Rundschau, nosso esplêndido jornal da Berlim Oriental.

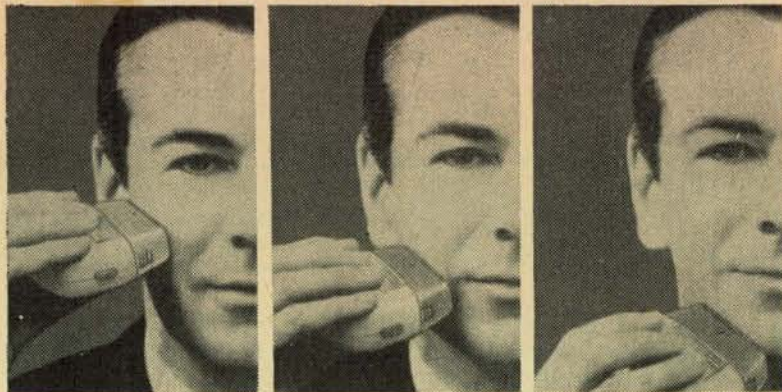
Lili rosnuu.

— E agora, Lili, qual sua cãndida opinião sobre o Tagesspiegel, aquela suja e decadente fôlha de propriedade dos capitalistas da Berlim Ocidental?

A cadela latiu, bem alto e satisfeita. Tôda a gente ria.

(Conclui na pag 88)

O BARBEAR MAIS RÁPIDO DO MUNDO!



Barbeador Elétrico *Remington* "60"



TÃO SUAVE... TÃO CONFORTÁVEL...



REMINGTON "60"
escanhoa suavemente...
sem irritar!



REMINGTON "60"
escanhoa de fato!

Os fios de sua barba ajustam-se às ranhuras, cientificamente espaçadas, onde são escanhoados até à raiz.

REMINGTON "60"
apara bigodes e costeletas!



Peça uma demonstração grátis, na loja de sua preferência. O Cabeçote-Barbeador Remington, com maior superfície de ação, barbeia em menos tempo... sem água, sem pincel, sem sabão!

Remington "60"

Pioneiro no mundo... primeiro no Brasil!

O Violino do Diabo

Continuação

— Olhem, está dançando, olhem, nas duas pernas.

— Está bem, agora, o espetáculo acabou — disse o velho. — E' hora de fechar e preparar para minha velha uma xícara de chocolate. Venham mais tarde, vocês todos. Compre seus jornais de Lili, a mais elegante cadela deste lado do Oder-Neisse.

Lúcia ouviu um estalido, quando o balcão foi empurrado para dentro da parede, tapando a luz. Uma porta que se fechava fez rumor e um cadeado estalou. Houve silêncio. Contou até cinquenta antes de abrir a cortina. Onde as tábuas de madeira não se encontravam, no canto do quiosque havia uma fresta de luz azul-escura.

Arrastou-se sobre os joelhos até o canto. O fundo de sua gar-

ganda sabia a moedas de cobre. Não ousava dominar-se pela náusea... não havia bastante ar e ficaria mais nauseada. Miss Mars era distraída. Miss Mars talvez não desse pela sua ausência.

Esse pensamento era como uma corda enrolando-se em infundáveis nós em torno de seus braços e pernas. Lembrar-se-ia de alguma coisa gostosa: o cheiro de talharim feito em casa, a Sr^a Pietsch levando-a para a cama, de noite, com um «Boa-noite, durma bem, tenha bom sonho de açúcar, de erva-doce e pés de leitão». Lembrar-se-ia dos passos de seu pai no caminho encascalhado. «Hei, Lu-Lúcia». Ele sempre a chamava de Lu-Lúcia, quando seu estômago não lhe doía. Haveria de descobri-la direitinho. Chamaria os

tanques do Acampamento Turner, os soldados com os rádios portáteis nas costas e os M.P. Poderia mesmo chamar o General. Vira o General uma vez, numa parada. Parecia a figura de Robert E. Lee, no seu livro de história, com a diferença de estar montado num jipe em vez de num cavalo.

Estava ficando mais frio. Tremeu um pouco, afundando os polegares sobre as pálpebras até que foguetes vermelhos encheram-se e estouraram. O cavalo branco e bela cauda feito uma pluma galoparia pela ponte, os cascos reboando ao passar pelos maciços de árvores até o quiosque de jornais. E quando abrisse os olhos de novo, o príncipe estaria chamando, num tom claro como um sino: «Hei, Lu-Lúcia».

(Conclui no próximo número)

★ ★ ★

Sua Obra está Consagrada

Conclusão da pag. 51

imigrantes que se dirigiram para o noroeste dos Estados Unidos. Esse foi o único trabalho em que seu marido colaborou.

A maior tarefa que recebeu, segundo suas próprias palavras, foi a de desenhar a medalha do centenário da Sociedade Americana de Numismática, que transcorre este ano. A Sr^a Fraser

procurou, nesse trabalho, simbolizar a natureza do processo de moldagem de medalhas, bem como a evolução dessa arte, desde os tempos primitivos até a idade atômica. Em seu desenho, apresentou um homem partindo uma rocha, em cuja metade está um animal completamente fossilizado e na outra metade, o

negativo da figura do animal, como se fôsse um modelo.

Atualmente, a Sr^a Fraser trabalha num monumental baixo-relevo sobre a história dos Estados Unidos, projeto por ela idealizado, ainda em 1935, e ao qual só recentemente pôde dedicar a maior parte do seu tempo.

★ ★ ★

A Volta de Courteline

GEORGE Courteline foi um dos escritores franceses que, mesmo depois da morte, continuaram a ser queridos e admirados pelos leitores. A confirmação disto vem deste fato emocionante, que se deu por ocasião da guerra entre a França e a Alemanha.

O busto de Courteline — obra do escultor Bonnetau — fôra colocado numa praça da Avenida Saint Mandé, mas sua esposa não podia visitá-lo. Israelita, obrigada portanto ao porte da bracheira com a estrela amarela, não tinha acesso aos jardins públicos e, conquanto fôsse seu desejo entrar na praça que tinha o seu nome e sentar-se ao pé do monumento do seu marido, limitava-se tão-somente a enviar-lhe

cada manhã, de sua janela, um triste bom-dia. Mas até isto lhe seria tirado, pois o inimigo resolvera recuperar todo o bronze empregado na confecção de bustos e estátuas, e o de Courteline, por certo não seria poupado. E, numa manhã de 1943, a Sr^a Courteline viu, com grande tristeza, que a cara lembrança que lhe restava estava sendo conduzida para a casa de fundição. Por detrás das cortinas, deu um último adeus ao busto do esposo e num ímpeto de desespero, maldisse aqueles homens que estavam tão-somente cumprindo ordens.

Mas deu-se o fato inesperado.

Os encarregados da tarefa reconheceram o grande escritor e lembraram-se de o haverem lido ou assistido à encenação de suas

peças. E então, todos, em comum acordo, decidiram preservar o seu busto. Colocaram-no em um pátio, sob um montão de ferros velhos, e ele passou despercebido aos alemães.

Durante um ano, o fato ficou em segredo absoluto. Nem mesmo a Sr^a Courteline dele tomara conhecimento, até que, depois da guerra, quando os últimos chefes nazistas já se haviam retirado e a paz voltava a reinar, trazendo-lhe a liberdade, vira, com grande espanto e alegria, os mesmos homens colocarem o busto querido no mesmo lugar. Assim, sem pompa, sem música e sem discurso mas com uma grande dose de simpatia, de amizade e de reconhecimento, George Courteline voltou ao seu lugar de honra.

Foi Fácil Demais

○ GRANDE fujão profissional — Harry Houdini — estava acostumado a abalar o mundo inteiro com as fugas verdadeiramente espetaculares que empreendia. Era difícil encontrar algemas, celas e cárceres, que resistissem à sua magia. Entretanto, houve vezes, ainda que poucas, em que Houdini quase teve a sua fuga frustrada. Uma delas, e que se tornou vivamente interessante, pelas circunstâncias do seu desfecho — teve lugar em uma pequena cidade da Escócia.

Depois de o grande artista ter sido desarmado, revistado e algemado, foi lançado no fundo de uma cela, por um velho carcereiro, que, depois de verificar que tudo ia bem, retirou-se tranqüilamente.

Assim que se viu a sós, Houdini não perdeu tempo. Com a habilidade que lhe era peculiar, livrou-se imediatamente dos grilhões, que o incomodavam e voltou as vistas para a fechadura da porta. Tentou abri-la de todas as maneiras possíveis e nada! A fechadura não cedia um milímetro sequer! Novas tentativas e investidas, resultando sempre em fracasso.

Finalmente, exausto, banhado em suor e dando-se por vencido, Houdini encostou-se na porta da cela e esta se abriu, sem a menor dificuldade. Foi então que ele verificou que o astuto carcereiro se esquecera de trancá-la.

☆☆☆

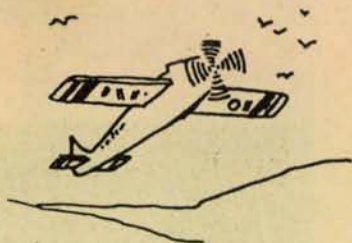
Mais Uma Prova!

TENDO verificado que as donas de casa quase não liam as publicações que lhes eram enviadas a domicílio, uma casa de artigos elétricos francesa, recorreu a um inteligente ardil que, além de estar dando ótimos resultados, comprova mais uma vez o quanto as mulheres são curiosas.

A casa continuou enviando os folhetos de propaganda dos seus artigos, mas em envelopes fechados e endereçados não às donas de casa, mas aos seus maridos, contendo ainda a recomendação «pessoal», em letras de fôrma.

Levadas pela curiosidade irresistível, as ilustres madames não se sentiam em paz, enquanto não liam o conteúdo do envelope.

TESTE



Os primeiros nos céus

DESDE que Santos Dumont deu asas ao mundo, o progresso da aviação tem decorrido vertiginosamente, numa superação de tudo quanto, ainda ontem, se fizera. No teste abaixo, o leitor, mesmo não sendo adepto de assuntos aeronáuticos, encontrará perguntas a que saberá dar resposta, por versarem façanhas aviatórias popularizadas pelas notícias internacionais. De resto, as perguntas têm algo de instrutivo, que compensará os esforços por respondê-las. Veja qual dos nomes introduzidos por letras — a, b, c — responde certo à questão colocada após um algarismo. O resultado do teste encontra-se na página 102.

1 — O primeiro combate aéreo registrado na história foi algo cômico. Os pilotos trocaram tiros de pistola e fuzil, sem maiores vítimas. Durante qual guerra isso se verificou? a) Guerra da Criméia; b) Revolução Bolchevista; c) Primeira Guerra Mundial?

2 — O primeiro helicóptero operacional foi obra de Heinrich K. J. Focke, mas a invenção do aparelho coube, em 1909, a um russo, também construtor do primeiro avião de vários motores. Qual o seu nome? a) Igor I. Sikorski; b) Konstantin Groushenko; c) Ivan Soblewski.

3 — Em 1926 fez o primeiro voo ao Pólo Norte, e em 1929 a primeira viagem aérea ao Pólo Sul. Falecido recentemente era americano, e notabilizou-se por suas explorações polares. Como se chamava? a) James H. Doolittle; b) Richard E. Byrd; c) Clarence Darrow.

4 — Não só o homem, como também a mulher brasileira, tem se revelado hábil e diligente em aprender todas as técnicas aeronáuticas. Por falar nisso, você sabe o nome da primeira aviadora nossa pátria? a) Nair de Tefé; b) Piedade Coutinho; c) Alda Rogato.

5 — Já desceu as profundezas do mar, e estabeleceu recordes subindo no espaço. Cientista dos mais dotados, foi autor do primeiro voo à estratosfera. Chama-se Auguste, mas Auguste de quê? a) Jacquard; b) Fauré; c) Piccard.

6 — Grande aviador, tema do filme "A Águia Solitária". Seu filho foi vítima de um dos mais sensacionais raptos de todos os tempos. Chama-se Charles Augustus Lindbergh. Qual a sua grande façanha aeronáutica? a) Primeiro voo transatlântico, de um só piloto; b) Recorde de permanência no ar; c) Voo sem escalas Tóquio-S. Francisco.

7 — O primeiro homem a realizar um voo com aeronave à propulsão com foguetes (em 1929) chamava-se Fritz von Opel e era fabricante de automóveis. Pelo nome, você saberá dizer qual a sua nacionalidade? a) Suíça; b) Alemã; c) Austríaca.

8 — O primeiro voo cego, dirigido por instrumentos, sucedeu em setembro de 1929, na América do Norte. O piloto que o fez é, até hoje, herói da aviação americana. Como se chama? a) James H. Doolittle; b) John Medaris; c) William Thomas.



Aos trambolhões e sopapos

Em certas seções eleitorais de Belo Horizonte, a janela foi o caminho mais curto para os que quiseram votar. Melhor que enfrentar as filas e ter de passar maus pedaços.

178.324 eleitores, representando 86,8% do total (206.222) do eleitorado inscrito em Belo Horizonte, depositaram nas urnas, no último pleito, os seus votos para Senador, Deputados Federais e Estaduais, Prefeito, Vereadores e Juizes de Paz. Como previsto em lei, a votação começou a 3 de outubro, mas a verdade é que, no dia seguinte, já passado de muito o meio-dia, ainda havia quem se encontrasse à espera de sua vez. Por quê? A resposta envolve uma multiplicidade de causas, das quais a mais ponderável foi, sem dúvida, a desorganização que obrigou muita gente realmente interessada a desistir de cumprir o seu dever cívico.

Igual interesse foi, aliás, observado em todo o País, através de uma votação que, quando forem computados os algarismos finais dos pontos mais distan-

tes, certamente mostrará nunca ter sido igualada. Com isso, evidentemente, ganhou o regime, uma vez que já mais ninguém ousará pôr em dúvida a consciência cívica do eleitorado brasileiro. Com isso, por outro lado, perderam-se muitas esperanças antigas, renovaram-se algumas que estavam amortecidas e nasceram esperanças novas para partidos que, até aqui, não se haviam firmado definitivamente.

Se é possível generalizar para o Brasil os aspectos mais significativos do pleito em Belo Horizonte — e os resultados já conhecidos estão mostrando que é — pode afirmar-se que, a partir de agora, a coisa vai ser outra, no que diz respeito à relação Executivo x Legislativo.

Vejamos os fatos que justificam essas afirmativas.



Num grupo escolar como o "Olegário Maciel", foram acumuladas inúmeras seções. O resultado é que, quando era chamado um número, apresentavam-se diversos eleitores. Houve briga e intervenção policial.



A eleição foi no dia 3, mas a folhinha já marca 4 de outubro. Quem não tinha outros compromissos e possuía boa disposição esperou mais de 24 horas pela sua vez. Depois do meio-dia, ainda havia gente votando.

BELO HORIZONTE VOTOU

Reportagem de Moacyr de Castro Oliveira

O DINHEIRO foi o grande argumento de que lançaram mãos os candidatos que se apresentaram ao eleitorado. Nunca — parafraseando Churchill — tantos gastaram tanto em tão pouco tempo. Basta dizer que, num inquérito levado a efeito em seis gráficas de Belo Horizonte (Oliveira Costa, Veloso, Tamoios, Santa Terezinha, Souza e França), a reportagem apurou uma despesa de Cr\$ 4.238.500,00, com a confecção de cédulas, cartazes e boletins.

A «Standard Propaganda», encarregada das campanhas de cinco diferentes candidatos — inclusive um para a Prefeitura — movimentou Cr\$ 3.200.000,00 sem falar nas taxas que, como toda agência de propaganda, recebeu pelos seus serviços. Os Diários e Emissoras Associados tiveram, por conta da campanha política, um faturamento de cinco milhões de cruzeiros, ficando, apenas com a Televisão Itacolomi, nada menos de um milhão. A Rádio Itatiaia, emissora independente, faturou quinhentos mil cruzeiros, e

as duas estações da Organização Ramos de Carvalho (Rádio Minas e Rádio Pampulha) tiveram um faturamento global de 800 mil cruzeiros. Mas os números não param aí. As faixas, que puseram em cheque a estética da cidade, custaram aproximadamente, extraída a média, duzentos cruzeiros cada uma, e apenas três empresas especializadas na sua confecção fizeram um movimento da ordem de 300 mil cruzeiros.

☆☆☆

PRETENDENTE de longa data ao curul municipal, o jovem bacharel Nelson Thibau foi o primeiro candidato a iniciar oficialmente a sua campanha, que durou 60 dias e lhe consumiu, ao que se afirma, nada menos de cinco milhões de cruzeiros. Com essa despesa — e notando-se que foi o único a não usar faixas («Esse negócio de faixa — disse ele — está superado, não se usa mais») — conseguiu colocar-se em terceiro lugar. O resultado, é claro, não foi o que esperava, mas

ele se declara satisfeito: «Coube a mim, por vias indiretas, decidir o páreo sucessório na Capital». Para isso, prometeu mundos e fundos: linha regular de helicópteros do centro da cidade para a Pampulha, um navio-miniatura nas águas da famosa represa, parques infantis em milhares de brinquedos em todos os cantos da cidade, isso sem falar na tão anunciada «água com fartura». Apresentado pelo PST, partido de nenhuma expressão em Belo Horizonte, foi o candidato das crianças, e ele mesmo reconhece que, se elas pudessem votar, seria, a esta hora, o novo prefeito de Belo Horizonte. Um detalhe de sua campanha merece especial destaque: não abriu a boca para apontar defeitos dos outros, não fez intriga contra os seus concorrentes. Criou «slogans», alguns de tom messiânico, dirigiu pessoalmente a campanha, declarou-se um «novo Jânio Quadros», mas, provavelmente, faltaram-lhe as caspas...

Em último lugar, classificou-se o



Para os cegos, funcionou uma seção especial, no Instituto São Rafael. A foto mostra uma jovem cega, munida de estilete e prancheta, a marcar na cédula especial os nomes dos seus candidatos. A seção funcionou bem.



A foto dá bem uma idéia do que foi a confusão. Dentro de um cômodo de reduzidas dimensões, amontavam-se dezenas de pessoas. Houve desmaios e pelo menos uma criança, levada no braço da mãe, perdeu a vida.



Uma empresa — a "Signo" — organizou um serviço especial de distribuição de cédulas, com 100 mesas espalhadas pela cidade. Os candidatos gostaram do exemplo e puseram mesas particulares, com empregados próprios.



Penduradas nas árvores, milhares de faixas; no chão, milhões de cédulas, que custaram milhões de cruzeiros. Nunca se gastou tanto em tão pouco tempo, e para um número tão reduzido de cargos. Ganhou quem pagou mais?

Sr. Davidson Pimenta da Rocha, antigo superintendente do Serviço Estadual do Trânsito (hoje D.E.T.), tendo apoiado o Partido Republicano e certo número de motoristas de táxi de Belo Horizonte. Da sua plataforma fazia parte o compromisso de liberar as vilas distantes da Capital, para que pudessem gozar de benefícios da Municipalidade. Foi, com menos de 15 mil votos, o «lanterninha», mas há quem diga que a sua candidatura foi lançada para isso mesmo.

☆☆☆

PELA primeira vez na história de Belo Horizonte, o eleitorado suburbano teve predominância sobre o da zona urbana. Isso talvez explique, em parte, a vitória do Sr. Amintas de Barros, outro candidato contumaz, que agora, na terceira tentativa, logrou alcançar a chefia do Executivo da Capital. Ganhou

o pleito menos por uma questão de votação partidista do que em função de seu prestígio pessoal, já que era apoiado por duas agremiações de tão pequena importância na vida política de Belo Horizonte — o PTB e o PSP, que deu também o vice-prefeito vitorioso — que não chegaram a eleger mais do que 5 dos 21 vereadores que compõem a Câmara Municipal. «Candidato do povo», foi buscar principalmente na periferia o seu eleitorado, mas está comprometido a «não administrar de olhos exclusivamente voltados para os bairros e vilas».

O centro — os partidos do dito e o dito da cidade — teve o seu candidato na pessoa do engenheiro Renato Falci, PSD, UDN, PDC, PTN e PSB não tiveram, porém, força suficiente para garantir-lhe mais do que o segundo lugar. Foi, por outro lado, o mais atacado dos quatro, e a diferença (quatro mil votos, apro-

ximadamente) que o separou do vitorioso dá a entender que foi derrotado pelo fato de ter sido apontado como comunista. E' bem verdade que sempre respondeu às acusações, em termos elevados, mas alguma dúvida parece ter ficado. A derrota, porém, não pesou tanto no seu bolso, já que é homem de largas posses, e, provavelmente, faria um mau negócio, se deixasse os seus por quatro anos para dirigir os da Prefeitura, que, como ninguém ignora, não andam muito bem.

Resta falar na luta pela vice-prefeitura, com cinco candidatos, classificados, na seguinte ordem crescente: Ely Leo, Osvaldo Gusmão (PSB) Fábio Vasconcelos (vários partidos), Eduardo Rios Neto (PL) e Padre Clóvis Souza e Silva (PSP, com apoio do PTB). O eclesiástico eleito com o Sr. Amintas de Barros teve, durante todo o decorrer da



←

Conta-se que o Sr. Milton Campos recebeu para votar uma cédula marcada no nome de seu concorrente. Trocou-a, sem fazer barulho. E ganhou.

→

Em pouco tempo, o Sr. Nelson Thibau ficou conhecido na cidade inteira. E todo mundo cantava: «Thibau eleito, povo satisfeito». Ou: «Thibau na Prefeitura, água com fartura». Os votos, porém, foram para os outros.



Nem mesmo na Praça da Liberdade, onde fica o Palácio do Governo, os candidatos respeitaram as árvores — e a lei que proíbe este tipo de propaganda.

PSD E PR ESFACELADOS NAS URNAS



apuração, o Sr. Rios Neto quase em seus calcanhares, muito embora fôsse esse último também apresentado por um partido sem expressão.

Em ambos os casos, notou-se a nítida diferença entre o eleitorado do centro e o dos bairros e vilas, uma vez que, na 27ª Zona Eleitoral, correspondente à parte central da cidade, tiveram, tanto o Sr. Renato Falci como o candidato Rios Neto votação nitidamente superior à dos vitoriosos, que, todavia, lograram a margem que lhes deu a vitória nas demais zonas (25ª, 26ª e 28ª), onde predominavam eleitores da periferia.

☆☆☆

AINDA era madrugada, no dia 3 de outubro quando, junto de numerosas seções eleitorais, já se formavam extensas filas, a mostrar, desde as primeiras horas, que iríamos ter um pleito dos mais concorridos. A demonstrar, por outro lado,

que, com 400 eleitores em cada uma delas, seria improvável que todos conseguissem votar dentro do limite de tempo estabelecido em lei. Iniciada a votação, verificou-se que o que se temia era ainda pior: cada eleitor demorava-se, em média, 4 minutos para marcar as três cédulas únicas, depositá-las nas urnas, voltar à cabine indevassável para colocar nas sobrecartas as cédulas para deputados e vereadores e, por sua vez, pô-las no lugar devido. O resultado é que, às 17 horas, quando devia ser encerrada a distribuição de senhas, havia seções que ainda não tinham atendido a mais de 70 eleitores. Foi — que nos perdoem o julgamento — a mais completa anarquia. A começar pela escolha dos lugares onde seriam alojadas as mesas receptoras de votos. Chega a parecer que foi de propósito: escolheram os lugares mais impró-

prios, cômodos apertadíssimos, que mal davam para os mesários, e que, no entanto, deviam receber aquilo que foi uma avalanche de eleitores. Em numerosas seções, tivemos oportunidade de presenciar lances de verdadeira luta-livre, e foram inúmeros os eleitores que, após cinco e até seis tentativas para aproximar-se das mesas, acabaram desistindo.

Se mal escolhidos foram os lugares, pior o foram os mesários. Daí resultou uma confusão ainda maior, com eleitores votando a descoberto, para andar depressa, outros tratados com rispidez e, para coroar a desordem, muita gente a se valer de inexplícáveis prioridades.

O Pronto Socorro teve todo o seu pessoal mobilizado para atender aos casos de urgência, a polícia foi chamada a intervir para manter a or-

(Conclui na pag. 97)

O guarda-sol é apenas um eufemismo. Com o calor reinante, ninguém agüentava ficar parado muito tempo. Mas estas freiras, educadas na escola da paciência, souberam aguardar calmamente a sua vez. Cumpriram o dever.



O Último Vôo

Conclusão da pag. 72

Desliguei o fone. Clara estava de pé diante da porta, intensamente pálida. Senti um nó na garganta.

— Minha querida, trate de recordar nossos dias felizes...

— Não faça essa viagem, Rick. Não estás em condições de voar. Rogo-te...

— E' o único caminho — repliquei. — Não a faço feliz. Sou um fracasso como marido. Talvez sem mim possa você ter um dia a vida que sonha.

Peguei a maleta, que ainda não havia desfeito e saí, antes que as forças me abandonassem e me pusesse a chorar como uma criança. Já no automóvel, senti-me sozinho pela primeira vez na vida. Queria afastar de minha mente a lembrança de Clara.

Quando cheguei à base, Artur veio ao meu encontro.

— Que há com você, Rick?

— Não me faça perguntas.

Enquanto tomávamos café, deu-me as instruções para a viagem. Ao entrar para meu lugar, Ken já estava ali.

— Pensei que Sanders faria esta viagem — comentou ao ver-me.

— Simples mudança de planos — respondi, lacônicamente. Não desejava revelar minhas intenções.

— Melhor para mim — acrescentou, sorridente.

Algo em seu olhar amigo fez-me sentir-me melhor. Às cinco em ponto levantamos vôo e quando alcançamos 240 metros, entramos numa completa formação de nuvens. Ken parecia estar profundamente adormecido na sua cadeira, seu cigarro consumia-se lentamente no cinzeiro.

Depois de passar sobre Cleveland, comecei uma descida suave para aterrissar em Detroit e renovar combustível. Ken começou a agitar-se em sonho, ao sentir nos ouvidos a mudança de pressão. Ao chegar, estava acordado e de pé junto de seu posto.

— Desça você e coma alguma coisa — disse-lhe, esperá-lo-ei aqui.

— Como queira.

Abriu a porta e saltou para o campo de aterrissagem. Continuei sentado no meu lugar. Não podia mover-me. Naquele momento, senti-me tal como me via Clara desde muito tempo. Como uma parte mais do aparelho, como um peça sem a qual o avião não poderia voar!

Escondi o rosto entre as mãos. Tinha desejos de chorar. Depois de algum tempo, saltei de meu assento e saí do avião. Precisava caminhar um pouco. Da torre de controle, chegava-me a voz do locutor. Informava que o tempo estava mau a leste. A névoa tornava-se cada vez mais densa e ameaçava cobrir toda a costa em poucas horas. Pensei que deveríamos apressar-nos, se quiséssemos chegar naquela mesma noite. O aeródromo de Chicago tinha ainda milha e meia de visibilidade. Contanto que a conservasse... Resolvi correr o risco...

Às dez e meia estávamos no ar. Duas vezes vencemos as dificuldades do tempo. Antes de chegar, o rádio nos informou que o aeródromo havia sido cerrado e devíamos continuar até Newark para realizar uma aterrissagem de emergência. Mas tínhamos de apressar-nos. Uma espessa camada de gelo estava-se formando sobre as asas.

Pela primeira vez senti medo. Ken, no seu posto, estava alerta. Em breve, também as antenas se cobriram de geada. O rádio não funcionava. Voávamos a seiscentos metros e o vôo se tornava cada vez mais difícil por causa do peso das asas. Estavam totalmente cobertas. Na minha vida nunca vira tanto gelo junto. Tratei de aumentar a velocidade. Não o consegui. Passamos sobre o campo a trezentos metros de altura. Tratei de descer com suavidade e de concentrar-me no que estava sucedendo. Não podia senão murmurar «Clara... Clara...» Era caso de rir. Estava num avião que não podia controlar, voando às cegas numa tormenta como não havia visto outra igual e a única coisa que acertava era pronunciar o nome de Clara.

O avião começou a vibrar perigosamente. Uma débil luz indicou-me que estávamos passando sobre a torre de comando. Senti um grande alívio. Trinta segundos mais e conseguiríamos aterrissar. Ken procurava por todos os meios comunicar-se com o aeródromo para avisar que íamos baixar. Eu tratava de descobrir uma brecha na névoa, que nos permitisse manobrar. Estávamos já somente a uns sessenta metros e o campo continuava invisível. Cinco segundos mais que continuássemos descendo, iríamos dar com o nariz contra o solo. Soltei as rodas no momento preciso em que caíamos perpendicularmente entre dois refletores. Senti que tínhamos muita pressão.

— Está fazendo muito calor, Rick! Corte o contato.

A voz de Ken me parecia longínqua.

Tratava de averiguar o que era que se tinha partido ao chocar-nos contra o sol. O asa esquerda estava partida. Procurei indireitar o aparelho, mas voltamos a cair de ponta.

A novo empuxão, o avião deslizou de barriga produzindo um ruído ensurdecedor ao ir-se quebrando. Comecei a contar os segundos, sabendo que em breve explodiria o tanque de gasolina. Pensava em Clara...

Algo morno pousou-se em minha testa. Tratei de mover-me, mas não pude. Abri os olhos. O rosto pálido de Clara estava muito junto do meu.

— Vai tudo bem, Rick. Não fales agora, querido.

Eu queria falar, mas as palavras não acudiam a meus lábios. Olhei-a interrogativamente.

— Um braço e quatro costelas partidos. Um golpe na cabeça. Mas em breve estarás bom e poderás voltar a voar. O médico afirmou-o.

— E Ken? — pude por fim perguntar.

Artur aproximou-se de meu leito.

— Ken?

— Morreu instantaneamente. Pode estar certo de que, pelo menos, não sofreu nada.

— Morto?... Ken morto? — gritei quase.

Entrou uma enfermeira e aplicou-me uma injeção. Adormeci. Depois Clara me contou que a notícia da morte de Ken produziu-me uma recaída de que demorei muito a recuperar-me. Artur vinha ver-me com frequência.

— Rick, não se torture. Você não tem culpa.

— Eu não tinha direito a expor sua vida. Não estava em condições de voar naquela noite.

— Se o considerasse culpado, cre que lhe pediria que voltasse a voar?

— Voar outra vez? Depois do que fiz, não quero ter oportunidade de matar mais outros.

— Não diga tolices, Rick. Foi a tormenta que causou a morte de Ken e de outro par de pilotos naquela noite. Você manejou o avião melhor que qualquer outro poderia fazê-lo. Alegre-se por haver escapado. Olhe Clara como está contente por tê-lo!

— Clara!... Quer dizer que ainda me quer?

Tinha o olhar doce de sempre. De repente, tudo quanto me havia torturado naquela última viagem, tornou-se-me claro. Não podia continuar a oscilar entre minha carreira e Clara. Quão enganado estive ao crer que voar era mais importante para mim que conservar minha esposa!

Queria voltar a vê-la feliz e tranqüila, como quando éramos noivos. Nunca mais prodigaria meu amor a uma máquina, tendo aquela maravilhosa esposa que me adorava.

— Artur, quero dizer-lhe que renuncio ao meu lugar para sempre. — Não prometas nada, Rick — interveio Clara, carinhosamente. — Espere estar em casa.

— Estou decidido, querida. Para diante, quero ser esse espôso que

SOLUÇÃO DO TESTE

DA PAGINA 89

- 1 — c — Primeira Guerra Mundial.
- 2 — a — Igor I. Sikorski
- 3 — b — James E. Byrd
- 4 — c — Alda Rogato
- 5 — c — Auguste Piccard.
- 6 — a — Primeiro vôo transatlântico.
- 7 — b — Alemanha.
- 8 — a — James H. Doolittle.

você sonhava... e o pai desses filhos que você desejava...

Clara não pôde conter a emoção e beijou-me com infinita ternura.

— Quer explicar-me toda essa história? — disse Artur.

— O que você ouviu é tudo, Artur; já executei meu derradeiro voo. Por desgraça, de uma maneira trágica, mas estou decidido. Um homem não pode ser duas coisas ao mesmo tempo e menos ainda sustentar dois amores. Agora compreendo que nada é mais importante para mim do que conservar Clara. Amo-a por demais e quero ser seu esposo por muitos anos.

— Se este é o motivo, é mais do que suficiente para que eu o compreenda.

Depois que saí do hospital, achei um emprego de despachante de uma companhia de navegação.

Algumas vezes, à noite, quando ouço o barulho dos motores de um avião, meu coração bate com força... Recordo meu último voo... e Ken. Não poderia dizer que esqueci, nem que jamais esquecerei a felicidade que de mim se apoderava ao sentir-me no ar. Mas as recordações não me mortificam. Se alguma vez cresce a nostalgia, basta olhar a expressão tranqüila do rosto de Clara e seu sorriso feliz. E para acabar de convencer-me de que fiz o que devia fazer, contemplo as duas bênçãos que o céu me enviou: a pequena Clarita e o sardento e cambaio Rickey, que anda agarrando-se a quanto móvel encontra a seu alcance... ☆ ☆ ☆

Sangue e Lágrimas, da Birmânia ao Sião

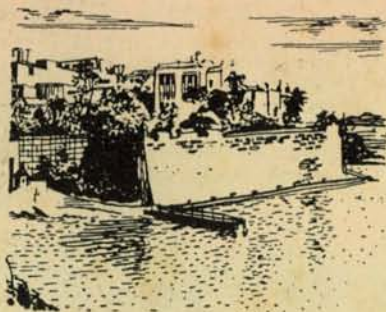
SESENTA mil escravos brancos trabalharam na construção da «Ferrovia de Sangue e Lágrimas», rasgando terras onde homens jamais haviam pisado antes, numa das zonas mais quentes e úmidas do globo, sem o mínimo necessário para viver decentemente, sem descanso, sem direitos. Testemunha ocular das cenas dramáticas então desenroladas, Cornel Lumière escreveu em «ERIC E O IMPERADOR» a história de um grupo de dez mil australianos, americanos, ingleses e holandeses que foram submetidos à ambição do Imperador do Sol-Nascente, durante três anos e meio.

Contendo passagens que lembram a grande obra de Dostoiévsky, «Recordações da Casa dos Mortos», «ERIC E O IMPERADOR» já provocou emoções em meio mundo, e vai provocá-las também nos leitores de ALTE-ROSA, que poderão ler essa impressionante narrativa, em capítulos, a partir da primeira quinzena de dezembro próximo.

TAPÊTE MÁGICO

PÔRTO RICO, "Gibraltar" das Antilhas

Uma velha fortaleza construída em San Juan, em princípios do século XVI, para defesa contra os piratas e bucaneiros.



NA dominação da ilha de Pôrto Rico, que os espanhóis chamavam de San Juan e os índios denominavam **Boriquén**, os seus primitivos habitantes foram substituídos pelos brancos, que nela introduziram os negros da África, para o trabalho servil. A sua posição entre as ilhas antilhanas, tornando obrigatória, nos dilatados tempos da vida colonial, a passagem por lá de navios de várias procedências, fez com que entrassem para a ilha povoadores de diversas raças e origens, mas a predominância sempre foi do elemento ibérico, cujos descendentes são hoje mais do que o dobro da população negra e mestiça (total: 2.307.000 habitantes). E, com o notável incremento demográfico, Pôrto Rico tornou-se o rincão mais densamente povoado das Américas (260,2 habitantes por quilômetro quadrado).

Hoje, não existe mais a miséria de há alguns anos, e as epidemias não têm a mesma frequência assustadora de outrora, graças a uma particularidade singular: no orçamento do governo da ilha, não se faz nenhuma dotação para as forças armadas, que Pôrto Rico não tem. Assim, a verba que seria destinada à defesa nacional é toda ela canalizada para o setor da educação. São cerca de 40% de sua receita, aplicados em diversas instituições culturais e de saúde pública, que começam a ganhar corpo.

Até o final do século passado, era de café a principal cultura portorriquenha. Um furacão, em 1899, tanto estragou os seus cafezais que estes nunca mais puderam readquirir a sua importância, muito embora o produto fôsse de qualidade superior ao do Brasil e da Colômbia. Hoje, a dominante econômica é a cultura da cana, que ocupa mais da metade de suas terras cultiváveis. E a industrialização, não obstante a falta de minérios, vai sendo feita com certo vigor, já com 375 novas fábricas instaladas, dentro de um programa levado a efeito pelo governo americano.

O americano, que domina a ilha, exerce grande influência sobre o seu povo, e um dos resultados dessa influência é o elevado grau de higiene da quase totalidade da população.

Foram os americanos que criaram a sua hoje famosa Escola de Medicina Tropical, destinada a estudar as moléstias características dos trópicos e das que, embora comuns nos países temperados, assumem novas formas na região tropical. Foi aí que se encontrou o micróbio da chamada anemia tropical, no primeiro quarto deste século.

A ninguém escapou a importância estratégica de Pôrto Rico, e já os seus primeiros ocupantes tiraram partido disso, como se verifica através das suas antigas fortalezas de El Morro e São Cristóvão, que têm correspondentes, modernamente, nas grandes bases aéreas e navais americanas, e que dão à ilha uma função semelhante à de Gibraltar: uma sentinela à entrada do Mar dos Caraíbas.

O controle de Pôrto Rico está em mãos americanas desde 1898 — quando a Espanha, tendo perdido as suas colônias do hemisfério, resolveu cedê-la, por não querer guardar a chave de uma propriedade que já não era sua. Até não faz muito, o governador da ilha era designado pelo Presidente dos Estados Unidos, e havia um congresso composto de senadores e deputados livremente eleitos pelo povo, exercendo o poder legislativo. Atualmente, também o governador é eleito pelos portorriquenhos, que têm ainda um representante no Capitólio.

O idioma principal é o espanhol, que tem, nos ambientes rurais, muito daquele sabor antigo, mas isso não impede que os seus habitantes sejam considerados cidadãos americanos — condição que se efetivou a partir de 1917.

Flash



LUCÍLIO, MILTON,
MARIANO e AMADO
(Com o Dicionário
na Mão) Resolve
Beber Chá

NA pele de Lucílio Mariano, ou sob o nome civil de Milton Amado, o certo é que o criador de Fuchico tem um público enorme em Minas Gerais. Quando as teclas de sua velha (e renitente) máquina de escrever funcionam, o «humor» não foge espavorido, mas, pelo contrário, fica ali por perto. E o endiabrado Lucílio o aprisiona e depois o liberta, sorridente, em seu «Quadro Negro». Quando mais novo, eu era companheiro de Fuchico. Sofria com suas perplexidades e ria com seus humanos desajustes. Depois, por circunstâncias várias, «O Diário» sumiu de minha porta e eu esqueci aquele homem simples do interior (não sei se ele ainda vive) que se assustava com uma coisa que os cidadãos chamam de «progresso», mas que ninguém, em sã consciência, sabe se é «progresso» na maldade, na desumanização, ou em quê. O que importa no entanto, dizer aqui é que seja Lucílio, Milton, Mariano, ou Amado, a pessoa que usa estas quatro denominações não pára de trabalhar no campo intelectual. Assim é que está traduzindo várias obras que, sem dúvida, despertarão a atenção dos leitores de «ALTEROSA».

«A Sociedade Democrática e Seus Inimigos» de Karl Passer é uma delas.

Outra notícia que podemos oferecer aos leitores em primeira mão refere-se ao delicioso romance «A Casa de Chá do Luar de Agosto», de Vern Snider. Milton Amado já está, há muito, instalado na casa de chá e impregnando-se do suave perfume oriental (via United States) pensa entregar em breve a tradução ao seu editor. Mas não pára aí o labor do Sr. Milton Amado: «A História do Homem», de Carleton Coon está também sendo transplantado para a nossa língua. Aliás, desde que ele levou Dom Quixote a palmilhar a estrada que Camões desbravou com engenho e arte, sua fama de tradutor cresceu vertiginosamente, como comparando por antítese, por exemplo, a burrice de certos homens. Hoje, os originais estrangeiros chegam aos montões nas mãos de Lucílio Mariano.

Os leitores de «ALTEROSA», que viram Marlon Brando em «Casa de Chá do Luar de Agosto», podem esperar pela tradução de Milton Amado, que serão recompensados. O livro é bom e o tradutor também.

Fala o Leitor

Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar na presente edição, as respostas de leitores às perguntas que lhes dirigimos: quais os livros, ou os personagens de ficção, que mais os impressionaram e por quê?

Conforme já frisamos, todos os frequentadores de «ALTEROSA» podem responder a esta pergunta, ou discorrer sobre qualquer tema literário do momento. No fim do ano, sortearemos três cartas, e os leitores respectivos serão premiados com livros, oferecidos pela «Livraria Oscar Nicolai».

Palavras

Segundo informaram os jornais, reuniu-se, mês passado, uma comissão para eliminar do «Dicionário Escolar da Língua Brasileira», editado pelo Ministério da Educação, os termos considerados ofensivos à criatura humana.

JOVELINO LANZA, o
Cronista de Sete Lagoas

É uma satisfação ler o livro de crônicas de Jovelino Lanza, «Minha Sete Lagoas». Desde a primeira vez que pegamos «Mensagem» e lemos por desfastio a crônica assinada por ele, sentimos imediatamente que o autor tinha fôlego de escritor. Seu estilo, informal, não espartilhado, traz nas veias uma coisa que nenhum gramático, nenhum professor de retórica, nenhum teorizador de estética, por mais que faça, pode encontrar nos escaninhos de sua ciência: uma coisa simples chamada o dom de escrever. Jovelino Lanza possui indiscutivelmente esse dom. Esse dom que o salva, mesmo quando é ingênuo ou descuidado. Com palavras de todos os dias, com fatos miúdos, ele edifica uma lembrança e, dela, ao mesmo tempo que extrai uma saudade, levanta um muro limpo onde se lê: eu sei falar ao seu coração, porque falo com voz humana.

Aqui vai uma pequena amostra de Jovelino Lanza para que os leitores tenham uma idéia: «Minha Sete Lagoas dos rapazes chiques do chapéu de palhinha, da gravata borboleta, da calça boca de sino e do sapato «neolin» Minha Sete Lagoas do perfume Flor de Amor, do óleo Meu Coração e do pó-de-arroz Aglaia». E vai por aí afora, construindo, em pinceladas rápidas, mas intensamente evocativas, um instantâneo ligeiro da «belle époque» em uma (então) pequena cidade do interior. Jovelino Lanza, a quem não conhecemos pessoalmente, foi uma surpresa boa, que nos veio dizer que não é só o Democrata ou Bela Vista que levam o nome de Sete Lagoas a outros rincões de nosso País.

Os Livros (e os

• O cinquentenário da morte de Machado de Assis foi amplamente comemorado em todo o País, numa nítida demonstração de que os brasileiros sabem reverenciar a memória de seu maior escritor.

• Ainda sobre Machado de Assis: foi muito louvado pelos escritores o ato do Presidente da República, pon-do as obras do criador de Capitão ao alcance de qualquer editora.

• Recebemos, da «Civilização Brasileira», «Ásia Maior», da senhora Maria Martins. O livro está sendo bem recebido pelos comentaristas. Em futuras edições, voltaremos a ele com mais vagar.

e Bombas (Ofensivas)

Atitude muito louvável, sem dúvida. Talvez dê até resultado... Mas temos pequena sugestão a fazer sobre o assunto. Por que não se organiza uma comissão para eliminar do coração humano esses

mesmos termos? E sobretudo, por que não se tenta eliminar as palavras ofensivas que os dirigentes das grandes potências pronunciam e que às vezes se transformam em bombas «ofensivas»?

Livro de Sucesso Numa Tarde de Autógrafos

Já está sendo traduzido para o português, sob a égide de uma editora mineira, o livro de Boris Pasternak, «Doutor Zivago». Afirma-se mesmo, que, quando do lançamento do volume, Pasternak em pessoa comparecerá a uma livraria em Belo Horizonte para uma destas reuniões do «society» intelectual, a que se convencionou dar o pitoresco nome de «tarde de autógrafos». ALTEROSA, aliás, dá a seus leitores esta notícia em primeira mão.

Mas passemos ao livro em si. Segundo «Time» «Doctor Zhivago» é a maior novela russa desde a Revolução. A mesma publicação informa que o autor é um consagrado tradutor de Goethe, Shakespeare e Shelley para o russo. Entre anarquistas, nihilistas, etc. etc., Zivago é apenas humano, «stubbornly human» (teimosamente humano), mas «he seems disastrously unable to help those who love him» (parece desastrosamente incapaz de ajudar aqueles que o amam).

A revista americana que comenta a obra do Pasternak diz que «pelos padrões soviéticos — e talvez também pelos padrões ocidentais, o herói do livro é um fracassado, um inocente». As mulheres que o amaram afirmam que o enigma da vida, o enigma da morte, o encanto, a magia do gênio, são coisas que transformam o mundo, mas não são coisas para elas.

O livro de 558 páginas está sendo bem recebido pela crítica americana e o melhor que os leitores podem fazer é esperar pela tradução brasileira. Principalmente aqueles leitores que, muitas vezes esquecendo as obras mestras do passado, (um «Guerra e Paz», por exemplo) apreciam os livros do momento, os «best-sellers» apregoados pelas vãs trombetas da atualidade.

“Rosas e Espinhos” de Rubens Dannecker

Editado este ano em São Paulo, este livro de Rubens Dannecker, «Rosas e Espinhos» está recebendo louvores de certa parte da crítica especializada. Todo de sonetos, gênero hoje menos cultivado, o trabalho, de boa e serena inspiração, mostra que o autor é de fato um poeta.

Escritores) são Notícias

• Deve-se louvar a atividade da Editora Civilização Brasileira. Não passa mês em que essa empresa de São Paulo não lance nas livrarias algum livro de valor. Um de seus trabalhos recentemente entregue ao público é «Lógica da Vida», do francês Albert Ducrocq.

• Na última eleição de 3 de outubro, os escritores mineiros não quiseram, como de outras vezes (J. C. de Oliveira Torres, Felix Fernandes Filho, por exemplo) comparecer como candidatos. Limitaram-se a, modestamente, como convém aos mineiros, levar seu (disputado) voto às urnas. Por sinal, uma tarefa que não foi nada fácil para o povo...



Machado de Assis

RUGÓL

2 cremes em 1

Limpa e embeleza a
cútiis. Dá maravilhosa
brancura e esplendor de
juventude.



CREME
Rugól

MANTÉM EM SEGREDO SUA IDADE!

ORFANATO SANTO ANTÔNIO DE PADUA

Mantido pelas Irmãs Franciscanas, com quase uma centena de meninas órfãs, necessita do auxílio de todos os corações bem formados, para realizar a sua elevada missão cristã.

Envie o seu donativo, colaborando na manutenção e educação de uma centena de brasileirinhas.

Avenida Queiroz Júnior
ITABIRITO — MINAS GERAIS



LEVE SEU RÁDIO
e espere consertá-lo.

RÁDIO TÉCNICA SANTA CRUZ

Avenida Brasil, 73 — Tel. 2-2983
Santa Efigênia — Belo Horizonte

O Drama
de Certas Famílias

NADA mais belo, mais admirável, mais santo mesmo, que uma família cristãmente unida. Todos se estimam, se ajudam, se querem. Poderá haver desavenças, rusgas, desajustes. Mas a caridade cristã tudo reajusta, tudo ameniza, tudo restaura na paz e no amor. Outras famílias, há, porém, nas quais reina a discórdia, as incompatibilidades crescem em ódio as paixões e egoísmos se entrecrocaram e a vida em comum se torna um verdadeiro suplício, um verdadeiro inferno para as almas mais sensíveis, que se vêem forçadas a viver numa atmosfera, num ambiente no qual se rarefez aquele oxigênio de amor e compreensão, verdadeiramente vital para a saúde espiritual de cada um.

Os romancistas têm descrito com realismo e agudeza esses ambientes familiares donde desertou o amor, onde as paixões se avolumam monstruosamente e o ódio resseca todas as fontes de ternura e de amor. O drama dessas famílias torna-se maior pelo fato de viverem em comum, sob o mesmo teto, criaturas de gênios e temperamentos muitas vezes antagônicos, o que aumenta as ocasiões de atritos, de choques, de brigas mesmo. Essas discórdias vão desde simples gostos e preferências até a níveis mais altos de antagonismo religioso. Se nas inimizades e antipatias com estranhos há o recurso de evitá-los, de não conviver com eles, de fugir a encontros desagradáveis, no caso das famílias a convivência forçada gera novos atritos, acidula cada vez mais o que naqueles outros casos, seria

um passageiro aborrecimento. Ah! os ódios familiares! Como se envenenam, como se gangrenam, como tornam a vida em comum um inferno de todas as horas! Não há pior inferno que o de um lar devastado pelas incompreensões e antipatias, pelos despeitos e pelos rancores!

Tive uma amostra duma dessas situações de lar desunido que vem a tornar-se um lugar de sofrimento e de torturas para um de seus moradores, na carta que me escreveu «Uma luz que se apaga», moça que se sente naufragar dentro dum lar onde a discórdia começa com a diferença de religião e acaba num antagonismo terrível, entre mãe e filha. Incompreendida, zombada, contrariada nos seus desejos e nos seus anseios, a minha consulente debate-se cotidianamente numa atmosfera irrespirável e pede-me um conselho.

O problema não é fácil de resolver. Mesmo porque careço de informações maiores sobre o próprio temperamento da consulente. Até que ponto seu temperamento, suas respostas, suas atitudes concorrem também para aumentar a discórdia e a incompreensão? Muitas das incompreensões que se geram entre pais e filhos podem ser resolvidas se, de parte a parte, há um mínimo de boa vontade, e o desejo de dominar certo orgulho, certo egoísmo, certa rebeldia que são tantas vezes a causa das desavenças e dos mal-entendidos. Dado, porém, que «Luz que se apaga» seja realmente uma

vítima de seu gênio tímido, submisso, para o seu caso vejo apenas duas soluções, sendo uma terceira, a de uma modificação total no seu lar, quase impossível de realizar-se, pois os adultos não mudam com facilidade seus modos de ser e de agir.

Quando no seu caso, o ambiente do lar se torna de tal modo irrespirável que até mesmo a saúde da alma possa ser atingida, levando a atos de desespero, o caminho a seguir é abandonar esse lar. Sendo já maior, a consulente poderia conseguir um emprego, a fim de manter-se fora do lar o maior tempo possível, diminuindo assim as ocasiões de atritos. Ou mudar mesmo de cidade, indo para outro lugar, onde pudesse viver vida nova, num pensionato de jovens, num colégio ou numa casa de parentes e amigos. Outra solução seria o casamento. Louvo a minha consulente quando censura certos moços ousados que exigem demasiadas concessões amorosas de suas amadas. Mas há por aí muito moço direito, muito homem maduro que deseja justamente encontrar uma moça séria e ajuizada para formar o seu lar. A minha consulente trate de descobrir um assim, amá-lo e com ele casar-se. Seu problema estará resolvido. Sei que a solução não é fácil, mas com perseverança, com tenacidade, com sacrifício e oração, um caminho se abrirá para a felicidade. Deus atenderá aquela que já sofre por Ele, pela fidelidade com que mantém os ditames de sua religião. Rezar e esperar, num caso difícil como o seu, é o melhor conselho que lhe posso dar. — Maria Madalena.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

A. M. S. — Marília — Minha jovem amiga: seu caso é mesmo de muita timidez. Se é bela, educada, religiosa, séria, não vejo motivo para desesperar. Na sua idade, deve enfrentar os problemas de sua vida com decisão. Seu temperamento de tímida só poderá atrapalhá-la. Leia bons livros de psicologia prática, que lhe ensinam a dominar sua timidez. Há mesmo livros que ensinam a vencer a timidez. Torne-se mais sociável, mais cordial, mais acessível e verá que não lhe fal-

tarão candidatos e poderá você realizar a sua vocação que deve ser mesmo a de formar um lar. A leitura de livros sérios sobre o problema sexual, como, por exemplo, os do Padre Alvaro Negromonte, ajudá-la-ão bastante a uma orientação segura e a es-

clarecer dúvidas e ignorância que possa ter a respeito de certos assuntos.

CONSULENTE DE CAMBÉ — Paraná — Não mantemos, nesta seção, correspondência direta com os consulentes. Razão pela qual não podemos responder à sua consulta a não ser nestas colunas. Contudo, posso dizer-lhe que, no seu caso, o melhor mesmo seria procurar outra moça e esquecer a primeira. Um amor cura-se com outro.

O QUÊ? LAVAR SEM SABÃO?

Sim! A alvura que só OMO dá torna o sabão antiquado!

É miraculosa – a potência de limpeza de OMO!

SABE POR QUE? É que OMO penetra fundo no tecido, onde o sabão não consegue alcançar.

Trabalhando como um imã, OMO puxa de cada fio todas as partículas de sujeira. Por isso, V. não precisa esfregar tanto. É só enxaguar uma vez; toda a sujeira fica na água do tanque → nada na roupa.

Seus lençóis, fronhas, enfim, toda sua roupa grande terá uma alvura jamais conseguida com sabão... e a roupa durará muito mais.

E tudo isso, sem quicar e usar alvejantes, pois OMO lava, quara, alveja e dá brilho, de uma só vez.

Duvida? Experimente OMO uma vez — V. nunca mais usará sabão!

FAÇA ESTA PROVA!



Lave com OMO sua roupa já lavada com sabão. Veja como fica muito mais alva, muito mais limpa!



Use **OMO** — o “milagre azul” usado em todo o mundo pelas donas-de-casa modernas!



FOTOS e LEGENDAS

A «JULES RIMET» EM BELO HORIZONTE



Também os belo-horizontinos tiveram oportunidade de ver a Taça "Jules Rimet", que veio até nós, conduzida pelos representantes da Confederação Brasileira de Desportos, Srs. Mozart Di Giorgio e Canor Simões Coelho. A senhorita Denise Guimarães Prado (foto), em nome dos habitantes da cidade, recebeu o valioso troféu, que esteve exposto, para apreciação do povo mineiro, em vitrinas e agências de jornais.



AS MISSES NO MINISTÉRIO

Quando de sua estada em terras brasileiras, a senhorita Luz Marina Zuluaga, Miss Universo, foi apresentada ao ministro Clóvis Salgado, numa recepção a que compareceram, entre outras pessoas, a Srª Lia Salgado, esposa do titular da pasta, e o

Reitor Pedro Calmon. Miss Universo, que compareceu à reunião, acompanhada da senhorita Adalgisa Colombo, foi portadora de um convite para que o prof. Clóvis Salgado assista ao Festival do Folclore a realizar-se brevemente na Colômbia.



ORQUÍDEAS

Como vem acontecendo todos os anos, a Sociedade Orquidófila de Belo Horizonte, que acaba de completar 9 anos de existência, promoveu em dias do mês de outubro uma aplaudida exposição de orquídeas. A mostra, que reuniu mais de dez mil flôres, apresentadas por cerca de 43 sócios, constituiu-se num acontecimento repleto de beleza, tendo sido muito visitada. Depois de um julgamento, que não foi fácil, devido à alta qualidade geral das plantas expostas, foram conferidos prêmios aos exemplares mais notáveis. Os membros da Comissão Julgadora (à direita), examinam uma "Braço-cattlea Francinetti". Na outra foto, o espécime premiado, propriedade do Sr. Antônio Hermeto.



ÊLE GUARDOU O PAPA

Com as primeiras notícias da grave enfermidade e, posteriormente, da morte de Pio XII, o Sr. Traggiano Luchesi (foto), natural da cidade italiana de Lucca, e hoje residente no bairro belo-horizontino do Prado, teve particulares motivos para tornar-se apreensivo. Tendo servido ao Vaticano, desde quando Eugênio Pacelli era simples cardeal, êle testemunhou alguns dos maiores momentos do reinado do grande papa, a quem teve a honra de conhecer de perto. Traggiano entrou para a Guarda Pontificia em 1930 e, depois de vinte e cinco anos prestados à corporação, aposentou-se. Agora, vive tranqüilamente em Belo Horizonte, onde vai cuidando de seu jardim, enquanto recorda o passado.

ZILAH, A MAIS QUERIDA

Na Academia de Comércio Belo Horizonte realizou-se, recentemente, uma interessante festa, ocasião em que foi eleita a aluna mais querida daquele estabelecimento de ensino. Idealizada e organizada pela Comissão da II Exposição de Arte, entidade estudantil presidida pelo aluno Flávio Ferreira da Silva, a festa obteve o mais absoluto sucesso. A foto mostra o momento em que a aluna mais querida, senhorita Zilah de Souza, proferia seu discurso de agradecimento.



Publicação quinzenal da
Soc. EDITORA ALTEROSA Ltda.
Diretora-gerente : N. M. Castro

NA primavera de 1955, um belo rio, cujas cabeceiras ficam no alto das montanhas ao sul da Califórnia, encheu-se a ponto de inundar todo o seu vale. Crescendo muito, as águas atingiram uma cidadezinha situada no ponto onde aquele rio recebe dois tributários, obrigando todo mundo a fugir para longe.

Pela madrugada, lutando contra as águas e contra o frio, os grupos de socorro puseram-se a trabalhar, recolhendo tudo o que pudessem salvar. Procura daqui, procura dali, verificou-se que quase todos os habitantes haviam sido postos a salvo. Faltava, porém, uma pessoa, um indivíduo chamado Charlie, muito conhecido no lugar, por força dos seus princípios anti-religiosos. Não era homem de ir à igreja assistir aos ofícios dominicais, não acreditava em coisa alguma. Antes, pelo contrário, costumava fazer troça dos fiéis.

O Homem Diante de Deus



Para localizar o ausente, os grupos se espalharam em várias direções, a gritar pelo nome de Charlie. Afinal, quando o dia já começava a clarear, um dos grupos ouviu, vindos de muito longe, gritos em resposta aos chamados. Com o ruído das águas, era difícil acertar a direção de onde vinham, mas, afinal, conseguiram aproximar-se de uma árvore gigantesca. A água subia até a metade do seu tronco e, num dos galhos mais altos, estava o velho Charlie, molhado como um pinto, mas cheio de vida. Em volta, outras árvores haviam sido arrancadas pela correnteza.

Conduzido para lugar seguro, agasalhado e reconfortado, quiseram saber de Charlie como havia passado aquela noite.

— Então, velho ? Enquanto estava lá no alto da árvore, você pensou no seu passado ? Por acaso, pediu a Deus que o salvasse ?

O homem gaguejou um pouco. Afinal, respondeu :

— Exatamente, não. Achei que não daria resultado, pois o Senhor me conhece bem e não haveria de me dar atenção. Mas tenho certeza de que pedi muito a Deus para salvar aquela árvore.
— E. Brooks.

ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Fones : Gerência 2-4251; Redação : 2-0652 — Caixa Postal 279 —
End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO :

Diretor : Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — conj. 503
Fone : 26-1881

REP. EM SÃO PAULO :

Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone : 33-1432.

ASSINATURAS :

2 anos (48 números) .. Cr\$ 400,00
1 ano (24 números) .. Cr\$ 220,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 120,00

Preços para todos os países do continente americano, Portugal e Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços : US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil Cr\$ 10,00
Portugal e Colônias .. Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 15,00

REDACÇÃO : Miranda e Castro, diretor; Neil R. da Silva, secretário.

ARTE : Dounê Rezende Spínola, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

SEÇÕES : André F. de Carvalho, Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Domingos de Lucca Júnior, Garry C. Myers, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessoa Esteves, Stella Marina, Temple Manning.

FOTOGRAFIAS : Augusto Cardoso, Dario Carrera Justo, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Nivaldo Corrêa, Camera Press, INP, Keystone, Reuter e Transworld.

CORRESPONDENTES : Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood, Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.

...encontro
com os entes
queridos



...novos clientes,
melhores
negócios



...férias
bem
aproveitadas



credi *Lóide*

**passagens aéreas a crédito
longo prazo-nenhum acréscimo**

Viajando na hora certa você aproveita os melhores momentos da vida e utilizando o Credi-Lóide, novo sistema de venda de passagens a crédito do Lóide Aéreo, você viajará a qualquer lugar do Brasil no momento que precisar, com a maior facilidade e sem outras preocupações.



— peça
informações na agência do



Lóide Aéreo

RUA GOIÁS, 65 — ESQ. DE BAHIA
FONE 2-0372 — B. HORIZONTE

Ofereça neste

O PRESENTE MAIS

— e aproveite a nossa oferta especial, recebendo,
um magnífico livro

BOAS - FESTAS
COM BOA LEITURA

APROVEITE agora esta oferta especial, que valoriza ainda mais o tradicional Plano de Festas de ALTEROSA — o presente mais desejado, em todo o Brasil. Ofereça um presente e ganhe outro, pois cada assinatura (anual ou bienal) que Você tomar dar-lhe-á direito a um esplêndido livro, a escolher entre os melhores lançamentos da Companhia Editora Nacional.

E' a oportunidade que Você tem de matar dois coelhos de uma só cajadada, resolvendo (muito bem) o problema de dar presentes, e ganhando, ao mesmo tempo, livros da melhor qualidade, à

A SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — MG

Junto a este a importância de Cr\$, para pagamento de uma assinatura de ALTEROSA, que desejo oferecer, como presente de Festas, a :

NOME :

RUA E Nº :

CIDADE : ESTADO :

Oferta de :

Residente à Rua

Cidade : Estado :

LIVROS PREFERIDOS :

As assinaturas para presentes de Festas têm início com a edição da primeira quinzena de dezembro. E lembre-se: a oferta especial de livros grátis vigora somente até 31 de dezembro!

Natal

DESEJADO

inteiramente GRÁTIS,
à sua escolha.

sua escolha na lista que acompanha esta mensagem.

Uma assinatura de ALTEROSA é um presente que todos apreciam, porque agrada a toda a família, porque se renova a cada quinzena, tornando o seu nome lembrado, com reconhecimento, durante um ou dois anos. E Você não pode encontrar presente tão útil, tão agradável e, ao mesmo tempo, de preço tão módico.

E veja como é fácil oferecer assinaturas de ALTEROSA, neste fim de ano, ganhando, ao mesmo tempo, excelentes livros: basta preencher o cupom que figura nesta mensagem, e enviá-lo, com a importância da assinatura desejada (Cr\$ 400,00 para 2 anos, ou Cr\$ 220,00 para 1 ano), em cheque bancário ou vale postal, para receber, pela volta do Correio, o livro de sua preferência; à pessoa contemplada, será remetido um bonito cartão de Boas-Festas, a cores, anunciando o seu presente, juntamente com o exemplar de ALTEROSA que dá início à assinatura. Se quiser oferecer mais de uma, envie, em lugar do cupom, uma relação das pessoas presenteadas, com os respectivos endereços, completos, juntamente com o seu, para a remessa dos livros que escolher.

Escolha os livros de sua preferência

APRESENTAMOS aqui a relação dos títulos selecionados entre as melhores coleções da conceituada Cia. Editora Nacional, para oferta GRÁTIS aos tomadores de assinaturas de ALTEROSA, para presentes de Festas. São livros de autores de fama mundial, com magnífica apresentação gráfica, em traduções esmeradas, dignos de figurar em qualquer biblioteca.

Cada assinatura bienal (Cr\$ 400,00) que Você oferecer dar-lhe-á direito a um dos livros relacionados na lista «Assinaturas Bienais»; cada assinatura anual (Cr\$ 220,00) oferecida dar-lhe-á direito a um dos livros constantes da relação para «Assinaturas Anuais».

ASSINATURAS BIENAIS

PARA ADULTOS: A Formação da Mentalidade, de J. H. Robinson; Um Espírito que se Achou a Si Mesmo, de C. W. Beers; O Mar que Nos Cerca, de R. L. Carson; História da França, de André Maurois; 1924 — A Revolução de Isidoro, de N. T. Oliveira; e A Rússia Vista por um Médico Brasileiro, de R. R. da Silva.

PARA A JUVENTUDE: Aventuras de Xisto, de L. M. Almeida; História do Brasil para Crianças, de Viriato Corrêa; Pinocchio, de C. Collodi; A Bandeira das Esmeraldas, de Viriato Corrêa; Os Grandes Homens da Ciência, de G. Wilson; e Contos Maravilhosos do Brasil, de T. M. Santos.

ASSINATURAS ANUAIS

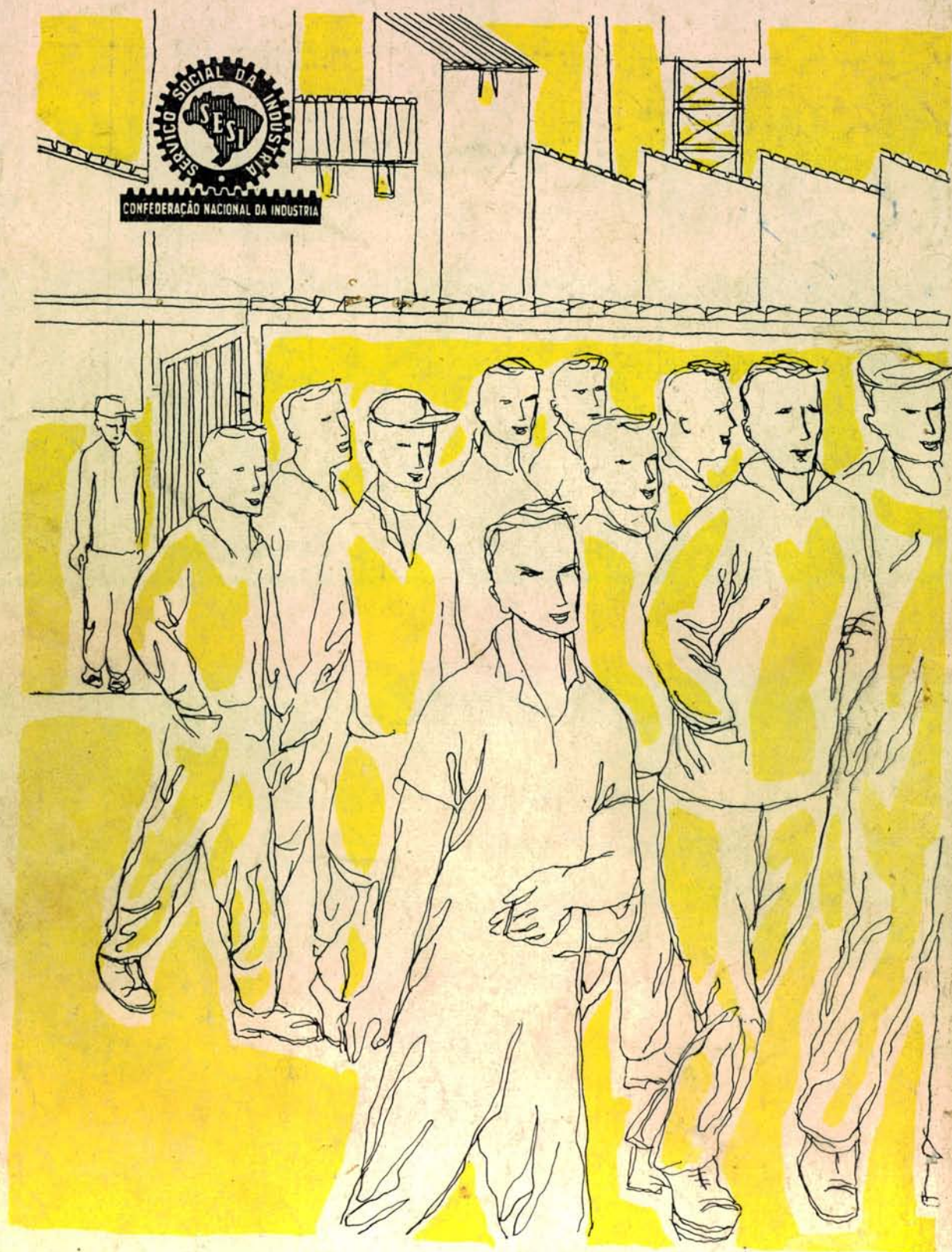
PARA ADULTOS: Nos Domínios da Ciência, de W. Kaempffert; Moby Dick, de H. Melville; 1984, de G. Orwell; A Sabedoria do Corpo, de W. B. Cannon; História dos Estados Unidos, de André Maurois; Base da Alimentação Racional, de D. Costa; Lenine, de D. Shub; Por que Morreu Jesus?, de P. V. Passen; Mágica em Garrafas, de M. Silverman; Memórias, de André Maurois; Psicanálise e Religião, de E. Fromm; O Caminho da Sobrevivência, de W. Vogt; e O Casamento e a Moral, de Bertrand Russell.

PARA MOÇAS: Serenata, de M. Reed; Foi o Destino, de M. Dely; Casada por Dinheiro, de C. Merrel; Cinzas do Passado, de M. Reed; O Homem e o Momento, de E. Glyn; Amor pelo Telefone, de F. L. Barclay; Pollyana Moça, de E. H. Porter; Vencido!, de M. Dely; Os Dois Amores, de H. Ardel; Renúncia ao Amor, de G. D'Houville; Arremessada ao Mundo, de C. M. Brame; O Lírio da Montanha, de M. Dely; A Sétima Miss Brown, de C. Merrel; Apuros de uma Herdeira, de B. Buck; O Marido da Borracheira, de Dyvonne; O Selvagem, de C. Merrel; Tormenta de Amor, de G. Acremant; Cegueira de Amor, de E. Glyn; A Cascata Rubra, de M. Dely; Longe dos Olhos, de H. Ardel; O Querido Inimigo, de J. Webster; Um Sonho que Viveu, de M. Dely; Paixão e Sangue, de M. B. Lowdes; A Outra Mulher, de I. Moore; e Fuga Para o Amor, de B. Buck.

PARA A JUVENTUDE: Uma Aventura no México, de M. Reid; As Belas Histórias da História do Brasil, de Viriato Corrêa; Meu Torrão, de Viriato Corrêa; O Gavião do Mar, de Rafael Sabatini; O Feiticeiro do Deserto, de E. M. Hull; A Macacada, de Viriato Corrêa; Beau Geste, de P. C. Wren; O Capitão Blood, de Rafael Sabatini; Scaramouche, de Rafael Sabatini; A Cativa do Saara, de E. M. Hull; O Lobo do Mar, de Jack London; Ella, de H. R. Haggard; Lendas e Mitos do Brasil, de T. M. Santos; e Contos Cívicos do Brasil, de T. M. Santos.

IMPORTANTE:

Não indique apenas um livro. Mande uma lista de cinco livros, na ordem de sua preferência, pois é possível que se esgotem os estoques de alguns títulos, em virtude da grande procura.



o SESI nasceu do desejo de um futuro melhor aos que labutam na Indústria

O Violino do Diabo

Continuação

— Olhem, está dançando, olhem, nas duas pernas.

— Está bem, agora, o espetáculo acabou — disse o velho. — E' hora de fechar e preparar para minha velha uma xícara de chocolate. Venham mais tarde, vocês todos. Compre seus jornais de Lili, a mais elegante cadela deste lado do Oder-Neisse.

Lúcia ouviu um estalido, quando o balcão foi empurrado para dentro da parede, tapando a luz. Uma porta que se fechava fez rumor e um cadeado estalou. Houve silêncio. Contou até cinquenta antes de abrir a cortina. Onde as tábuas de madeira não se encontravam, no canto do quiosque havia uma fresta de luz azul-escura.

Arrastou-se sobre os joelhos até o canto. O fundo de sua gar-

ganda sabia a moedas de cobre. Não ousava dominar-se pela náusea... não havia bastante ar e ficaria mais nauseada. Miss Mars era distraída. Miss Mars talvez não desse pela sua ausência.

Esse pensamento era como uma corda enrolando-se em infundáveis nós em torno de seus braços e pernas. Lembrar-se-ia de alguma coisa gostosa: o cheiro de talharim feito em casa, a Sr^a Pietsch levando-a para a cama, de noite, com um «Boa-noite, durma bem, tenha bom sonho de açúcar, de erva-doce e pés de leitão». Lembrar-se-ia dos passos de seu pai no caminho encascalhado. «Hei, Lu-Lúcia». Ele sempre a chamava de Lu-Lúcia, quando seu estômago não lhe doía. Haveria de descobri-la direitinho. Chamaria os

tanques do Acampamento Turner, os soldados com os rádios portáteis nas costas e os M.P. Poderia mesmo chamar o General. Vira o General uma vez, numa parada. Parecia a figura de Robert E. Lee, no seu livro de história, com a diferença de estar montado num jipe em vez de num cavalo.

Estava ficando mais frio. Tremeu um pouco, afundando os polegares sobre as pálpebras até que foguetes vermelhos encheram-se e estouraram. O cavalo branco com bela cauda feito uma pluma galoparia pela ponte, os cascos reboando ao passar pelos maciços de árvores até o quiosque de jornais. E quando abrisse os olhos de novo, o príncipe estaria chamando, num tom claro como um sino: «Hei, Lu-Lúcia».

(Conclui no próximo número)

★ ★ ★

Sua Obra está Consagrada

Conclusão da pag. 51

imigrantes que se dirigiram para o noroeste dos Estados Unidos. Esse foi o único trabalho em que seu marido colaborou.

A maior tarefa que recebeu, segundo suas próprias palavras, foi a de desenhar a medalha do centenário da Sociedade Americana de Numismática, que transcorre este ano. A Sr^a Fraser

procurou, nesse trabalho, simbolizar a natureza do processo de moldagem de medalhas, bem como a evolução dessa arte, desde os tempos primitivos até a idade atômica. Em seu desenho, apresentou um homem partindo uma rocha, em cuja metade está um animal completamente fossilizado e na outra metade, o

negativo da figura do animal, como se fôsse um modelo.

Atualmente, a Sr^a Fraser trabalha num monumental baixorrelê sobre a história dos Estados Unidos, projeto por ela idealizado, ainda em 1935, e ao qual só recentemente pôde dedicar a maior parte do seu tempo.

★ ★ ★

A Volta de Courteline

GEORGE Courteline foi um dos escritores franceses que, mesmo depois da morte, continuaram a ser queridos e admirados pelos leitores. A confirmação disto vem deste fato emocionante, que se deu por ocasião da guerra entre a França e a Alemanha.

O busto de Courteline — obra do escultor Bonnetau — fôra colocado numa praça da Avenida Saint Mandé, mas sua esposa não podia visitá-lo. Israelita, obrigada portanto ao porte da braceira com a estrela amarela, não tinha acesso aos jardins públicos e, conquanto fôsse seu desejo entrar na praça que tinha o seu nome e sentar-se ao pé do monumento do seu marido, limitava-se tão-somente a enviar-lhe

cada manhã, de sua janela, um triste bom-dia. Mas até isto lhe seria tirado, pois o inimigo resolvera recuperar todo o bronze empregado na confecção de bustos e estátuas, e o de Courteline, por certo não seria poupado. E numa manhã de 1943, a Sr^a Courteline viu, com grande tristeza, que a cara lembrança que lhe restava estava sendo conduzida para a casa de fundição. Por detrás das cortinas, deu um último adeus ao busto do esposo e num ímpeto de desespero, maldisse aqueles homens que estavam tão-somente cumprindo ordens.

Mas deu-se o fato inesperado.

Os encarregados da tarefa reconheceram o grande escritor e lembraram-se de o haverem lido ou assistido à encenação de suas

peças. E então, todos, em comum acordo, decidiram preservar o seu busto. Colocaram-no em um pátio, sob um montão de ferros velhos, e ele passou despercebido aos alemães.

Durante um ano, o fato ficou em segredo absoluto. Nem mesmo a Sr^a Courteline dele tomara conhecimento, até que, depois da guerra, quando os últimos chefes nazistas já se haviam retirado e a paz voltava a reinar, trazendo-lhe a liberdade, vira, com grande espanto e alegria, os mesmos homens colocarem o busto querido no mesmo lugar. Assim, sem pompa, sem música e sem discurso mas com uma grande dose de simpatia, de amizade e de reconhecimento, George Courteline voltou ao seu lugar de honra.

○ GRANDE fujão profissional — Harry Houdini — estava acostumado a abalar o mundo inteiro com as fugas verdadeiramente espetaculares que empreendia. Era difícil encontrar algemas, celas e cárceres, que resistissem à sua magia. Entretanto, houve vezes, ainda que poucas, em que Houdini quase teve a sua fuga frustrada. Uma delas, e que se tornou vivamente interessante, pelas circunstâncias do seu desfecho — teve lugar em uma pequena cidade da Escócia.

Depois de o grande artista ter sido desarmado, revistado e algemado, foi lançado no fundo de uma cela, por um velho carcereiro, que, depois de verificar que tudo ia bem, retirou-se tranquilamente.

Assim que se viu a sós, Houdini não perdeu tempo. Com a habilidade que lhe era peculiar, livrou-se imediatamente dos grilhões, que o incomodavam e voltou as vistas para a fechadura da porta. Tentou abri-la de todas as maneiras possíveis e nada! A fechadura não cedia um milímetro sequer! Novas tentativas e investidas, resultando sempre em fracasso.

Finalmente, exausto, banhado em suor e dando-se por vencido, Houdini encostou-se na porta da cela e esta se abriu, sem a menor dificuldade. Foi então que ele verificou que o astuto carcereiro se esquecera de trancá-la.

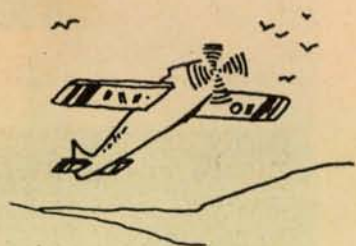
★ ★ ★

Mais Uma Prova!

TENDO verificado que as donas de casa quase não liam as publicações que lhes eram enviadas a domicílio, uma casa de artigos elétricos francesa, recorreu a um inteligente ardil que, além de estar dando ótimos resultados, comprova mais uma vez o quanto as mulheres são curiosas.

A casa continuou enviando os folhetos de propaganda dos seus artigos, mas em envelopes fechados e endereçados não às donas de casa, mas aos seus maridos, contendo ainda a recomendação «pessoal», em letras de fôrma.

Levadas pela curiosidade irresistível, as ilustres madames não se sentiam em paz, enquanto não liam o conteúdo do envelope.



Os primeiros nos céus

DESDE que Santos Dumont deu asas ao mundo, o progresso da aviação tem decorrido vertiginosamente, numa superação de tudo quanto, ainda ontem, se fizera. No teste abaixo, o leitor, mesmo não sendo adepto de assuntos aeronáuticos, encontrará perguntas a que saberá dar resposta, por versarem façanhas aviatórias popularizadas pelas notícias internacionais. De resto, as perguntas têm algo de instrutivo, que compensará os esforços por respondê-las. Veja qual dos nomes introduzidos por letras — a, b, c — responde certo à questão colocada após um algarismo. O resultado do teste encontra-se na página 102.

1 — O primeiro combate aéreo registrado na história foi algo cômico. Os pilotos trocaram tiros de pistola e fuzil, sem maiores vítimas. Durante qual guerra isso se verificou? a) Guerra da Criméia; b) Revolução Bolchevista; c) Primeira Guerra Mundial?

2 — O primeiro helicóptero operacional foi obra de Heinrich K. J. Focke, mas a invenção do aparelho coube, em 1909, a um russo, também construtor do primeiro avião de vários motores. Qual o seu nome? a) Igor I. Sikorski; b) Konstantin Groushenko; c) Ivan Soblewski.

3 — Em 1926 fez o primeiro voo ao Pólo Norte, e em 1929 a primeira viagem aérea ao Pólo Sul. Falecido recentemente era americano, e notabilizou-se por suas explorações polares. Como se chamava? a) James H. Doolittle; b) Richard E. Byrd; c) Clarence Darrow.

4 — Não só o homem, como também a mulher brasileira, tem se revelado hábil e diligente em aprender todas as técnicas aeronáuticas. Por falar nisso, você sabe o nome da primeira aviadora nossa pátria? a) Nair de Tefé; b) Piedade Coutinho; c) Alda Rogato.

5 — Já desceu as profundezas do mar, e estabeleceu recordes subindo no espaço. Cientista dos mais dotados, foi autor do primeiro voo à estratosfera. Chama-se Auguste, mas Auguste de quê? a) Jacquard; b) Fauré; c) Piccard.

6 — Grande aviador, tema do filme "A Águia Solitária". Seu filho foi vítima de um dos mais sensacionais raptos de todos os tempos. Chama-se Charles Augustus Lindbergh. Qual a sua grande façanha aeronáutica? a) Primeiro voo transatlântico, de um só piloto; b) Recorde de permanência no ar; c) Voo sem escalas Tóquio-S. Francisco.

7 — O primeiro homem a realizar um voo com aeronave à propulsão com foguetes (em 1929) chamava-se Fritz von Opel e era fabricante de automóveis. Pelo nome, você saberá dizer qual a sua nacionalidade? a) Suíça; b) Alemã; c) Austríaca.

8 — O primeiro voo cego, dirigido por instrumentos, sucedeu em setembro de 1929, na América do Norte. O piloto que o fez é, até hoje, herói da aviação americana. Como se chama? a) James H. Doolittle; b) John Medaris; c) William Thomas.



Don Camilo nas barras da lei

Dois dos maiores atores cômicos do mundo, foram reunidos pela primeira vez por Christian-Jaque no filme «La Loi C'Est la Loi». Fernandel, no papel de um funcionário aduaneiro, será o bode expiatório de algumas complicações administrativas. Totó, contrabandista inveterado, sofrerá também as consequências da malsinada aventura.



CÂMARA UM

Mesmo em seu camarim cinematográfico Julie London não parece uma estrela de cinema. Com grandes olhos e longos cabelos de criança, ela mais se assemelha com Alice no País das Maravilhas — uma Alice levemente desiludida e um pouco mais idosa, que nem sempre dorme o bastante e consome um número excessivo de cigarros — mas ainda assim uma Alice que foi alternadamente grande, pequena, pequena, grande, nas rápidas e loucas mudanças da fortuna.

Julie era uma pequena Alice no verão de 1953, quando Jack Webb saiu de sua vida, e o País das Maravilhas que o amor havia construído cessou de ser maravilhoso. «O divórcio, em novembro de 1953 foi um grande choque — disse — meus pais estavam tão satisfeitos e eu jamais tinha pensado em divórcio. Mas este tempo vai longe. Para que ressuscitar o passado? Para que fazer Jack infeliz... ou eu?»

Hoje, Julie London é uma grande Alice, com larga bagagem de sucessos e ocupada em três novos filmes: «Saddle the Wind» (já realizado), «Voice in the Mirror», «My Strange Affairs» — e o quarto, «Man Of The West»; neste último, aparecendo ao lado de Gary Cooper. Mas o primeiro dia de cada novo filme é ainda a zero hora, apesar de ninguém ameaçar sua posição e de ela não precisar de lutar tanto por um papel, como fazia nos primeiros tempos. É uma estrela em pleno cartaz e caminha a passos largos para a consagração definitiva.

Quando criança, em São Bernardino, Julie era uma menina sonhadora que não gostava muito de estudar nem de brincar com as co-

legas. Seus pais, os cantores Josephine e Jack Peck, faziam na época um programa de rádio, transmitido diretamente do Hotel Califórnia. Vivendo no meio de artistas, músicos principalmente, tinha boas razões para se tornar cantora e abraçar de corpo e alma a carreira artística. Tinha uma única amiga: Carolina Woods, sua atual secretária. É ainda Carolina quem diz: «Julie era uma menina quieta e sossegada, sem muita confiança em si. Vivia escrevendo poesias e contos, e raramente ia ao cinema ou a festas».

Desejando viver por sua própria conta, depois de obter a permissão dos pais, Julie London deixou a escola e partiu um dia para Los Angeles, a fim de trabalhar e vencer no cinema.



Uma Sósia de Tônia Carrero

Lita Milan, a irrequieta mexicana de Hollywood, que recentemente ocupou o noticiário internacional por seus passeios no iate de Trujillo Júnior, tem exercido grande atividade nos estúdios da Allied, onde terminou a filmagem de duas películas. No filme «Nunca Ames Um Estranho», no qual faz o papel de uma cantora de night-club, Lita Milan tem como partner o jovem galã John Drew Barrymore, ilustre descendente de uma família célebre de grandes artistas. Lita Milan aparece na foto numa cena da produção de Harold Robbins, lembrando um pouco a nossa grande estrela Tônia Carrero. Observem atentamente e notem a semelhança...

● Notícias vindas de Paris dizem que L. Soriano, diretor do Grupo de Filmologia da Sorbonne, tem feito no "Club d'Essai" da Televisão Francesa interessantes experiências com o chamado cinema abstrato. A nova forma de projeção desperta grande interesse entre os estudiosos da sétima arte.

● Denise Vernac será a esposa de um multimilionário na película "Les Noces Vénitienes", que o cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti programou para breve. Denise será, além disso, parceira e rival de Martine Carol, nesse filme que Cavalcanti pretende realizar utilizando cenários naturais da cidade dos doges.

● Alguns representantes da raça canina passaram à imortalidade graças ao cinema; tal é o caso do famoso Rin-Tin-Tin. Agora chegou a vez de Dolores, que em "A Ponte do Destino" (Across the Bridge), filme da Organização Rank, desempenha um papel de primeira grandeza. Dorothy Hope, esposa do produtor John Stottford, pensa até em escrever um livro sobre a cadelinha.

● A "première" de "Nathalie", o mais recente filme de Christian-Jaque e Martine Carol (foto), se realizou de maneira inusitada, isto é, em pleno céu... na tela reduzida de um avião DC-7C. Para isso foi feita uma cópia



CINE - TÓPICOS

em 16 mm. E' a primeira vez que se realiza uma apresentação destas, mas pelo sucesso publicitário alcançado pela realização de Christian-Jaque, é de se supor que outros sigam as mesmas pegadas... aéreas.

● O célebre escritor Erich Maria Remarque, que tem mais o hábito de receber cartas de fãs do que de escrevê-las, pela primeira vez em sua vida enviou um telegrama de já para uma estrela cinematográfica, quando telegrafou congratulando-se com Lieselotte Pulver, na sua cidade natal, (Berna, Suíça), pela sua maravilhosa performance em "Amar e Morrer". O filme é uma versão cinematográfica do "best-seller" de Remarque "A

Time to Love and a Time to Die". A película que assinala também a estréia de Remarque como ator, foi inteiramente filmada na Alemanha pela Universal International, com John Gavin atuando ao lado de Miss Pulver.

● Propaganda americana do filme francês "Et Dieu Crea la Femme": "E Deus Criou a Mulher"... mas o diabo inventou Brigitte Bardot.

● Os exteriores da produção nacional "Estranho Encontro" foram filmados inteiramente em Interlagos, nos arredores de São Paulo, na mansão do casal Warren. Os interiores foram construídos nos grandes palcos da Vera Cruz, sob desenho e decoração de Pierino Massensi, que já assinou numerosas produções da Vera Cruz.

● Tendo obtido retumbante sucesso com "Ascenseur pour L'Echafaud", Louis Malle já se prepara para um segundo empreendimento: "Point de Landemain". Trata-se de um grande plano do produtor francês. Sem abandonar a realização cinematográfica, Louis Malle pretende também levar à cena teatral uma peça de Ionesco, cujo tema e título ainda são mantidos em segredo.

● Mais um romance de Georges Simenon. O vigésimo sexto, será transportado para a tela proximamente. Trata-se de obra "L'Ane Rouge", cuja realização caberá a Edouard Molinaro.

Rostos Familiares

Rock Hudson foi designado recentemente para interpretar o principal papel masculino de «This Earth Is Mine», sob a direção de Henry King e que será uma das maiores produções a serem realizadas no corrente ano pela Universal-International, em conjunto com a Vintage Productions. A película será realizada em cores e em Cinemascope, sendo que o «screenplay», baseado na novela de Alice Tisdale Hobart, «The Cup and The Sword», foi escrito por Casey Robinson. Esta é a segunda vez que a dupla King e Robinson se reúne, tendo antes trabalhado junto em «As Neves de Kilimanjaro». Será também a primeira película a ser dirigida por King, fora da

20th. Century Fox, desde que ele assinou um contrato com aquela produtora há mais de vinte anos atrás.

Tendo como cenário o famoso Napa Valley, situado na Califórnia, «This Earth Is Mine», narra a história de uma família que sempre foi rica e poderosa devido ao seu imenso vinhedo.

Na foto, durante uma das poucas visitas de sua esposa aos estúdios da Universal-International, Rock Hudson apresenta-a aos seus coprotagonistas, Lauren Bacall e Robert Stack, quando da realização de «Palavras ao Vento».





GEORGES SIMENON

inspira três películas francesas

Georges Simenon e seu amigo Gabin seguem os passos do comissário Maigret, durante a filmagem de «Maigret Tend un Piège», película realizada por Jean Dellanoy.

S O' em 1958, três novas películas francesas foram inspiradas na vasta obra literária de Georges Simenon. São elas: «Passager clandestin» (realização de Ralph Habib, tendo Martine Carol como protagonista); «Maigret Tend un Piège» (da Intermondia Film, com Jean Gabin); e «En Cas de Malheur» (aparecendo Jean Gabin, Edwige Feuillère e Brigitte Bardot, nos principais papéis).

Pode-se dizer, que, a partir de 1932, data em que pela primeira vez um de seus livros — «La Tête d'un Homme» — foi convertido em filme, não passou um só ano, sem que algum de seus livros não tenha inspirado alguma película policial. Quando se pergunta a Georges Simenon quantos livros escreveu e quantos filmes já assinou até hoje, ele hesita: «Creio haver escrito, sob meu nome (levando-se em conta que, antes de 1928, tinha escrito numerosas novelas com diferentes pseudônimos), cerca de cento e sessenta e seis novelas. Den-



Em «En Cas de Malheur», o novo celulóide de Claude Autant-Lara, Jean Gabin encarna um advogado célebre a quem a beleza de Brigitte Bardot fêz perder a cabeça.



Martine Carol é a sedutora protagonista de «Passager Clandestin», rodado em Taiti.

Jean Gabin e Annie Girardot estão de novo reunidos no filme de Jean Dellanoy: Maigret.

Jean Gabin faz Jean Dessailly sofrer um violento interrogatório, em «Maigret Tend un Piège».

tre estas, quarenta e sete foram levadas à tela, sem contar os «re-makes». E, destas quarenta e sete películas, muitas alcançaram a celebridade. Basta-nos recordar, além de outras, «La Tête d'un Homme», «La Nuit du Carrefour», «Crime de Monsieur Lange», «Le Voyageur de la Toussaint», «Les Inconnus dans la Maison», «La Verité sur Bébé Donge», «La Marie du Port», «Le Fruit Défendu», «Le Sang à la Tête», etc.

De Raimu a Gabin, passando-se por Michel Simon e Fernandel, por Danielle Darrieux, Martine Carol, Françoise Arnoul e Brigitte Bardot, não existe grande atriz ou ator francês que não tenha interpretado pelo menos um papel extraído dos romances de Simenon. Não obstante, é curioso notar que este extraordinário e fecundo escritor, considerado por André Gide como um dos mais no-



inspira três películas francesas

táveis de nossa época, este homem que se interessa tanto pelo cinema e cujo talento se adapta tão bem à expressão cinematográfica, não tenha nunca tentado escrever diretamente para a tela. «Não saberia escrever uma adaptação — explica Simenon, sorrindo. — Uma adaptação é antes de tudo uma história, uma idéia... Todavia, nunca parto de uma idéia ou de uma história, mas sim de um personagem dado. Só acredito nas pessoas... Escrevi adaptação, apenas uma vez na vida. Foi com H. G. Clouzot. A história passava-se num cabaré de «striptease». Afinal, a película não chegou a ser feita. Mas eu aproveitei a matéria para outro romance...»

Perguntado se já sentiu algum interesse pela direção de filmes, Simenon respondeu: «Uma vez, apenas, e há vinte e cinco anos. Estive a ponto de dirigir «La

Tête d'un Homme», mas felizmente, compreendi a tempo que não se podem fazer bem duas coisas ao mesmo tempo e meu amigo Duvivier acabou dirigindo a película».

De todos os personagens concebidos por Simenon, o mais célebre é, sem dúvida, o Inspetor Maigret. A personalidade de Maigret é tão forte que acabou por adquirir vida própria.

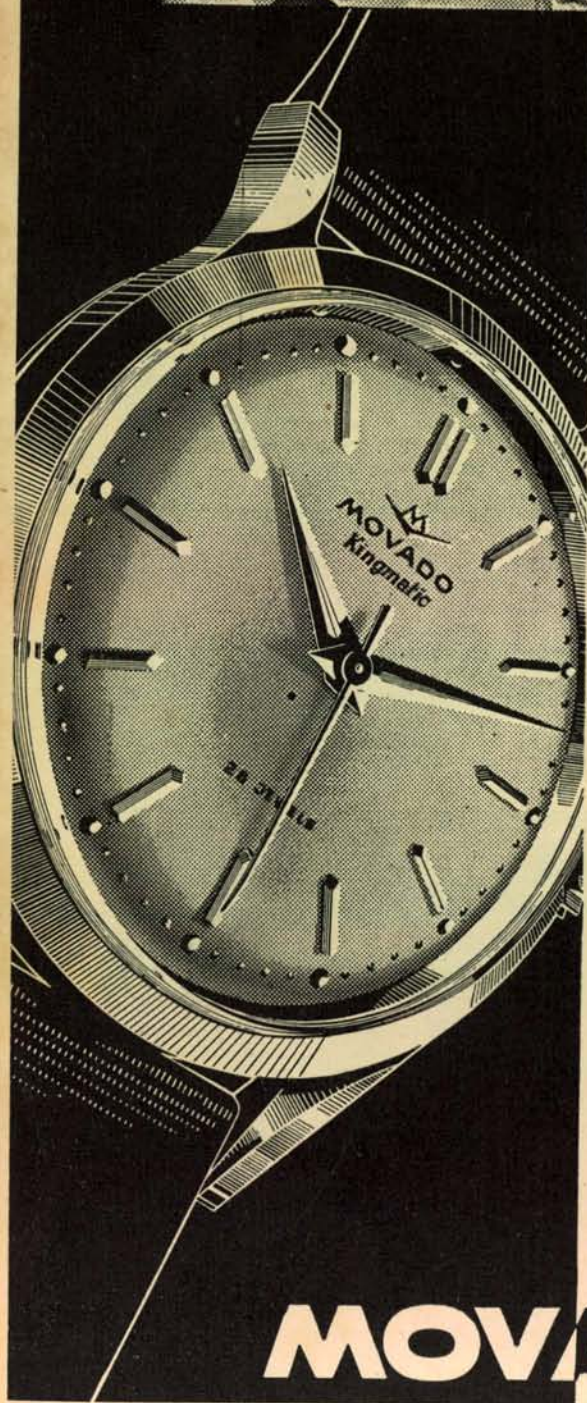
Por exemplo, na Prefeitura de Polícia de Paris, existe o «gabinete do comissário Maigret», e o próprio Simenon traz consigo uma carteira de inspetor de polícia, na qual está consignado, não seu nome mas o nome de Maigret. Um dos mais famosos atores franceses, Harry Baur, foi o primeiro artista a encarnar o notável comissário. Abel Torride, Pierre Renoir, Albert Préjean, Fernand Ledoux, Michel Simon e Charles Laughton sucederam a

Harry Baur na interpretação de Maigret. Hoje, Maigret é Jean Gabin... «Está sensacional neste papel — declara Simenon. — Produz tal alucinação que, a partir d'agora, não poderei ver Maigret a não ser debaixo das feições de Gabin...»

E' ainda Gabin que pontilhará em «En Cas de Malheur» (um dos romances mais prodigiosos de Simenon, talvez a sua obra-prima), mas, desta vez, encarnando não a conhecida personagem, e sim um grande advogado, cuja paixão por uma de suas clientes, «uma pobre juvenzinha de vinte anos» (Brigitte Bardot) levá-lo-ia à ruína e à desonra.

Georges Simenon não quer que se adaptem à tela, mais de três novelas, anualmente. Quando se pensa na extraordinária riqueza de sua obra, não se pode deixar de considerar esta cifra demasiadamente modesta...





Observatório oficial de Neuchâtel, Suíça

Movado mantém o
recorde de precisão
para os quatro
melhores
cronômetros-pulseira
(prêmios de série).

Movado Kingmatic

28 rubís,
super-resistente à
água (com a famosa
caixa "Transat", o
único que atravessou
o Oceano
Atlântico, numa
viagem de ida
e volta, submerso
na água do mar,
sem sofrer nenhum
dano), dupla proteção
contra choques.



MOVADO

ESTABELECIMENTO NOVOBRAS.

Rua Barão de Itapetininga, 151 — Cooj. 53 — Caixa Postal 1334 — S. Paulo

Representante Geral dos relógios MOVADO no Brasil

ALTEROSA

Ato Cavalheiresco

O ESCRITOR H. G. Wells possuía uma cabeça tão grande, que sempre lhe era difícil encontrar um chapéu que lhe servisse. Certa vez, visitando a famosa Universidade de Harvard, ele encontrou um que lhe ajustou como uma luva.

Não obstante a «jóia» pertencer ao então Presidente da Universidade de Cambridge, o Sr. Wells, sem a mínima cerimônia, colocou-a na cabeça, deu mais uma olhadinha no espelho e foi-se todo satisfeito. Mas, de volta à Inglaterra, teve o cuidado de enviar uma cartinha ao presidente, nos seguintes termos: — «Trouxe o seu chapéu comigo, porque gostei muito dele. Terei o máximo cuidado com ele e, todas as vezes que eu o usar, hei de me lembrar do senhor. Despedindo-me, tiro o seu chapéu, respeitosamente».

☆☆☆

Quando Se Tem Muito...

Apesar de empregar milhões nos seus negócios, o velho industrial Henry Ford dificilmente gastava alguma coisa consigo mesmo. Ao sair de casa, pela manhã, nunca se lembrava de levar algum dinheiro, e, já sabendo disso, sua secretária sempre o esperava no escritório com um envelope contendo 200 dólares, para alguma despesa eventual. O velho Ford tomava-o, punha-o no bolso e, durante o dia não se lembrava mais dele. À noite, antes de deitar-se, revistava os bolsos, encontrava o envelope e o colocava ainda fechado dentro de uma gaveta. Por anos a fio, o fato se repetiu. Depois da morte do grande industrial, foram encontradas em sua residência, gavetas cheias desses envelopes.

☆☆☆

• Dê um presente e ganhe outro, oferecendo, neste fim de ano, o presente mais desejado: uma assinatura de ALTEROSA. Você ganha um livro, a escolher entre 65 títulos selecionados, para adultos, jovens e crianças, oferecendo assinaturas de ALTEROSA. Procure conhecer este plano monumental, nas páginas 104 e 105 desta edição.

Belo Horizonte Votou

Conclusão da pag. 101

dem que não havia, e dezenas de residências próximas das seções foram obrigadas a abrir suas portas para atender a senhoras que desmaiavam, moradores distantes que, à tardinha, não se haviam alimentado, a não ser com o café da manhã e um ou outro magro pastel de procedência duvidosa e preços escorchantes.

O próprio TRE acabou reconhecendo, a horas tardias, a impossibilidade de se cumprir a lei, e permitiu que, ainda às 18 horas fôsem recebidos os títulos dos eleitores que não houvessem votado. A notícia, todavia, chegou quando já não era mais possível fazer voltar às seções milhares de eleitores que se haviam retirado, justamente indignados com a mazorca.

Fala-se, agora, em eleições suplementares, para compensar a ausência, registrada por força das circunstâncias. Serviriam, talvez, para consolidar a vitória do Sr. Amintas de Barros, uma vez que os mais prejudicados foram os seus eleitores, residentes em pontos distantes e impossibilitados, por razões várias, de ir em casa a fim de se alimentarem, e depois voltar.

Fala-se também em punições previstas em lei, para os faltosos. Mas, diante desses fatos, será justo aplicá-las?

☆☆☆

EM MINAS, o pronunciamento das urnas veio revelar que, afinal, o eleitorado não mais se conforma com as ordens dos «chefes», e que vota com independência. Não que isso fique provado pela eleição do Sr. Milton Campos (UDN). O ex-governador do Estado desfrutava de um prestígio tão grande que não se pode tomar por base a sua indicação para o Senado como uma tendência dos eleitores. Concorria, porém, com o candidato oficial, Sr. Artur Bernardes Filho, vice-governador do Estado, indicado pelo PR e apoiado pelo PSD, o qual não obstante, não logrou votação considerável nem mesmo nas cidades notoriamente empenhadas com os líderes pessedistas: Diamantina, Pará de Minas e Barbacena, onde «mandam» os Srs. Juscelino Kubitschek, Benedito Valadares e Bias Fortes.

Se cabe a ressalva, no caso do Sr. Milton Campos, já o mesmo não se pode dizer a respeito de outro udenista, o Sr. Pedro Aleixo, com expressiva votação em todo o Estado, garantindo-se uma cadeira na Câmara dos Deputados e garantindo também, ao atual governo, uma boa coleção de discursos oposicionistas. Também pela UDN, foi expressivamente votado, para a Assembléia

Legislativa, o jornalista Euro Luiz Arantes, diretor do semanário «Binômio», que é o único órgão verdadeiramente oposicionista em circulação no Estado. Isso indica, sem nenhuma dúvida, que o eleitor médio não está mesmo satisfeito com o Governo.

Com efeito, as eleições de 3 de outubro assinalaram o descontentamento do eleitorado e o definitivo aniquilamento da coligação situacionista de Minas. O que tudo fica provado com a perda, pelo PSD, em favor da UDN ou do PTB (ou dos dois juntos) de várias prefeituras importantes, como ocorreu em Teófilo Otoni, Oliveira, Divinópolis, Ouro Preto, Poços de Caldas, Bom Despacho, Patos de Minas e numerosos outros municípios. Houve, é claro, casos também numerosos em que se inverteram os termos da questão, ganhando o PSD o que antes não lhe pertencia. Ao que tudo indica, porém, feitos os cálculos fi-

Tenho freqüentemente procurado não rir dos atos humanos, não os lamentar, não os detestar, mas compreendê-los. — Espinoza.

nais, é de se esperar que tenha perdido mais do que ganhou.

☆☆☆

SÃO PAULO deu ao Brasil um exemplo de indiscutível discernimento, elegendo, por esmagadora maioria, o Sr. Carvalho Pinto para os Campos Elíseos. Derrotou os milhões de Ademar e os jipes de propaganda do Sr. Moura Andrade, é bem verdade que com o Governo ao seu lado. No caso, deve o governador Jânio Quadros ter raciocinado que, se os fins justificam os meios, estava muito bem empenhar-se no sentido de se fazer suceder pelo seu Secretário da Fazenda, que era, como os paulistas o entenderam, um fim de largo alcance para o seu grande Estado.

Os baianos deram igual exemplo, derrotando o oficialismo, para colocar no governo o presidente nacional da UDN, além de mandar para o Senado o Sr. Otávio Mangabeira, eleito pela coligação PL-UDN. No Rio Grande do Sul, o candidato de Jango levou a melhor, derrotando o pessedista Perachi Barcelos, e a coligação PTB-PSP-PRP (e os comunistas?) elegeram para o Senado o Sr. Guido Mondin. O PSD, ligado ao PTB, perdeu uma senatoria, pelo Pará, conquistada pelo Sr. Zacarias Assunção, da UDN. O Estado do Rio,

reduzido que se acreditava visceralmente pessedista, vai ser agora governado por um petebista, apoiado pela UDN, o Sr. Roberto Silveira; e o Sr. Amaral Peixoto, antigo «dono» do eleitorado fluminense, perdeu longe para o Sr. Miguel Couto Filho, também eleito pelo PTB e PSD, ligados à UDN. Fato igual verificou-se em Pernambuco: eleito Cid Sampaio, para o Governo pela coligação UDN-PTB, e Barros de Carvalho, do PTB, com apoio da UDN, para o Senado da República, não obstante a boa atuação na legislatura atual, do Sr. Apolônio Sales que não conseguiu reeleger-se pelo PSD. Santa Catarina, com o Sr. Irineu Borhausen, fez outro senador udenista, pondo por terra o prestígio dos Ramos pessedistas.

☆☆☆

EVIDENTEMENTE, o PSD ganha também em alguns poucos Estados, mas é para o lado contrário que parece estar pendendo a balança, em vista dos resultados que, ao ser redigida esta reportagem, parecem definitivos.

Com isso, pelo menos oito senadores nitidamente oposicionistas (da UDN ou ligados a ela) vão aumentar a bancada não situacionista do Monroe. Isto é sinal de que o Sr. Juscelino Kubitschek deverá ter maiores dores de cabeça, ao enfrentar o Congresso, uma vez que não poderá mais contar com a claudicante maioria parlamentar atual. Mesmo que continuasse a mesma a composição partidista da Câmara dos Deputados, o problema ainda seria difícil para o Presidente, pois é pouco provável que consiga ele formar um bloco majoritário idêntico ao de hoje.

O PR, em 1945, teve legendas distribuídas por 3 unidades da Federação, e não se sabe por que não foi riscado do número de partidos nacionais (pois a lei exige que o partido nacional tenha pelo menos 50 mil votos, distribuídos em cinco unidades); em 1950, conseguiu votação em 15 Estados, e já não havia perigo, mas, em 1954, os seus 106 mil votos, representando 1,1% do total de legendas foram apurados em apenas 7 Estados; desta vez, é provável que esteja outra vez em perigo, e poderá desaparecer. Já o PTB, que teve, em 45, 9,7% do eleitorado, 17% em 1950 e 19% em 1954, deverá mostrar-se fortalecido, depois de terminadas as apurações de legendas; enquanto isto, partidos do centro (UDN, PSD e PR), que tiveram uma votação global de 70% em 45, viram esse índice cair para 61%, em 50, e para 57%, em 1954. E agora?

Não Teve Perdão

Em Chicago, um cidadão amigo do alheio furtou a carteira de um velhinho e acompanhou-o para ver como a sua vítima reagiria ao dar pelo acontecido. Alarmado com o desespero em

que o velho caiu, o cidadão sentiu-se vivamente penalizado e resolveu devolver a carteira roubada.

Entretanto, ao invés de devolver a que pertencia ao velhinho, deu a sua

própria, que continha a sua identidade. A vítima não titubeou em fazer queixa na polícia e o generoso ladrão foi condenado a três anos de cadeia.